

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Geografia



Dissertação de Mestrado

Na Encruzilhada das Práticas e Memórias Negras: Benzedura e ancestralidade
no município de Pelotas-RS.

Ana Paula Melo da Silva

Pelotas, 2019

Ana Paula Melo da Silva

Na Encruzilhada das Práticas e Memórias Negras: Benzedura e ancestralidade no município de Pelotas-RS.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Geografia, da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa Formação de Professores e Ensino de Geografia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof. Dra. Liz Cristiane Dias

Pelotas, 2019.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S586n Silva, Ana Paula Melo da

Na encruzilhada das práticas e memórias negras :
benzedura e ancestralidade no município de Pelotas-RS /
Ana Paula Melo da Silva ; Liz Cristiane Dias, orientadora. —
Pelotas, 2019.

137 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade
Federal de Pelotas, 2019.

1. Benzedura. 2. Benzidos. 3. Ancestralidade. 4.
Transmissão de saberes. 5. Conhecimentos
afrodiaspóricos. I. Dias, Liz Cristiane, orient. II. Título.

CDD : 306

Ana Paula Melo da Silva

**Na Encruzilhada das Práticas e Memórias Negras: Benzedura e ancestralidade
no município de Pelotas-RS.**

Dissertação de Mestrado aprovada, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Geografia, pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data de defesa: 29 de Agosto de 2019

Banca Examinadora:

.....
Prof. Dra. Liz Cristiane Dias – UFPel (Presidente/Orientadora)

Doutora em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual Paulista.

.....
Prof. Dr. Tiaraju Salini Duarte - UFPel

Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo

.....
Prof. Dra. Georgina Helena Lima Nunes - UFP

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho aos que mantêm pulsante a encruzilhada
das práticas e memórias negras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro à Jáh por ter me trazido e sustentado até aqui e aos meus ancestrais, que traçaram o caminho pelo qual conheci a mim e aos meus e iniciei uma jornada de orgulho, resistência e reconhecimento.

À minha mãe Fátima, a personificação do amor e da sabedoria, figura dançante e debochada, dona das minhas gargalhadas mais escandalosas, daquelas que a gente chora de tanto rir, ela é meu cheiro favorito; e ao meu pai Geraldo, amoroso e chorão, sabe de cor minhas comidas favoritas e sempre espera minhas chegadas com elas prontas, meu companheiro de longas caminhadas mato afora. São exemplos de amor, apoio e perseverança. À vocês todo meu amor, admiração e dedicação;

Às minhas avós, Celeste e Minerva, que de perto ou de longe olham por mim e me sustentam com sua presença constante, amor infundável e orações permanentes;

Aos meus irmãos Daniela, Sandro e Pedro, partes de mim que não tiveram as oportunidades que tive e me inspiram a fazer isso por nós e para nós;

Aos meus sobrinhos Léo, Bito, Sá, Aninha e Lilo, que completam minha existência e dão sentido a ela, alegam meus dias e são minha saudade mais dolorosa;

À Amélia e ao Edson, que em 2013 me presentearam com a passagem de vinda para Pelotas e me auxiliaram, de diversas formas, a dar os primeiros passos para que hoje essa conquista fosse possível;

Aos meus amigos Janny, Leon, Pam, Keila e Beatriz que têm lugar cativo no meu coração e memória, a quem vejo tão pouco, mas amo constantemente;

Ao José, Luciano, Fernanda, Bianca, Lucas, Thaianne, Emelli, Nicole, Fabiano, Juncrys, Taqui, Camila e Jeni, que nesses anos foram mais do que uma família, com quem dividi choros e gargalhadas, personagens das minhas melhores lembranças, momentos que guardarei eternamente comigo;

Ao Alinson, companheiro que recebi de presente dos meus ancestrais, que esteve presente durante toda caminhada. Um ser de extrema dedicação e amor que

tornou esse processo mais doce e leve. Todas as canções de Gilberto Gil foram escritas para nós;

À dona Neida e sr. Elci, que nesses anos me cuidaram como filha e que com amor e dedicação supriram minhas faltas e saudades;

À Liz, minha orientadora, desorientadora e reorientadora, que nessas trajetórias acadêmicas me ensinou sobre a importância de narrar minhas vivências, minhas crenças, minhas lutas. Minha eterna gratidão pela confiança e apoio;

Ao Tiaraju, grande incentivador das minhas ideias e uma inspiração como geógrafo e professor;

À professora Georgina, minha referência e inspiração, minha eterna gratidão à todo apoio, reflexões e amor, por toda partilha de conhecimento e confiança;

À professora Erika, que durante os anos de graduação e pós-graduação, sempre amorosa e animada, nos presenteou com boas comidas, risadas e trabalhos de campo;

À cada entrevistada e entrevistado pela disponibilidade, partilha e memória;

À Pelotas, cenário de um céu lindo e terra do meu renascimento;

À CAPES pela concessão da bolsa de incentivo financeiro para a realização da minha pesquisa;

Ao PPGEIO pelo suporte e apoio e assistência ao longo de todo mestrado;

Por fim, num exercício de auto-reconhecimento necessário, agradeço à mim, por ter tido forças para finalizar este processo, mesmo com as dificuldades de conciliar jornada de trabalho e jornada de estudos.

E quero mais!

*Quero que os meus terríveis gritos de dor
sejam os gritos repetidos dos meus irmãos...
Que eu quero dar-te e dar-lhes todo o meu amor,
toda a minha vida, o meu sangue, a minha alma,
os versos que escrevo a sofrer e a cantar...
Só contigo e com meus irmãos quero lutar
por uma vida digna, livre, alevantada!
Sim, quero lutar em ti integrada
confundindo as almas, lado a lado, rimando
nossos esforços e suores,
sentindo o eco de cada brado
das nossas bocas, reboar por esse sertão
fora, longamente, dolorosamente...*

*E que alguém, perdido lá longe, o recolha e diga:
- Mas é minha esta voz, esta dor,
é meu também este brado!*

*Quero compreender-te, minha África,
quero penetrar-te, sonhar contigo,
descobrir-te nua e verdadeira,
sofrer os teus desalentos, esperar contigo,
sempre contigo!
Porque só assim merecerei viver...*

*E que todos digam, quando eu cantar,
ou quando me revoltar, ou quando chorar:
É a África que canta, e grita, e chora!*

Noémia de Sousa, 1951.

RESUMO

SILVA, Ana Paula Melo da. **Na Encruzilhada das Práticas e Memórias Negras: Benzedura e ancestralidade no município de Pelotas-RS**. 2019. 137f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

A benzedura é uma prática comum em todo território brasileiro, sua utilização enquanto modalidade de cura data de tempos imemoriais. No presente trabalho considera-se esta enquanto prática híbrida, formada através do conjunto de culturas africanas, indígenas e europeias, no entanto debruça-se com maior afinco acerca das contribuições negro-africanas por considerar que a prática foi imprescindível para a manutenção da vida e possibilidade de sobrevivência durante a diáspora e que ainda hoje atua enquanto alternativa de cura e autocuidado. Para além de sua concepção atrelada ao processo de saúde-doença, interpreta-se a benzedura também como um processo de aprendizagem para seus atores. Dessa forma, o objetivo desta dissertação de mestrado **é compreender, através de narrativas de benzidos, os saberes que são potencializados, assimilados ou desencadeados através da experiência de benzedura bem como traçar uma análise acerca das possíveis formas de ocorrência destes**. Para tanto foi elaborado, através da metodologia de história oral, um memorial desenvolvido por meio da narrativas de dez benzidos do município de Pelotas/RS que permite visualizar as motivações, o processo da benzedura e o que permaneceu após a experiência e que, por vezes, é perpetrado no cotidiano. Para embasar estes apontamentos e usar as lentes adequadas para tanto, integra o processo de pesquisa também uma revisão bibliográfica que utiliza-se principalmente de referenciais da Geografia, da educação e também das temáticas étnico-raciais, voltadas em especial, para o estudo da ancestralidade, do repasse de saberes e experiências e práticas negras de sobrevivência e resistência.

Palavras-chave: Benzedura. Benzidos. Ancestralidade. Transmissão de saberes. Conhecimentos afrodiaspóricos.

ABSTRACT

SILVA, Ana Paula Melo da. **At the Crossroads of Black Practices and Memories: Blessing and Ancestry in the Municipality of Pelotas-RS.** 2019. 137f. Dissertation (Master Degree in Geography) – Geography Postgraduate Program, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2019.

Benediction is a common practice carried out all over the Brazilian territory that has been running throughout the country back in history as an exercise of cure. The present paper deems benediction as a hybrid practice – which combines elements stemmed from the diverse African, indigenous and European cultures – nevertheless, it is more concerned about the Negro-African contributions for taking into account that its exercise has been essential to the maintenance of life and moreover to the likelihood of surviving the diaspora so far in place for both healing and self-care alternatives. Beyond the conception associated only to the health-disease operation, benediction can also be interpreted as a learning process for their actors. Thus, the objective of the present master's thesis is to stand out **the understand, through narratives of blessed, the cognition that is potentiated, assimilated or triggered through the experience of benediction and to analyze about the possible ways of their occurrence.** For the purpose of this paper, a memorial developed from the narratives reasoned by ten inhabitants of the municipality of Pelotas, RS, Brazil, who have been blessed, allows visualizing the motivations, the process of benediction and what remained after the experience and that, at times, is perpetrated in the everyday life. As to support these notes and to use the adequate lens to do so, the research process also comprises a bibliographic review which mostly uses references based on Geography, Education and ethnic-racial themes, all focused especially on the ancestry study, on the conveyance of knowledge and experiences and also on Negro practices of survival and resistance.

Key-words: Blessing. Blessed. Ancestry. Transmission of knowledge. Knowledge African Diaspora.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 01 - Exemplo da esquematização das entrevistas do Memorial de cura _	37
Quadro 02 - Síntese de entrevista: bem-estar e proteção _____	60
Quadro 03 - Síntese de entrevista: Luxação no joelho (nervo rendido) _____	62
Quadro 04 - Síntese de entrevista: Bronquite _____	64
Quadro 05 - Síntese de entrevista: Proteção contra mau-olhado _____	66
Quadro 06 - Síntese de entrevista: Rendidura _____	68
Quadro 07 - Síntese de entrevista: Proteção _____	70
Quadro 08 - Síntese de entrevista: Dor de cabeça (dor de Sol) _____	71
Quadro 09 - Síntese de entrevista: Quebranto _____	73
Quadro 10 - Síntese de entrevista: Dor de barriga _____	75
Quadro 11 - Síntese de entrevista com benzedeira inativa _____	77
Mapa 01 - Localização das benzedeiros e benzidos _____	83
Mapa 02 - Deslocamentos de benzedeiros e benzidos _____	84
Quadro 12 - Principais doenças tratadas por benzedeiros _____	129

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES –	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
PPGEO –	Programa de Pós-graduação em Geografia
RS –	Rio Grande do Sul
TCC –	Trabalho de Conclusão de Curso
UFPel –	Universidade Federal de Pelotas

SUMÁRIO

CONTEXTO E TRAJETÓRIA	14
INTRODUÇÃO	19
Justificativa	22
Pontos de Partida ou Recortes da Pesquisa	25
Objetivos da Pesquisa	29
Metodologia	31
Memorial de Cura	32
1 A PRÁTICA SÓCIO-ESPACIAL DE BENZEDURA	41
1.1 Dos Atores da Prática: benzedeadas e benzidos	43
1.2 A Benzedura Enquanto Prática Sócio-espacial	46
1.3 Doença de Médico e Doença de Benzedeadora	48
1.4 Elementos do Rito: o acervo da memória e da partilha	50
2 MEMORIAL DE CURA	58
2.1 Apresentação de Dados do Memorial	79
2.2 Demais Dados Aflorados do Memorial de Cura	85
3 ENTRE RAMOS E SABERES: CURAS E APRENDIZAGENS	88
3.1 Memória e Autorregulação	91
3.2 Ancestralidade: O Processo Alinear do Ensino-Aprendizagem	95
3.3 Ancestralidade, Benzedura e Teoria da Aprendizagem Social	98
3.4 Palavra, Oralidade e Silêncio	103
3.5 Tradição Oral	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICE	128

CONTEXTO E TRAJETÓRIA

*É muito fácil fugir mas eu não vou,
Não vou trair quem eu fui, quem eu sou.
Eu gosto de onde eu tô e de onde eu vim,
Ensino da favela foi muito bom pra mim.
(Fórmula Mágica da Paz – Racionais MC's).*

Entrar em uma universidade federal sempre foi uma realidade muito distante de mim, no entanto, sempre foi um sonho, mesmo não sabendo exatamente o que era uma. Minha mãe, mulher negra e pernambucana, criou três de seus quatro filhos sozinha. Passou fome, morou embaixo do Viaduto do Chá, na capital de São Paulo. Meu pai, homem negro, mineiro, saiu de casa com seis anos para trabalhar nas plantações de feijão a 300 km de sua cidade natal, e conta que seu primeiro par de chinelos foi aos 21 anos.

Eu nasci na periferia¹ de São José dos Campos, interior do estado de São Paulo. O nome da minha quebrada é Campo dos Alemães, e desde pequena me questionava sobre esse nome. “Campo dos Alemães? Mas aqui só tem preto!...” talvez esses questionamentos já anunciavam o caminho que eu trilharia na Geografia. Uma das autoras que mais admiro, Elisa Larkin Nascimento (2012), afirma que as famílias das crianças negras dificilmente têm uma formação triangular – pai, mãe e filho – mas extravasa os laços consanguíneos, e a família é formada pela vizinha, pela avó, pela tia... E assim era minha realidade e das demais crianças da rua em que eu morava. Meu pai trabalhava o dia inteiro, então tenho poucas lembranças dele na minha infância, minha mãe trabalhava como empregada doméstica e chegava em casa depois que anoitecia, então desde os dez anos eu já ficava em casa sozinha com meu sobrinho de seis, a gente tinha que esquentar a comida e ir para escola juntos, sempre. Apesar de cuidarmos um do outro, com as inúmeras dificuldades, as vizinhas sempre estavam de prontidão para nos ajudar de todas as formas possíveis.

Meus primeiros contatos com a benzedura iniciaram na infância, visto que na minha família muitas mulheres benzem, tanto do lado paterno mineiro quanto do lado materno pernambucano. A benzedura fazia parte do meu cotidiano, era muito comum ser benzida, tanto quanto ver minha mãe benzer outras pessoas, e das lembranças mais consistentes está o chá de chifre de carneiro, cujo aroma tem lugar cativo na minha memória e na memória dos meus três irmãos, uma memória um tanto quanto traumática, principalmente pelo cheiro. Conforme cresci não estive mais tão inserida nesse universo do benzer, principalmente por minha mãe ter abandonado a prática devido à problemas de saúde e também pela necessidade de aumentar suas horas de trabalho como empregada doméstica.

Contrariando todas as estatísticas, fui uma das poucas mulheres da família a concluir o Ensino Médio. Em casa eu cresci ouvindo que não podia ser mais uma empregada doméstica, assim como minha mãe e minha irmã, mesmo essa sendo, praticamente, quase uma condição imposta às mulheres negras e periféricas. Durante toda minha vida estudei em escola pública, infelizmente a minha trajetória escolar foi marcada por muita violência, seja pelo bairro em que a escola estava, o que fazia perder muitos dias de aula, ou violências comumente sofridas por crianças negras.

Para contornar estes fatos e poder levar comigo os sonhos da minha família, em 2011 me inscrevi para um cursinho popular, o CASD, voltado para alunos de baixa renda que desejam entrar para o ensino superior. No final de 2012, no período dos vestibulares minha sobrinha Aninha teve uma doença rara, ficou muitos dias internada para tratamento, como as luzes da UTI nunca se apagavam eu levei meus livros e cadernos e passava a noite lá estudando enquanto minha irmã ia para casa descansar.

Depois de dois anos de muita dedicação, saindo todos os dias as 7h00 e voltando para a casa as 00h10, em 2013, através do SISU e da política de ações afirmativas, fui aprovada para o curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal de Pelotas. Esse período foi marcado por muita insegurança, visto que eu tinha a aprovação, mas não tinha sequer o dinheiro das passagens ou do aluguel. Nisso eu passei no processo seletivo do Instituto Semear, uma ONG que ajuda jovens de baixa renda que foram aprovados no vestibular a se manter na

universidade. O valor era baixo, mas garantia minha alimentação, a vizinha me deu a passagem de vinda para Pelotas de presente. Desse dia em diante tive que me adaptar completamente a outra cultura, outro estado, outros hábitos e à academia.

Esse novo ambiente me trouxe tantos conflitos internos que não é possível descrevê-los, principalmente identitários. Estar na universidade e notar uma quantidade tão pequena de estudantes e professores negros foi uma delas. Eu cresci em um lugar em que eu nunca precisei pensar sobre a ausência de negros naquele espaço, justamente, por haver muitos, eu não era a exceção, e quase que de repente, me vejo sozinha em meio a tantas pessoas. A adaptação a essa nova realidade foi dolorosa, intensa e longa, acredito que até hoje não me adaptei por completo, e tenho certeza que isso é positivo. Sobre isso, trago uma citação de Milton Santos extraída de uma das últimas entrevistas que cedeu:

Ser cidadão, perdoem-me os que cultuam o direito, é ser como o Estado, é ser um indivíduo dotado de direitos que lhe permitem não só se defrontar com o Estado, mas afrontar o Estado. O cidadão seria tão forte quanto o Estado. O indivíduo completo é aquele que tem a capacidade de entender o mundo, a sua situação no mundo e que se ainda não é cidadão, sabe o que poderiam ser os seus direitos. O modelo cívico brasileiro é herdado da escravidão, tanto o modelo cívico cultural como o modelo cívico político. A escravidão marcou o território, marcou os espíritos e marca ainda hoje as relações sociais deste país. Tenho instrução superior, creio ser personalidade forte, mas não sou um cidadão integral deste país. O meu caso é como o de todos os negros deste país, exceto quando apontado como exceção. E ser apontado como exceção, além de ser constrangedor para aquele que o é, constitui algo de momentâneo, impermanente, resultado de uma integração casual. (SANTOS, 2000).

Os anos na universidade me trouxeram grandes aprendizados, tanto científicos quanto simbólicos e pessoais. Foi nesse novo ambiente que me reconheci enquanto mulher, e, mais ainda, enquanto mulher negra e periférica. Parte desse reencontro se deu através da minha inserção como bolsista do PIBID, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, no qual ingressei em 2014 e permaneci até 2017, ano da minha formação na graduação. Durante esse período atuei como bolsista na Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora dos Navegantes, localizada na periferia de Pelotas. Desde o endereço da escola, Rua Zumbi dos Palmares, até a quantidade de alunos negros ali, me remetiam a um caminho que deveria ser trilhado por mim para uma libertação que eu sequer tinha consciência da necessidade. Descrever esse período é revisitar, com os olhos marejados, experiências que jamais imaginei viver.

Foi naquele espaço de relações intensas que me formei enquanto educadora, geógrafa e mulher negra, (re)conheci a beleza de meus traços fortes, do meu cabelo crespo, da geografia do meu corpo. Ver inúmeras alunas negras se reconhecerem em mim, poder partilhar meu conhecimento, trabalhar com eles a importância de usar giz de cera em várias tonalidades de marrom para pintar nossas peles nas ilustrações ou através de traços expor a cartografia de nossas vivências, de nossos lugares, de nossos não-lugares. Estar ali era revisitar momentos dolorosos que vivi durante minha formação escolar, mas também foi a sorte de poder reescrever aquela história através de outros corpos, outras possibilidades. Imersa nos funks na hora do recreio, nas aulas tumultuadas, na melanina de todos aqueles alunos, eu me refiz. Que fique registrado aqui todo meu amor e gratidão à escola do Navega.

Em uma aula de Geografia Socioambiental no 6º semestre, ministrada pela profª Liz, hoje (e sempre) minha orientadora, tive a idéia de fazer minha pesquisa sobre a relação da mulher com a natureza, e aos poucos, conforme lapidava a ideia, cheguei ao ponto em que jamais imaginei que chegaria novamente: a benzedura. E a partir daí me vi completamente imersa, mais uma vez, nesse universo, desta vez de forma diferente, a prática que eu acompanhava desde pequena agora estava descrita em livros, artigos, periódicos, e narrativas.

O primeiro escrito, fruto dessa reinserção, foi meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “Benzedeiras Negras: Na benzedura a resignificação da solidão e na busca pela cura a manifestação do amor” que traça um paralelo entre a teoria da solidão da mulher negra e a benzedura, ressaltando como as benzedeadas entrevistadas resignificaram sua solidão, em especial na criação dos filhos, através da prática do benzer, e ao entrar para o Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) me vi tão envolvida pelo tema que já não conseguia cogitar outro para pesquisar, e então, retomando os resultados obtidos através do TCC e debruçando novamente sobre o conteúdo, agora com um olhar mais maduro e direcionado, outros muitos questionamentos vieram à tona.

Com a trajetória trazida resumidamente aqui, aponto que esta dissertação trata das subjetividades, das emoções, dos afetos e relações, justamente porque falar de benzedura é narrar a história de minhas avós analfabetas, de minha mãe

que estudou somente até a o 3º ano do Ensino Fundamental, e das demais mulheres de minha família que estiveram muito longe do ambiente escolar formal, mas muito próximas da (sua) natureza, ali, na Caatinga e no Cerrado, foram um solo fértil de bondade, afeto, fé, dedicação e confiança, e eu, em minha posição de primeira mulher da família a ter acesso à universidade, tenho grande honra em poder escrever sobre os feitos de minha ancestralidade. Eu, enquanto pesquisadora negra, compreendo que o tratar desses temas é assumir uma postura combativa contra as opressões de raça, gênero e classe, é lutar contra os estereótipos, preconceitos e apagamentos, e alinhar minha luta à minha história, é ter orgulho de falar sobre mulheres negras e colocar o sobrenome “SILVA” nas referências, e são todos esses aspectos que dão contornos, ritmos e formas às perspectivas tratadas aqui.

INTRODUÇÃO

A benzedura é uma prática presente nas memórias afetivas de muitos sujeitos. Ramos, água, fogo, agulha, pano, copo, ovo e saliva são alguns dos inúmeros elementos utilizados no rito do benzer, e, concomitante ao uso desses, também é comum a utilização de rezas, chás, compressas, banhos, escalda-pés, xaropes e demais remédios naturais e também sintéticos na busca pela cura e reequilíbrio dos indivíduos que optam por esta modalidade. Esta prática antiga demonstra a força dos saberes repassados oralmente, da tradição ancestral, e das resistências ancoradas na memória, no saber-fazer, no espaço, não se findando após a finalização de cada ritual.

As benzedadeiras, figuras centrais dentro da prática, estabelecem, mesmo que inconscientemente, métodos de repasse de saberes que possibilitam a manutenção da prática e sua permanência em contextos nem sempre favoráveis e aderentes. A transmissão de saberes entre estas é alvo de alguns estudos, importantes para entender o processo de formação de uma praticante iniciante, bem como a maneira que se dá a perpetuação da prática, no entanto uma inquietação constante durante as leituras originou uma questão importante: **seriam as benzedadeiras e iniciadas as únicas alcançadas por esse repasse?** Tomando o rumo delimitado pelo questionamento, através de leituras e entrevistas buscou-se compreender se e como esses saberes ecoam nos sujeitos benzidos e como se dão suas aplicações dentro das possibilidades encontradas.

Considerando a indagação anterior, parte-se do pressuposto que alguns fatores são de extrema importância para a perpetuação da prática de cura e transmissão de saberes, em especial, a ancestralidade, que fortemente manifestada na prática sócio-espacial e à experiência. E de maneira a abordar esses aspectos, a dissertação é dividida em duas partes:

Parte da dissertação concerne ao referencial teórico que ressalta a contextualização acerca do tema e uma investigação teórica. Essa se ramifica para dois capítulos, referentes aos três eixos que sustentam a pesquisa: **construção de**

saberes dentro da perspectiva de raça, em que são abordados dados sobre saberes, ancestralidade, tradição oral e memória, trazendo aspectos também da teoria da Aprendizagem Social de Albert Bandura que possibilita compreender as dinâmicas da aprendizagem, e também, **a prática do benzer**, abordando, principalmente, as características da prática e sua relevância enquanto estratégia de sobrevivência. A abordagem destes temas é composta por conceitos importantes que possibilitam melhor compreensão das intersecções as quais compõem, da construção dos objetivos propostos e da problemática pesquisada. No tratar do tema é, também, imprescindível transitar por outros aspectos que acrescentam ainda mais importância a prática, que estarão sempre, implícita ou explicitamente, ao longo do escrito.

A outra parte do trabalho é constituída pelo memorial de cura, elaborado com o intuito de contar histórias de restabelecimento da saúde e manutenção do bem-estar, bem como registrar, por meio da esquematização e escrita, a prática sócio-espacial de benzedura em Pelotas/RS. Este possibilita também a visualização de três aspectos importantes da benzedura: o que motivou a busca pela prática, como se deu o processo da benzedura, e o que permaneceu após a experiência. A coleta das informações a partir do relato de indivíduos benzidos se deu justamente para demonstrar a efetividade, alcance e crença tanto na prática quanto na praticante. Juntamente com os dados coletados são apresentados também recursos cartográficos, que têm como escopo a facilidade de visualização da disposição espacial da prática e de seus atores dentro do município, assim também possibilitar a compreensão de que, mesmo com a diminuição significativa de praticantes, a benzedura ainda se manifesta através de “pontos de resistência”, esses que, por vezes, são as próprias casas das benzedadeiras.

Tão relevante quanto apresentar a temática trabalhada e a estruturação deste escrito é justificar o recorte espacial proposto. No trato de práticas populares crê-se necessária a delimitação do estudo, visto que diversas especificidades as estruturam, como a identidade do povo que as nutrem, as características do bioma em que se encontram, os elementos dispostos, entre outros fatores de suma importância para a compreensão dessas dinâmicas. Isto posto, tendo como referência espacial da presente pesquisa o Brasil africanizado, as lentes aqui

propostas visam se aproximar da prática sócio-espacial que ocorre em Pelotas/RS. De modo a compreender melhor as dinâmicas, processos e relações ocorridas bem como a forma que se desenvolve o interesse pelo estudo nesta referência espacial é necessário compreender, mesmo que brevemente, como ocorreu a chegada dos povos negros africanos no município. De acordo com Vitor Monteiro (2016, p. 18):

O sistema escravista em Pelotas esteve diretamente associado à produção do charque. A cidade se edificou através das mãos de trabalhadores escravizados e constituiu, no decorrer do século XIX, um dos maiores contingentes de escravos da Província do Rio Grande de São Pedro.

Tensionando-se a compreensão da condição de saúde-doença, dentre as enfermidades e males sofridos por escravizados durante o período colonial Beatriz Loner, Lorena Gill e Micaele Sheer (2012) afirmam que, através da análise do Livros de Registro dos Internamentos do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas (RS) referente ao período entre 1870 e 1880, constatou-se, principalmente, a tuberculose, bronquite, pneumonia, em especial pela condição climática da região, doenças no sistema digestivo, diarreia, varíola, febre tifóide, além de maus tratos, carência alimentar, desgaste físico, traumatismos e ferimentos. As autoras destacam que parte significativa desses padecimentos eram tratados através rituais pertencentes às tradições africanas, principalmente com a utilização de elementos naturais e rezas específicas para cada situação (LONER; GILL; SHEER, 2012), o que dialoga com a constatação da importância dessas práticas africanas e afrodiaspóricas para a sobrevivência dos povos negros. Dessa forma, compreende-se que o município foi *locus* de grandes e significativos rearranjos devido à manifestação das inúmeras negritudes que almejavam se (re)construir sócio-espacialmente.

Com a leitura do presente trabalho pode haver o questionamento sobre onde se encontra a Geografia nele, talvez por não tratar diretamente dos temas e conceitos dessa ciência, como inúmeros trabalhos o fazem. No entanto pode-se estabelecer como um “objetivo oculto” aqui a busca por apontar que essa ciência pode – e deve – se aventurar por novos campos e novas perspectivas, e que reduzi-la apenas a algumas perspectivas é observar com miopia todas as possibilidades que essa apresenta aos novos e necessários estudos. A Geografia aqui está nos afetos, na relação da benzedura, da benzedeira e do benzido com a

natureza bem como com o espaço, está no ato político em que a prática se faz e refaz, está também nas relações de ensino-aprendizagem estabelecidas e na prática sócio-espacial que se configura o rito.

Justificativa

O ritual de cura do qual se configura o benzer traz em si grande diversidade. Essa prática se manifesta em todo território nacional e nele se reinventa, se reconfigura, e é essa pluralidade do ato incorporada à singularidade do rito que expressa os encantos, as riquezas e a complexidade da tradição. No entanto, para compreender a trajetória de ensino-aprendizagem da prática é necessário revisitar, mesmo que ligeiramente, a travessia do Atlântico, visto que o movimento diaspórico adaptou os saberes ancestrais ao novo cenário com o qual se depararam os povos negros.

Direcionando a visão à todo trajeto histórico pré e pós-diáspora é necessário pensar nos diversos elementos que possibilitaram a reelaboração de contextos, de modos de vida e de organização. Eduardo Oliveira (2009) atenta para as abundantes formas de acesso ao real, dentre elas a memória, a experiência, o discurso, a razão, o percepto e a ancestralidade. Formas essas que, distante de restrições espaciais, se reafirmaram e rearranjaram de acordo com os contextos os quais se depararam, possibilitando a sobrevivência física, simbólica e epistemológica do contingente negro após a travessia.

Dentre os fatores fundamentais que possibilitaram a reinvenção e reelaboração cultural, alguns deles abordados adiante, destaca-se a importância dos antônimos, como a memória e o esquecimento, a oralidade e o silêncio, a afirmação e a negação, o manifesto e o oculto, o sagrado e o profano. A interação desses elementos e de tantos outros possibilitaram a recriação de modos de vida que foram repassados aos descendentes, e mesmo com rearranjos significativos, trazem consigo a essência que possibilita revitalizar as realidades impostas através do que foi aprendido e que será ensinado.

Voltando o olhar para a temática proposta observa-se que o ato de benzer ainda permeia o cotidiano de muitos indivíduos, mas, no aspecto quantitativo geral, nota-se uma diminuição vultosa no número de praticantes, que é justificado pela idade avançada, por doenças, pelo cansaço dos anos de dedicação ou até mesmo pela descrença crescente dos demais indivíduos na prática (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012).

Com as demandas de uma sociedade moderna capitalista o distanciamento dos saberes tradicionais e a própria relação com a natureza torna-se porosa ou por vezes é negligenciada ou capitalizada. Atualmente a prática se depara com alguns outros percalços que impedem ou dificultam sua continuidade, entre eles o processo acelerado de urbanização, que além de dificultar o acesso às ervas utilizadas, resulta também na imposição de novos ritmos e relações entre indivíduo – indivíduo e indivíduo – natureza, o ingresso e permanência no mercado de trabalho, visto que o dom do benzer exige uma dedicação integral, o crescimento e expansão de denominações protestantes que condenam, bem como demonizam diversas práticas populares e também a perda de interesse das novas gerações nesse saber. (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012). Outras queixas recorrentes se referem à perseguição de médicos ou autoridades sanitárias, a desaprovação da família, as acusações de atividade de feitiçaria, as tentativas de apagamento e/ou criminalização da prática bem como das praticantes, além de demais restrições de acesso e atuação que resultam no declínio acentuado da mesma.

Dessa forma constata-se que a prática de benzedura, de tempos imemoriais e que ainda hoje se manifesta, enfrenta grandes dificuldades para permanecer ativa, no entanto, essa se configura uma atividade de extrema relevância para a construção de uma narrativa de resistência, sabedoria e identidade. Nos dizeres de Cunha e Gonçalves (2017, p. 09) “tal movimento mostra a necessidade de se afirmar enquanto identidades coletivas, num esforço de não deixar que a memória dessas práticas seja parte do passado, reconstruída a partir de restos e rastros de uma tradição”.

Assim, mantê-la viva é ressaltar a efetividade da ancestralidade para o aprendizado do indivíduo, bem como desse saber para a sobrevivência e manutenção da vida em determinados contextos.

Uma justificativa imprescindível para a pesquisa dentro dessa temática se refere à importância de questionar tamanha padronização dos processos de cura, bem como a mercantilização exacerbada dos mesmos. É sabido que os avanços nas pesquisas sobre inúmeras doenças e suas respectivas curas foram e são de extrema importância para a melhora na qualidade e expectativa de vida, no entanto, o afastamento significativo do indivíduo de sua própria natureza por vezes o faz refém de um sistema que lucra com sua condição de saúde - adoecimento. Outra também se refere ao reconhecimento de que a aprendizagem pode se estabelecer através da relação com o outro, de experiências comuns e distante de padrões ocidentais, na crença de uma aprendizagem banhada pelo afeto, pela confiança, e por experiências diversas, sendo aplicada no cotidiano para a melhora da condição de vida. É reconhecer também que os saberes ancestrais não estão engessados em um passado fossilizado, mas se refazem num contexto moderno e se manifestam diariamente através da memória, do corpo, do gesto, da palavra, das relações estabelecidas pessoal e espacialmente.

Compreender a benzeção é penetrar na sua essência, é buscar o significado da sua prática social, entendendo de que modo esse lado da cultura popular, tão fragmentado, hostilizado, rejeitado e marginalizado, é recriado com força e autonomia. É buscar uma significação extraída de relações sociais definidas, que trazem consigo uma concepção de mundo, da benzedeira com o seu cliente, com seu ofício, com sua vida cotidiana. (OLIVEIRA, 1985, p. 70)

A pesquisa de um tema como esse revela muito sobre histórias de cura, afeto, fé e esperança. Acredita-se que abordá-lo é, então, se imergir em uma educação geográfica íntima, repleta de emoções e lembranças que possibilitam compreender que, mesmo em contextos mais específicos, a relação com a natureza possibilita outras experiências e outras formas de enxergar a si e ao outro, o que justifica a necessidade da universidade voltar seu olhar para o que se trouxe na diáspora, que resistiu nas senzalas e que ainda se manifesta nos becos e vielas, reconhecendo que o conhecimento também é feito para além dos muros da universidade, da epistemologia geral, longe dos laboratórios e sequer tendo conhecimento da existência de extensas bibliografias, coletâneas e volumes.

Nesta perspectiva, trabalhar o tema num prisma negro é reivindicar o direito a uma narrativa que valorize as práticas e epistemes negras e negue o

eurocentrismo como única possibilidade de construção do pensamento. Essa medida emancipatória viabiliza a legitimação também teórica das práticas populares negras e desarranja a hegemonia científica que, por vezes, em suas abordagens destina as temáticas negras ao lugar do “outro” (RIBEIRO, 2019). Dessa forma, visa-se a valorização da experiência enquanto ponto de partida e a formação que se apodere do próprio percurso (SILVA, 2015).

Acredita-se que essa análise feita através das lentes da Geografia possibilita uma compreensão plural do fenômeno, o estudo proposto aqui visa, também, aventar maior identidade a essa ciência, compreendê-la como uma Geografia preta, periférica, que resiste e insiste em se manter ativa, mesmo com inúmeras investidas, apagamentos e silenciamentos. Este é um impulso em romper com a tendência de uma análise focada em um corpo neutro, com facilidade a envergadura de uma análise androcêntrica, branca e heterossexual. Buscando diálogos, análises e o contradiscurso no esforço por compreender as singularidades dos recursos culturais e simbólicos não convencionais, além de reconhecer e ressaltar a existência e coexistência de outras temporalidades, concepções do divino, de transmissão e assimilação de saberes e de relação com a natureza (TRINDADE; BERRUEZO; SILVA, 2015).

Assim posto, visa-se aproximar da Geografia da vida, dos afetos e das emoções. Esse escrito é, então, um convite à imersão em uma Pelotas profunda, em uma negritude ancorada na ancestralidade, e na análise da relação entre indivíduo – natureza – espaço, assim como pensar o saber de mulheres negras tendo como lente o ofício da benzedura.

Pontos de Partida ou Recortes da Pesquisa

No intuito da compreensão do tema tratado no presente trabalho acredita-se ser necessário elencar alguns recortes que delimitam e orientam a análise. Ao estabelecê-los visa-se não a redução do campo de investigação, mas estipular os pontos de partida da mesma justamente para aprofundá-la de forma mais cuidadosa.

Sendo assim, a seguir serão apontados os devidos recortes propostos com uma breve justificativa de sua aplicação na pesquisa.

No presente trabalho reconhece-se que os conceitos não são estáticos temporalmente, e que proporcional ao avanço dos processos de discussão e análise a esses podem ser atribuídos significados diferentes. É sabido que ao longo do itinerário histórico da humanidade o conceito de raça, o qual era empregado em seu sentido morfo-biológico, atuou como ferramenta substancial para a criação de hierarquias raciais que foram estabelecidas e empregadas para fundamentar e validar a dominação e o poder sobre outros povos, ideia que, apesar do desuso, ainda hoje promove valores desiguais em acervos materiais e simbólicos. No entanto, respaldado nas considerações de Kabengele Munanga (2003), reconhece-se aqui também o caráter ambíguo do significante, e dessa forma faz-se uso de sua concepção enquanto conceito político-ideológico, estabelecido como categoria de análise da presente pesquisa.

Através do apontado crê-se que a luta antirracista, bem como a abordagem proposta, deve estar atrelada ao conceito de raça, justamente porque, apesar de ter sido utilizada para vitimar determinados grupos, também, quando aplicada devidamente, viabiliza a política de reconhecimento e de ressignificação positiva (SCHUCMAN,2010), como objetiva-se na presente dissertação. O recorte se justifica também pela convicção de que é através da geografia do corpo (MUNANGA, 2003), que explicitamente anuncia a raça, que o indivíduo é percebido, avistado, reconhecido e distinguido, e essa percepção, transportada então para o tema, rearranja a maneira com que o mesmo vivencia a benzedura, da mesma maneira que se reconhece, no papel o qual desfruta na prática.

Isto posto, destaca-se também que durante o escrito será utilizada a terminologia feminina de gênero. Essa escolha se deu, principalmente, por reconhecer a necessidade de pesquisas com identidade, da apropriação política do conceito, bem como por acreditar na urgência e relevância do estudo de gênero para a compreensão das relações sociais (CARLOTO, 2001). Num contexto de desvalorização, violência, falta de oportunidades e de reconhecimento da significância de práticas femininas de construção, implementação e manutenção de conhecimento busca-se desvendar o solo fértil dessa categoria para a análise. Não

objetiva-se aqui reforçar o arquétipo da mulher cuidadora, mas apontar práticas valorizando a presença e o protagonismo feminino. Salieta-se também que não é o intuito negar a presença masculina na prática, mas reconhece-se que as relações de gênero remodelam as experiências humanas, o comportamento e a consciência, logo esse direcionamento do prisma de análise possibilitará o aprofundamento da percepção de como a prática social coreografa as relações de gênero e como essas relações movimentam a roda-viva da prática.

Sustentado pelos apontamentos acima, parte-se do pressuposto de que benzedoras brancas e benzedoras negras vivenciam a benzedura, o espaço, o preconceito contra seus ofícios de formas muito diferentes, bem como experienciam as problemáticas ambientais de forma distinta justamente por habitarem áreas mais ou menos periféricas, sofrem preconceitos de forma mais ou menos violenta ou recebem maior ou menor prestígio como praticante, aspectos muito motivados pelo preconceito de raça, e é em decorrência disso que foram estipulados os recortes apresentados.

O recorte espacial da pesquisa delimitado como o meio urbano se deu pela benzedura apresentar características dessemelhantes. Enquanto no campo a prática se dá na busca da saúde dos animais, para uma colheita mais próspera, manutenção e aprimoramento de atividades produtivas assim como para indivíduos necessitados, como, por exemplo, mulheres em trabalho de parto (OLIVEIRA, 1985), no meio urbano a prática se apresenta com maior intensidade nas áreas periféricas, se manifestando na margem e ali possibilitando a resistência e melhora nas condições de saúde de uma população majoritariamente negra, que é a que mais sofre com o descaso do poder público. E é nesse aspecto que se volta o olhar para a abordagem proposta no escrito, possibilitando compreender como o saber e a prática popular periférica possibilitou a permanência e melhora nas condições de vida nesses espaços.

Outro ponto a se destacar é que no presente trabalho adotou-se a terminologia de “benzedura” na abordagem dessa prática popular. Apesar de comumente as pesquisas sobre o tema também utilizarem os termos de “benzeção”, “benzimento”, “benedição”, “bendicção”, entre outros, como será possível observar em algumas citações ao longo do escrito, essa escolha se deu devido a este ser o

termo utilizado pelas benzedeadas entrevistadas para o TCC que tem a mesma autoria da presente dissertação. Por ser uma prática popular, sua nomenclatura vivencia diversas variações conforme, principalmente, sua localização territorial sem, no entanto, alterar seu significado.

Durante o escrito não haverá distinção entre prática e ofício de benzer. Essa escolha se deu por entender que esse recorte poderia limitar a pesquisa, visto que na prática a benzedeadora opta por exercer e forma pura e simples sua vocação de acordo com sua condição de tempo, espaço, dinheiro, etc., e já no ofício há uma concepção profissional da prática muito mais definida e delimitada (OLIVEIRA, 1985). Como não é o objetivo aqui delimitar a forma como as benzedeadas consideram sua prática, se é de uma forma profissional ou não, o recorte não traçaria rumos consideráveis para a abordagem.

No decorrer do presente trabalho a compreensão de periferia não estará atrelada uma lógica de centralidade e marginalidade, mas na concepção desta enquanto espaço de relações, identificações e resistências sociais, ancorada também na perspectiva de Milton Santos (2001), reconhecendo os processos de solidariedade/horizontalidades que ocorrem ali. Essa aplicação não visa a romantização das tensões existentes neste espaço, mas abordá-las através de um prisma que facilite a compreensão da dimensão do que será abordado no decorrer deste trabalho.

Os recortes foram estabelecidos, justamente, para reafirmar que as experiências humanas não são homogêneas, visto que fatores como raça, gênero e classe interferem diretamente nas vivências e práticas dos indivíduos, e desconsiderá-los nas análises é generalizar e homogeneizar condições completamente distintas, apagando, assim, características que influenciam diretamente no aprendizado e execução de seus feitos enquanto praticantes. Por fim, sublinha-se que a escolha por estipular os recortes apresentados não se respalda na negação de outras presenças na prática da benzedura, tampouco que outros grupos não a experienciam, mas visa-se afirmar radicalmente o lugar de onde se fala e para qual presença volta-se o olhar.

Objetivos da Pesquisa

Como objetivo geral que orienta a pesquisa espera-se compreender, através de narrativas de benzidos, os saberes que são potencializados, assimilados ou desencadeados através da experiência de benzedura bem como traçar uma análise acerca das possíveis formas de ocorrência destes.

Com o intuito de aprofundar a análise proposta e trazer mais consistência para a escrita, apresentam-se os **objetivos específicos** que auxiliaram no traçado do itinerário a ser percorrido para a compreensão da prática, sendo eles:

1. **Explicitar** a importância de reconhecer outras formas de saber, bem como de aprendizagem e de construção de conhecimentos;
2. **Identificar** os movimentos e elementos materiais e imateriais que compõem o rito do benzer e sua respectiva importância no arranjo da prática e para o sentido de pertencimento dos atores;
3. **Desmistificar** e buscar romper os estereótipos acerca das influências africanas na cultura brasileira, em especial, na religiosidade e nas práticas populares;
4. **Evidenciar** o caldo étnico da prática de benzedura e sua importância para a composição da mesma;
5. **Avaliar** como os saberes promovidos pela prática da benzedura se espacializam na cidade de Pelotas/RS.

Com os objetivos elencados pretende-se responder à indagação inicial que inspirou e impulsionou a presente pesquisa. No objetivo geral ocorre o impulso de ressaltar que não parte-se do pressuposto de que apenas a experiência da benzedura desenvolve processos aprendizagens, mas que os indivíduos já carregam em si saberes que, por vezes, foram arquitetados através de suas experiências pessoais, suas relações com demais indivíduos, pelo contexto em que se encontra e pela própria memória ancestral que carrega consigo, arquivos vivos que orientam suas trajetórias. Isto posto, acredita-se que a experiência de benzedura pode influenciar nesses processos, seja enquanto forma de lapidação, aprimoramento ou pelo próprio desencadear destes saberes.

Os objetivos específicos foram construídos para que sanem algumas necessidades da pesquisa bem como da temática escolhida. Desta forma:

No primeiro objetivo específico busca-se, através do referencial teórico, ressaltar a importância do reconhecimento de outras formas de construção e repasse de conhecimento, demonstrando também, por meio das narrativas de cura, a eficácia deste bem como a crença existente em sua efetividade. Esse mesmo objetivo também abarca mais profundamente a importância da oralidade, da ancestralidade, da memória e demais aspectos fundamentais para a estruturação da prática.

No segundo objetivo empenha-se em expor o enxoval que compõe o ritual, entre eles os objetos utilizados, as palavras, os gestos, evidenciando a importância do material e do imaterial na prática como parte fundamental do mesmo. Nele se ancoram as representações dos objetos, do espaço e dos elementos da natureza para a benzedura, assim como a proximidade destes com os atores da prática.

O terceiro objetivo específico visa uma abordagem que supere os estereótipos, generalizações e demonização das práticas religiosas com matriz ou influência africana justamente devido à essa matriz cultural ter fecundado a cultura que se entende por brasileira e se correlacionou com as demais presentes. Afirmar sua relevância é, também, um exercício de decolonização do pensamento e reconhecimento de sua influência positiva na composição da sociedade brasileira.

No quarto objetivo específico tenciona-se à uma pesquisa com identidade. Diversos estudos do mesmo campo sobrelevam apenas os aspectos europeus da benzedura, como as características do catolicismo popular presente na prática, soterrando a influência das culturas negras e indígenas na mesma. Por esta constatação salienta-se durante a pesquisa o viés nativo e afrodiaspórico a que constituem, num processo, também, de valorização dos mesmos, ressaltando características e associações necessárias para tanto.

O quinto objetivos se ancora na busca por compreender como os saberes atrelados à benzedura se espacializam no município. Acredita-se que sua abordagem possibilita visualizar de forma mais nítida questões como deslocamentos, utilização do espaço e a aplicação dos mesmos enquanto forma de aprimoramento da condição de vida e de espaços.

Metodologia

O presente capítulo foi elaborado para descrever o caminho percorrido para o alcance dos objetivos propostos para essa dissertação. Durante a pesquisa para a construção do arcabouço teórico e a formação de ideias iniciais muitas dúvidas surgiram, entre elas a necessidade de escolha sobre qual aspecto abordar dentro da temática de mulheres negras e benzedura e também a metodologia a ser utilizada para tanto. Dessa forma, analisando toda constelação que abarca a benzedura e seus atores observou-se que ao experienciar a prática enquanto benzidos alguns indivíduos se imergiam em um processo significativo de aprendizagem.

Nesta perspectiva compreende-se o ritual atuando enquanto cenário de relações sociais, espaciais e subjetivas, destarte, é necessário aprofundar a análise dos atores, como benzedeira e benzidos, e demais extratos de experiências desencadeados pela benzedura.

A coleta de dados teóricos se deu através de um levantamento e revisão bibliográfica de referenciais consoantes com o tema proposto, objetivando uma abordagem concisa destes e respostas aos objetivos elencados.

Para estruturar os apontamentos feitos anteriormente e desenvolver a análise sobre os mesmos, a presente pesquisa se fixa em três eixos, sendo eles a benzedura, o memorial de cura e construção de saberes, tratados de forma mais detalhada adiante. Num exercício de desmembramento do trabalho apresenta-se cada eixo individualmente para melhor compreensão:

O primeiro eixo, na temática de benzedura, aborda-se sobre as premissas básicas da prática, enfatizando, principalmente, acerca dos elementos utilizados, as doenças tratadas e especificidades que a configuram. Entre as principais autoras e autores utilizados estão Elda Rizzo de Oliveira, Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski, Danielle Gomes do Nascimento, Alberto Quintana, entre outros.

No segundo eixo apresenta-se o memorial de cura, apresentado como um compilado de sínteses de entrevistas de indivíduos benzidos do município de Pelotas/RS, que será aprofundado adiante.

O terceiro e último eixo dedica-se à análise dos processos de aprendizagem presentes na benzedura imersos na ancestralidade baseada na figura da benzedeira. Trata-se também em relação à como esses se desenvolvem, e como os saberes são transmitidos e reconfigurados através das especificidades das praticantes. O cerne deste capítulo se delimita na análise de como esses saberes se potencializam através do ritual, ressaltando também a forma como o fator raça traça diferentes perspectivas dentro de uma mesma prática. Dentre os principais autores que o referenciam estão Sueli Carneiro, Frantz Fanon, Muniz Sodré, Albert Bandura, Fábio Leite, entre outros.

Memorial de Cura

Ao pensar na elaboração da presente dissertação um dos objetivos elencados era a construção de um memorial de cura, tendo como desígnio reunir histórias de experiências de cura através da prática do benzer, a geração de dados se deu através da coleta de entrevistas com indivíduos que foram curados. O proposto memorial, composto por esquematização e síntese das entrevistas, traz recortes que possibilitam compreender os caminhos da benzedura e dos processos de aprendizagem atrelados a ela. Acredita-se que este atua como um instrumento potencializador, possibilitando rememorar e tomar conhecimento de lembranças e reminiscências de cura. Com isso o indivíduo pode re(vi)ver sua trajetória, ressignificá-la, (re)conhecer outras bem como descortinar o conhecimento sobre outras formas de viver os processos de doença e cura (ARENHALDT, 2010).

Determinado o objeto foi escolhida a metodologia de história oral para compreender o caminho percorrido pelo conhecimento tradicional através da prática bem como para coletar os dados da pesquisa. Por conhecimento tradicional adere-se a premissa apontada por Antônio Carlos Diegues (2000) de que esse se configura enquanto um conjunto de práticas e saberes que transpassam o mundo natural e sobrenatural, além de ser caracterizado pela transmissão oral de suas práticas, ritos, representações, símbolos, significados, entre outros, irradiados de geração à geração. Ainda nas considerações necessárias para sua compreensão,

Diegues (2000, p. 31) afirma que “o conhecimento tradicional somente pode ser interpretado dentro do contexto da cultura em que ele é gerado”.

História Oral pode ser considerada uma metodologia que se utiliza de entrevistas com testemunhas vivas, sendo caracterizada também pela ênfase significativa atribuída ao sujeito. Essa metodologia, através da narração das vivências que geram os dados, possibilita resgatar e criar um repertório de bagagens imateriais. Ao lembrar, reconstrói-se as experiências, e ao contar arquitetava-se a história e atribui-se significados. (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012). Paul Thompson (1992, p. 137), assinala que "A evidência oral, transformando os "objetos" de estudo em "sujeitos", contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira".

Visando a construção do mesmo, foi estruturado um roteiro flexível de entrevista com questões que possibilitassem percorrer por memórias e acontecimentos que expõem vivências coordenadas por um sistema de crença, e para a elaboração dessa e de demais necessidades apresentadas para sua elaboração foram utilizadas três principais obras, “Ouvir Contar: Textos em História Oral” (2004) de Verena Alberti, “Usos e Abusos da História Oral” (2006) de Janaína Amado e Marieta Ferreira e “Manual de História Oral” (2005) também de Verena Alberti. Através das apontadas é possível compreender as potencialidades e possibilidades da metodologia para a pesquisa, assim como analisar a prática através de lentes que possibilitam sua compreensão de forma correta e respeitosa.

A obra “Ouvir Contar: Textos em História Oral” de Verena Alberti (2004) aponta, em especial, as possibilidades da metodologia, tendo como a principal, a de retomar o vivido de acordo com o concebido por quem o viveu (ALBERTI, 1990), o que dialoga diretamente com o proposto na pesquisa de desenvolver o memorial de acordo com as narrativas dos indivíduos benzidos. Essa produção não trata diretamente da estruturação das entrevistas, tampouco descreve detalhadamente a forma como essas devem se desenvolver, no entanto, pode ser considerada como obra fundamental para se compreender como o método pode ser aplicado, quais suas premissas básicas, além de possibilitar o entendimento como uma forma de compreender os trajetos e histórias dos indivíduos de maneira a conhecer a história até em sua pequena escala.

A escolha da obra “Usos e Abusos da História Oral” de Janaína Amado e Marieta Ferreira (2006) se deu, principalmente, pelo enfoque sobre a oralidade atribuído nela, demonstrando, também, como a história oral, enquanto metodologia de pesquisa, possibilita uma visão mais atenta às maneiras e de ver e sentir do indivíduo.

E é justamente esse interesse pela oralidade que dialoga diretamente com a proposta. O conhecimento sobre a benzedura é, em uma de suas modalidades, repassado através da oralidade, essa é, então, fundamental para a permanência e manutenção da prática, e é nesse eixo que a história oral se manifesta como metodologia muito adequada para o alcance dos objetivos estabelecidos e apresentados anteriormente. Dentro desta considera-se fortemente, também, a subjetividade da experiência humana e o auxílio no conhecimento da “história popular”:

Abordar o fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central de vida dos seres humanos: o processo de comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humana. (LOZANO, 2006, p. 15).

Acredita-se que a utilização desta possibilita compreender o ponto de vista dos indivíduos entrevistados referente às suas próprias trajetórias e conhecer as possíveis interpretações acerca daquilo. Ressalta-se também que a possibilidade de narrar experiências individuais e coletivas viabiliza a construção e sistematização de um discurso de valorização acerca de si ou do grupo em que está inserido.

A obra “Manual de História Oral” também de Verena Alberti (2005), bem como explicita seu título, configura-se como um manual para a orientação no uso da história oral em suas diversas possibilidades, como exemplo, método de investigação científica, fonte de pesquisa ou técnica de produção e tratamento de informação coletada. (ALBERTI, 2005). Dos pontos mais relevantes evidenciados estão a possibilidade da utilização do método como uma forma de documentar narrativas, considerando-as como uma versão do passado e também a de estudar acontecimentos históricos através de quem os viveu ou testemunhou.

Ressalta-se que a utilização desta não busca reproduzir o fato histórico como ocorreu de forma efetiva e detalhada, mas a maneira como esse foi absorvido e

interpretado por quem a narra (ALBERTI, 2005). A autora destaca também sobre a necessidade e importância do respeito pelo outro em suas opiniões, posições, e visão de mundo. Essa última é quem imprime significado aos aspectos vividos, e é particular e individual, mas também é ela quem possibilita conhecer e interpretar a história de um povo ou de um grupo social (ALBERTI, 2005). Outro ponto de extrema importância no diálogo com a presente dissertação e que é salientado no livro se refere à linguagem falada como um recurso essencial para o conhecimento e a interpretação do passado. Por fim, esta obra, como antecipa seu título, caracteriza-se enquanto um manual ao apresentar, com riqueza de detalhes, os passos da estruturação de uma entrevista até o tratamento e apresentação dos dados coletados.

Feitos os apontamentos metodológicos necessários, apresenta-se, então, a metodologia utilizada no trabalho de campo, que foi feita para a coleta de dados que compuseram o memorial. Utilizando-se das contribuições da história oral estabeleceram-se alguns parâmetros para a coleta de dados. Não é o objetivo do memorial de cura confrontar ideias e experiências, tampouco contrapor as formas de executarem o rito, mas de demonstrar a abrangência, consistência e diversidade da prática, com diferentes narrativas, diferentes concepções sobre a cura alcançada e sobre o rito utilizado para tanto. A história oral permite compreender a realidade de acordo com o concebido por quem a viveu, presenciou ou testemunhou, e a utilização dessa metodologia se mostra muito promissora para o objetivo da pesquisa.

Orientado pelo objetivo proposto no trabalho e considerando o número de depoimentos que havia a pretensão de coletar optou-se pelo gênero de entrevista *temática* (ALBERTI, 2005), que consiste em focar na experiência do entrevistado dentro da temática abordada. Esse recorte, apesar de sua característica mais delimitada, permite compreender o tema de acordo com uma vivência específica, possibilitando também captar através dessa metodologia a entrevista de um grupo, conhecendo vivências individuais em um contexto em comum. Sendo assim, optou-se pelo gênero por permitir conhecer como a benzedura transpassou a trajetória de diferentes indivíduos em algum momento de suas vidas, coletando então memórias costuradas pelo tempo.

Inicialmente, ao pensar sobre como se daria o trabalho de campo, estabeleceu-se que esse deveria acontecer de forma mais “orgânica” possível. Orgânica aqui numa perspectiva de entrevistas flexíveis, com tempo para ouvir, dialogar, compreender e analisar. Orgânica também num sentido de além de ouvir as histórias, entender o papel daquela prática na vida de quem a narra, de não ser um momento voltado somente para a descrição de fatos e preenchimento de dados, mas de conhecimento do dito e do não dito.

Dessa forma, foram selecionados dez indivíduos, dentre eles indivíduos que fazem parte tanto do meio social da autora quanto por meio de indicação. Durante as entrevistas feitas com as benzedeadas para o TCC de mesma autoria muito as praticantes ressaltaram sobre pessoas as quais suas histórias de cura seriam relevantes para se pensar a prática, pessoas que elas mesmas curaram, além de outros que foram indicados por benzedeiras que já haviam sido entrevistados para a construção do memorial. Assim sendo, alguns desses indivíduos, principalmente os residentes da zona periférica, compuseram o corpo de entrevistados da presente pesquisa. Ainda nessa fase de (re)conhecimento dos entrevistados, foi apresentada a temática e contexto da pesquisa, solicitada a permissão para a gravação e documentação integral das narrativas bem como a assinatura do termo de consentimento.

Posteriormente foram executadas as entrevistas individuais, utilizando de caderno de campo, gravador de voz e um quadro elaborado para facilitar a coleta dos dados necessários para a estruturação do memorial. Este quadro, apresentado adiante, foi pensado partindo do pressuposto de que as narrativas seriam longas, e que alguns detalhes importantes poderiam se dissipar com o grande número de informações. A estruturação das entrevistas, os materiais utilizados e o roteiro se deram de acordo com os apontamentos de Verena Alberti (2005) já apresentados anteriormente.

Posterior a coleta de dados através das entrevistas, estes foram esquematizados para darem forma, então, ao memorial de cura. Ressalta-se que, ainda que o quadro a seguir ajude a estabelecer um roteiro à entrevista, esse não era um documento a ser preenchido pelos narradores, mas pela autora, posterior ao tratamento das informações, visto que, como apontado anteriormente, não era o

interesse estabelecer uma dinâmica de perguntas diretas e respostas rápidas, mas um momento de contar histórias, recordar, ressignificar e, mesmo que simbolicamente, reviver o instante narrado, compreendendo aspectos para além dos parâmetros estabelecidos para a construção do memorial. Sua elaboração através de um quadro, exemplificado abaixo, composto pelas seguintes informações:

Quadro 01 - Exemplo da esquematização das entrevistas do Memorial de cura

Bairro:		Raça/ Cor:	
Sexo:		Idade:	
Religião:		Profissão:	
Ano da Benzedura:			
Bairro da Praticante:			
Religião da Praticante:			
Motivação da busca	Espaço	Elementos e Rito	

Fonte: Elaboração da autora, 2019.

A informação do **bairro** foi estabelecida por permitir compreender de qual localidade o indivíduo que buscou a cura é oriundo. Esse dado possibilita a visualização dos deslocamentos feitos na busca pela cura, possibilitando também analisar se a procura pela benzedura se dá no sentido periferia – periferia ou se há a procura também de indivíduos oriundos de bairros mais próximos às zonas centrais.

A indicação de **raça** possibilita analisar se existe a procura ou maior crença na prática de acordo com o grupo étnico ao qual pertence o enfermo, bem como ao qual pertence a benzedeira. Acerca do exposto, ressalta-se aqui a afirmação de que:

Se há cura para as mazelas do mundo que rasgam as peles pretas, se há acalanto para as dores de corpo e alma, sem dúvidas, a resposta passa por nós mulheres, sobretudo, nós negras. Somos frutos também de um amor que emerge de uma força ancestral. (GONÇALVES, 2016, p. 01).

Através dos dados sobre **Sexo** torna-se viável traçar um paralelo se o reconhecimento da benzedeira pela(o) paciente se dá, também, através do gênero, se existe maior procura entre mulheres ou homens, dentre outros aspectos importantes na análise da temática.

Não sem espanto, percebi o óbvio: se recebi algum amor, e estou certa que sim, foi das entranhas de minha mãe, da pele enrugada da avó, dos sorrisos largos de minhas irmãs, dos afagos das tias. O amor que já recebi no mundo veio de fêmeas, de energias femininas que criam ventos, rios, mares, lama. (GONÇALVES, 2016, p.01).

A **idade** possibilita visualizar qual faixa etária aponta maior procura por praticantes, como por exemplo, se idosos ainda procuram por essa prática, se crianças ainda são benzidas com frequência ou se há a procura de jovens pelo ofício.

Através do dado da **religião** do benzido é possível analisar se a procura ocorre motivada também por seu sistema de crença, sendo ele mais ou menos flexível, e se determinadas religiões apresentam maior proximidade com a prática ou com o reconhecimento desta.

A informação da **profissão** foi estabelecida por permitir compreender se a diferença de cargos e funções alteram a procura por essa modalidade de cura. Através desse dado poderá ser compreendido se mesmo com melhores condições e com a possibilidade de acesso a demais tratamentos alguns indivíduos ainda optam pela benzedura.

Em relação ao **ano** em que a benzedura foi feita, essa informação propicia visualizar se a busca pela prática no município ainda se dá de forma intensa ou se atualmente essa procura se mostra menos comum do que a tempos atrás.

A seção que se refere a **bairro da praticante** possibilita a visualização da disposição dessas dentro do município de Pelotas. Com essa seção busca-se analisar em quais bairros há maior incidência de procura, permitindo analisar, também, a relevância da presença das praticantes naquele espaço bem como os deslocamentos que ocorrem motivados pela procura pela prática.

A informação da **religião da praticante** proporciona o conhecimento sobre quais as religiões são propícias esse tipo de atividade, bem como as adaptações

estabelecidas entre os sistemas de crença entre a benzedeira e o enfermo, podendo não partilhar da mesma religião, mas de convicções em comum.

Na seção de **motivação da cura** será possível visualizar quais as mazelas mais comuns de serem tratadas pela prática, se essas pertencem ao campo do natural ou sobrenatural, se são as chamadas “doenças de benzedeira” e também analisar se a modernidade já causou uma modificação na motivação das buscas, como por exemplo, se a benzedeira é procurada para que haja prosperidade nos negócios, ou em casos de depressão, causas judiciais, entre outros;

Na seção de **espaço** busca-se ter acesso às memórias do espaço em que ocorreu a benzedura, ressaltando as características mais significativas deste e visa-se também compreender como a aproximação e reconhecimento com esse espaço auxiliam no processo de cura.

Já em **elementos e rito** o intuito é conhecer quais foram utilizados para a referida prática, como plantas, velas, terço, fogo, entre outros. Nesse aspecto é relevante salientar que existe grande possibilidade de uma mesma doença ser tratada de diversas formas possíveis, com diferentes ervas, jaculatórias ou procedimentos. Isso se dá por diversas determinantes, dentre elas, a identidade das benzedeadas, essa que é, também, formada pelas especificidades no uso de determinados elementos, por ser especialista em uma doença ou até mesmo pela religião a qual se denomina. Essa seção permite também visualizar, mesmo que de maneira superficial, alguns dos elementos utilizados no processo de cura. Aqui se busca também um resgate das memórias do rito que foi utilizado, como o uso de movimentos, rezas, o tempo que durou, se esse ocorreu em mais de uma sessão;

Com informação sobre a localidade, tanto do benzido quando da praticante, foi gerado um recurso cartográfico que possibilita a visualização da localização desses indivíduos e dos deslocamentos feitos por estes, dando visibilidade para os pontos onde há a resistência da prática dentro do município. Esse recurso não engessa essas localizações, tampouco foi elaborado com o intuito de demonstrar de forma estática as disposições espaciais, sua elaboração se deu na busca de uma representação espacial da benzedura, num exercício, também, de reafirmar sua presença e alcance. É necessário apontar também que, apesar de próximas do real, as localizações não estão exatas. Acredita-se que, devido à perseguições e

preconceitos essa foi uma maneira segura de demonstrar as disposições sem, no entanto, colocar em risco e expor de forma exacerbada os atores da pesquisa.

Com os parâmetros apresentados compõe-se o memorial que se configura enquanto eixo importante da pesquisa executada, visto que orienta os rumos da mesma.

Acerca da metodologia estabelecida, através dos referenciais utilizados foi possível compreender as possibilidades e fragilidades destas, bem como que seu emprego é mais comum em outras ciências, em especial na História, no entanto, ao elencá-la parte-se da crença de que sua utilização em temas que usam a Geografia como lente possibilita a aproximação com o indivíduo, podendo conhecer suas interpretações acerca do tema estudado e suas subjetividades que rearranjam a forma como este se relaciona com seu grupo, com o espaço e consigo mesmo. Dentre as propostas do escrito está a busca pelo afastamento de visões universais e generalizantes, num anseio contínuo de reconhecer identidades, especificidades, incorporando sujeitos e versões que, por vezes, podem ser conhecidos somente através do ato de narrar. Desta forma reconhece-se que a utilização da metodologia não está atrelada somente à geração de dados, mas também enquanto compromisso político (RUSCHEINSKY; FORTUNATO, 2004).

1 A PRÁTICA SÓCIO-ESPACIAL DE BENZEDURA

Ainda presente no cotidiano de muitos indivíduos a benzedura é uma prática antiga que se remonta nos cotidianos, identidades, culturas e necessidades. O presente capítulo tenciona-se à análise da prática, trazendo conceitos, características e referenciais importantes para sua compreensão. De acordo com Elda Rizzo de Oliveira (1985) a benzedura pode ser considerada uma prática social utilizada enquanto ferramenta de produção solidária de símbolos e serviços tanto para si quanto para demais componentes de sua classe.

Da proximidade com a prática, seja pelos laços afetuosos com a praticante, pela utilização de elementos de fácil alcance ou pelo ato de se reconhecer nela, por vezes constrói-se a ideia desta enquanto atividade simples, reproduzível, ou até mesmo condena a prática como parte de credices, folclore, etc. Muito distante dessa concepção, aponta-se uma citação de Elda Rizzo de Oliveira (1985, p. 15) “então, o que nos saltava aos olhos como um fenômeno cotidiano e tangível, vai se revelando em toda a sua complexidade de relações e em toda a sua multiplicidade de significados”. O intuito de trazê-la é devido à afirmação da profundidade da benzedura que o mesmo comporta. Muito longe da ideia de uma prática simples e rasa, assume-se aqui que:

Esse conjunto de conhecimentos forma um corpo estruturado de relações vivas que se mantêm e se reproduzem porque são simbólicas, elas sintetizam e traduzem uma dada maneira de ler o mundo e as necessidades das classes populares. E assim, essas relações se atualizam em forma e em conteúdo permanentemente. Elas não são compostas de atos e palavras desarticulados e vazios de conteúdo. Elas transpiram um modo de traduzir a vida, de perceber as ameaças e os perigos e de fazer algo para eliminá-los, extingui-los. (OLIVEIRA, 1985, p. 44).

A benzedura é uma prática complexa, composta por símbolos, elementos, processos, princípios, e utilizada para diferentes quereres e necessidades, e é de extrema importância realçar que essa mantém viva crenças, valores, hábitos endêmicos de determinado grupo (SILVA & FRANÇA, 2012). Sobrevivendo a perseguições, apagamentos e a hostilidade comumente aplicada às práticas populares, o ato de benzer e de ser benzido resistiu e ainda resiste ao longo do

tempo, ele se ressignifica, reconstrói, se reconfigura e se restabelece no espaço e na memória. Pode-se considerar que essa prática faz “parte de uma história, de uma cultura e, ao mesmo tempo, de um processo de produção da vida” (OLIVEIRA, 1985, p. 69).

Ao trazer estes apontamentos iniciais, pretendeu-se primeiramente demonstrar, mesmo que de maneira sucinta, a importância desta e a complexidade de sua estruturação. Uma afirmação relevante e com potencial para sintetizar estes elencados acima se estabelece de acordo com Oliveira (1985), que afirma que a benzedura pode ser considerada enquanto estratégia social e política.

Para compreender a estrutura da prática recorre-se à Alberto Quintana (1999) que afirma que o processo do rito é composto por três momentos que se configuram como fases fundamentais: o diálogo, a benção e a prescrição, respectivamente. A primeira fase, o diálogo, é o primeiro contato da benzedeira com quem a procura, e aqui a benzedeira não só toma conhecimento sintomático da doença que assola o indivíduo, como também já produz ressignificação, e também é onde tem início um vínculo fraterno. Na segunda fase, a benção, é onde se manifestam os diferentes ritos e rezas e uso de elementos específicos, escolhidos de acordo com a doença do indivíduo. Nessa fase é onde se suplica a cura do mal, e também onde ocorre o uso dos elementos não materiais, como as rezas, e de elementos materiais, como ramos, fogo, água, tecido, etc., mas aqui não se finda o ritual, que apresenta a sua terceira fase, a prescrição, que se configura de acordo com a queixa feita na primeira fase. Nesta reside também a explicação do mal que acometeu indivíduo, orientação sobre qual conduta adotar para não anular o tratamento, bem como a prescrição de medicamentos industrializados ou não, chás, pomadas e conselhos. (QUINTANA, 1999, p. 65)

Não devemos considerar que, no caso das indicações de chás e, talvez, principalmente, de medicamentos industrializados, estamos diante de uma ação meramente técnica. Esses produtos, independentemente de suas funções fisiológicas, contêm a idéia de recuperar as forças perdidas pela doença, absorver no corpo a força atribuída a esses elementos, com a finalidade de melhor enfrentar as forças da desordem. (QUINTANA, 1999, p. 65-66)

Ainda no aspecto apontado é interessante ressaltar que nestas etapas reside, também, o processo de potencialização, construção ou adaptação de saberes que adiante poderão ser incorporados pelos benzidos.

No trato da benzedura, tão importante quanto a análise da prática é, também, a de seus atores, benzedoras e benzidos. Partindo desta consideração, inicia-se a abordagem sobre esses dois grupos de interação recíproca, fundamentais para a prática.

1.1 Dos Atores da Prática: benzedoras e benzidos

A velhice, a simplicidade, o afeto, a sabedoria, a paz. O mistério, a experiência, o dom, a crença, a caridade, a benevolência e a força. O “ser benzedora” está para além de ser a mão que segura o ramo, da voz que acalanta, do dom que cura ou da intermediação do sagrado. Muito se lembra de benzedoras nas figuras de avó ou de uma vizinha, no geral, se tem uma imagem de uma idosa que transparece paz e tranquilidade, mas pouco se sabe delas para além do momento do rito, para além das rezas e dos chás, e é nesta brecha que se volta o olhar.

As benzedoras não são apenas intermediárias para a cura. Ritualisticamente, durante o benzimento, envolvem sua própria energia e poesia em um complexo processo de cura vivenciado junto ao seu grupo social, o que envolve as memórias deste. A força mágica, ritualística e social é a da voz. Como tradutoras, nomeiam a doença e os males de sua comunidade, na medida em que dialogam o mundo das memórias e tradições com os aspectos da contemporaneidade, marcando sua resistência e sobrevivência em contradição com a aparente invisibilidade que as cercam. (CUNHA, ASSUNÇÃO, 2017, p. 193).

A vasta espacialidade da benzedura permite a benzedora atribuir ao rito determinadas singularidades que se enxertam aos elementos e rezas devido à influências como a religião, as crenças, os hábitos, as especificidades e o meio em que está inserida, destarte, até mesmo a própria espacialidade insere preceitos particulares ao seu instrumental de benzedura.

Por vezes, a concepção que se estabelece acerca da tradição se ancora sobre a visão de uma prática imutável, estabelecida e preservada de uma única

maneira não flexível às possíveis mudanças. Acerca disso, Diegues (2000, p. 23) reitera que “autenticidade não é sinônimo de imutabilidade”, assim como afirma que “a mudança cultural, a recriação da tradição, só é aceita em relação à corrente civilizatória ocidental. Quando ocorre com outras sociedades, aparece sob o signo de sua não legitimidade identitária” (DIEGUES, 2000, p. 23).

De maneira a apresentar como essas características da cultura se manifestam na benzedura, aponta-se que, de acordo com Nogueira e Versonito (2012, p. 175) “a singularidade de cada benzedeira representa uma adaptação singular, mesmo que tenha recebido o dom de uma maneira, tende a se moldar em busca do ápice de sua realização de benzer”. E essa moldagem se manifesta na forma como ela benze, nos elementos que utiliza, e em tantas outras especificidades que fortalecem sua identidade como benzedeira, mas que, no entanto, não as descaracterizam enquanto classe.

Independente das possíveis especificidades, três aspectos são comuns a elas, como afirma Elda Rizzo Oliveira (1985, p. 25): “Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina o místico da *religião* e os truques da *magia* aos conhecimentos da *medicina popular*” (grifos da autora). É sabido que esses três elementos não aparecem de forma cristalizada em todos os ritos e na prática de todas as benzedadeiras, principalmente pela singularidade que se constituiu por diversos fatores, como salientado anteriormente.

Os mais variados modos de produzir bênçãos implicam formas diferenciadas de saber-fazer esse ato, às vezes um ofício. Implicam diferentes maneiras de atualizar a memória desse ato e a visão do mundo que o sustenta e o produz. E de produzir, na singularidade de cada ato, as diferentes falas sociais. (OLIVEIRA, 1985, p. 15).

Essa diversidade apontada até aqui por vezes é composta, também, pela maneira com a qual a benzedeira aprendeu a prática, a forma como se deu sua formação bem como com a bagagem que a mesma já portava antes de sua iniciação como benzedeira, aspectos que serão tratados adiante.

Enquanto transição para os demais atores da prática, utiliza-se de uma afirmação de Elda Rizzo de Oliveira (1985, p. 76) que possibilita a compreensão da necessidade da abordagem dos mesmos: “embora seja a benzedeira quem determine a direção do seu trabalho, ela não o faz individualmente. O mais

revolucionário de sua prática é o caráter social da sua ciência popular”. Através dos apontamentos da autora é possível constatar que esse saber se manifesta coletivamente, desta forma, conhecer outros personagens da benzedura é necessário para compreender seu alcance.

Infelizmente, poucos são os estudos que se dedicam à análise dos benzidos, apesar de serem muitos os que ainda depositam confiança na prática de benzedura, motivados pela crença tanto na modalidade de cura quanto no praticante. Apesar da dificuldade em encontrar referenciais para tanto, serão apresentadas algumas conjunturas que expõem a importância dos benzidos para a benzedura.

Dentre os principais motivos que implicam na procura pela prática estão as doenças naturais e sobrenaturais, mas também a manutenção da condição, ou seja, quando o indivíduo se encontra em um momento favorável e recorre à prática para assegurar a permanência.

Em relação aos benzidos, de acordo com os apontamentos de Fabiano Araújo (2011) a procura por parte destes pela benzedura se dá principalmente por dois motivos, o primeiro se refere à busca da cura em seu sentido original e pleno, e o segundo pela busca de um sentido para a situação a qual se encontra, justamente porque essa prática oferece “um patamar de significações para as feridas simbólicas desencadeadas pela doença” (ARAÚJO, 2011, p. 83).

A identificação da população, com os agentes da cura informais, revela, antes de tudo, um compartilhamento de linguagem ou identificação de classe social, fazendo com que tais práticas, persistam até hoje, arraigadas culturalmente, minando a base de qualquer argumento elitista e hierarquizante que delega às funções curativas populares um papel menor e relacionado à ignorância. (ARAÚJO, 2011, p. 83).

Ainda neste aspecto ressalta-se que, ao recorrer à benzedura, o benzido reconhece-a enquanto intermediária de poderes divinos e essa crença, atrelada à que este também deposita na prática, potencializa seu processo de cura (ARAÚJO, 2011). Outro ponto relevante dessa abordagem se refere a importância desses indivíduos para o processo de reconhecimento e legitimação social da praticante enquanto portadora de um dom (CUNHA; GONÇALVES, 2017).

Acerca da influência dos benzidos na formação de uma benzedura Oliveira (1985) afirma que esse processo se dá em quatro etapas, sendo o primeiro quando ela percebe o seu dom, o segundo, quando ela se reconhece apta a curar e começa

a reproduzir isso na esfera consanguínea, terceiro, quando sua prática se estende à vizinhos e demais indivíduos do seu meio social e essa é também a etapa em que ela sente necessidade de começar a procurar mais conhecimentos na prática, buscando aumentar sua especialidade em cura de males, e quarto, quando se torna mais conhecida e passa a ser procurada por pessoas alheias a sua comunidade, aqui, ela passa de médica popular à uma especialista em determinadas doenças (OLIVEIRA, 1985). Estes processos possibilitam visualizar a importância dos benzidos para a própria formação da benzedeira, não tendo seu papel delimitado apenas pela sua condição de saúde-doença, mas pelo papel grupal destes.

De acordo com o apresentado até aqui é possível constatar a relevância desses atores para a manifestação da prática. Em relação aos benzidos, grande é a dificuldade em caracterizá-los, visto que suas especificidades são muitas, no entanto, serão tratadas de forma minuciosa em outro capítulo.

1.2 A Benzedura Enquanto Prática Sócio-espacial

O estabelecer da benzedura enquanto prática sócio-espacial se dá baseado nas colocações de Ana Fani A. Carlos (2007, p. 11) que a assume como “modo pelo qual se realiza a vida na cidade, enquanto formas e momentos de apropriação do espaço como elemento constitutivo da realização da existência humana”, considerando fortemente o espaço como *locus* do desenvolvimento e ganho de sentido da vida. Essa pode ser considerada também como uma soma de ações estabelecidas para assegurar um resultado (CORRÊA, 2011).

Aproximando ainda mais do tema da pesquisa, pode-se aplicar essas concepções ao uso do espaço feito na prática da benzedura e por seus atores, a apropriação, reprodução e produção que se estabelecem na busca pela realização da vida (CARLOS, 2007). Ruy Moreira (2017) afirma que essas práticas atuam como resposta às premências da vida humana.

Outro ponto relevante de ser considerado se refere à prática sócio-espacial como fator constituinte da identidade:

A forma está carregada de valor e faz parte do quadro de referências da vida, compondo a prática sócio-espacial e, por isso entrando na constituição

da identidade - esse plano se refere àquele da prática, pois é na prática que a identidade se realiza criando as bases para a constituição da memória. (CARLOS, 2007, p. 89)

Essa afirmação possibilita pensar também nos processos de criação e recriação das tradições manifestadas, também, no espaço e fortemente nutridas pela memória.

As contribuições de Ruy Moreira (2017) também se fazem necessárias para a compreensão do tema. De acordo com o autor “as atividades humanas são uma sequência de práticas e saberes espaciais” (2017, p. 26) na relação de dependência desses dois fatores compreende-se que esses saberes são nutridos pelas práticas, que por suas vezes são orientadas pelos saberes, e essa orientação viabiliza seu avanço (MOREIRA, 2017).

No trato dessas temáticas a associação com a benzedura se faz de forma quase automática, visto que a prática se estabelece espacialmente e tem atrelada em si a busca por uma sobrevivência física, simbólica, espacial. O deslocamentos que ocorrem entre benzedeira e benzido, a apropriação que se faz deste através do plantio, da disposição de objetos, o espaço enquanto parte constituinte de diversos rituais e o depósito nele de formas de sobrevivência demonstram a ligação da benzedura com o espaço, que a materializa, orienta e referencia, portanto, desconsiderá-lo é empanar a benzedura enquanto prática unicamente simbólica e imaterial.

Ainda neste aspecto é importante elencar alguns pontos que viabilizam uma análise estabelecida de forma central dentro das características da cultura abordada. Muniz Sodré (2017) em sua análise afirma que nas sociedades ocidentais hegemônicas o tempo ocupa papel fundamental em suas construções, ligado ao progresso, à modernidade, enquanto nas sociedades orientais não hegemônicas a categoria de espaço é considerada central (SODRÉ, 2017). Visto isso, de acordo com o autor, parte significativa das doenças que os povos negros escravizados enfrentavam eram desencadeadas por saudade, associada, fortemente, ao espaço. Uma das formas comuns de suicídio entre estes era comer terra até a morte, Sodré (2017) associa essa prática ao vazio espacial sentido e vivenciado de forma penosa e profunda por estes.

O autor segue seu diagnóstico apontando que o uso que se faz do espaço, em especial do espaço da religiosidade, é numa tentativa de continuidade de modos de vida e de pensamento (SODRÉ, 2017).

Utilizando dos apontamentos anteriores, é possível compreender que analisar o espaço apenas em seu aspecto físico exclui por completo a possibilidade de reconhecer a construção de um espaço que não é concreto, tampouco se restringe e se demarca fisicamente, mas que possibilitou sobrevivências por viabilizar a recriação de hábitos, territórios, e laços simbólicos que, por vezes, uma visão ocidental hegemônica não concebe ou não reconhece. Se apenas a dimensão física do espaço fosse considerada pelos povos negros a sobrevivência em outros contextos seria uma quimera.

1.3 Doença de Médico e Doença de Benzedeira

Dentre os fatores que influenciam diretamente na escolha da benzedura como uma possibilidade de cura está a crença de que há doenças que só benzeduras podem curar, distinguindo e categorizando os males entre é “doença de médico” e “doença de benzedeira”. No TCC feito anteriormente, assim como nos referenciais utilizados para a construção do presente escrito, foi possível constatar que essa distinção ocorre quase que de forma generalizada. Doenças de benzedeira são espinhela caída, mau-olhado, enguiço, sapo brabo, quebranto, nervo rendido, carne triada, cobreiro, entre tantas outras doenças que sequer cogitam compor os protocolos médicos.

Em uma crítica à medicina erudita e seus meios de cura e lucro, Oliveira (1985, p. 25) afirma que essa se caracteriza como “uma medicina estritamente voltada à medicalização da sociedade, e com isso interferindo direta e favoravelmente na neutralização das tensões sociais, e contando com a sua principal aliada, as multinacionais do remédio”. A mesma autora segue sua análise afirmando que, principalmente no meio urbano, a prática de benzedura se estabelece como uma forma de resistência política e cultural à medicina erudita bem

como uma estratégia política e social que se manifesta no cotidiano (OLIVEIRA, 1985).

Sendo assim, pode-se compreender que o diferencial da medicina popular para a medicina erudita é, justamente, a proximidade do agente com a natureza, e esse sistema de crença e ação se manifesta principalmente no cotidiano. A ação da benzedeira se estende para além da concepção dos males naturais, abrangendo também o aspecto sobrenatural da origem dos males que atingem o indivíduo. Dessa forma, as doenças consideradas naturais são provenientes da ação de bactérias, vírus, má alimentação, entre outras. Já as doenças sobrenaturais originam-se de agentes humanos e não humanos, de seres sobrenaturais, uma praga que foi rogada, ou também de sentimentos, como, por exemplo, inveja e olho-gordo (MAUÉS, 1990). Elda Rizzo de Oliveira faz um apontamento importante para compreender onde se instala a prática da benzedura, segundo a autora “é, contudo, no estreito espaço que escapa ao controle que fazem a medicina e a religião eruditas na nossa sociedade, que a benzedeira formula o seu trabalho nos dias atuais.” (1985, p. 26)

Dessa forma, as ditas “doenças de benzedadeiras” ultrapassam a concepção de uma doença unicamente física e sintomática, e caracterizam-se por serem compostas por um conjunto de significados simbólicos que englobam aspectos psicológicos, morais e sociais. Essas doenças, então, podem ser categorizadas como perturbações que afetam diversas áreas do cotidiano do enfermo (CUNHA; ASSUNÇÃO, 2017). Sendo assim, a atuação da benzedeira se manifesta tanto no campo físico quanto no espiritual devido a mesma ser detentora de um “conhecimento que une o prático e o mágico inseparáveis, dentro de um complexo sistema de técnicas e comunicação que adentram os mistérios do conhecimento.” (CUNHA; ASSUNÇÃO, 2017, p. 191), e aqui se ressalta a importância da prática popular religiosa para dar sentido à situação, preenchendo, assim, as lacunas abertas pela doença. As feridas abertas pela realidade a qual o indivíduo se depara.

A ação de distinção sobre qual campo a doença constatada pertence possibilita um movimento entre campos de saberes que por diversas situações se unem para promover curas cotidianas. A escolha pela benzedura, como apontado, não se restringe apenas à busca de se descativar do mal, mas se dá também pela

necessidade de encontrar um sentido para a situação, num movimento contínuo de partilha de crenças. O ritual o qual o indivíduo vivencia não se restringe apenas à cura, mas abarca também um processo de aprendizagem nem sempre exposto, mas, mesmo que internamente, contínuo e latente. Atrelado à este aspecto, está o acervo de elementos utilizados, influenciando diretamente no processo de crença e cura.

1.4 Elementos do Rito: o acervo da memória e da partilha

Na análise das relações com os elementos utilizados no ritual de benzedura alguns aspectos devem ser abordados. Afirmar que a benzedura é uma prática estritamente de matriz negra seria abordar com miopia as demais tradições que conjuntamente se manifestam nela. A sobrevivência da mesma se deu, também, pelo diálogo e negociação com outras tradições e coletividades, como as ocidentais, principalmente indígenas, parte disso é confirmado na análise dos elementos utilizados para a benzedura. No entanto, antes da abordagem dos elementos e de suas influências é necessário debruçar sobre o ritual e sua importância para povos negros.

Segundo Claude Rivière (1996) um ritual se configura pelo conjunto de gestos, atos e práticas com uma finalidade estabelecida. De acordo com Miorando (2018, p. 107) este “[...] possui a função de agregar sensação de segurança para quem o pratica, garantindo estabilidade em momentos de conflito que, de outra maneira, não poderia ser encontrada”. Neste aspecto é pertinente também considerar a importância do ritual enquanto resistência e componente do repertório simbólico que auxiliou a construção de possibilidades de vida de indivíduos negros, seja através do aspecto mágico-religioso ou pela compreensão do corpo para além de uma escala somente física (LODY, 1987). Ressalta-se que este também possibilita compreender e lidar com fenômenos que extrapolam a escala natural (MIORANDO, 2018), o que possibilita interações com o simbólico. Isto posto, a seguir serão abordados os principais utilizados nos rituais, acompanhados também apontamentos necessários para melhor compreensão.

Nei Lopes em seu escrito “Bantus, Índios, Ancestralidade e Meio Ambiente” (2007) aborda a questão das interações sob um aspecto muito relevante. De acordo com as afirmações do autor a relação que os negros, principalmente de origem Bantu, estabeleciam com a natureza e a concepção de ancestralidade possibilitou um eco com as ideias de indígenas brasileiros. “Segundo a tradição dos povos Bantus, por princípio toda terra é sacralizada – até mesmo uma terra estrangeira [...]” (LOPES, 2007, p. 197), e essa sacralização se estende aos rios, árvores, a terra, as plantas e aos ventos, justamente porque, de alguma forma, esses elementos serviram aos antepassados, hoje ancestrais (LOPES, 2007). Aprofundando nessa ideia, muito longe de concepções econômicas dos bens naturais, os povos africanos estabeleciam uma relação de respeito com a natureza porque seus elementos forneciam remédios, sombra, alimento, tanto para seus ancestrais quanto para os mesmos, uma concepção que dialogava diretamente com a dos povos indígenas brasileiros.

Foi de posse de crenças e tradições assim estruturadas que os Bantus aqui escravizados encontravam os donos originais da terra brasileira. Desse encontro, uma atitude geral de deferência e reverência gerou alianças que atravessavam as fronteiras simbólicas (LOPES, 2007). Essas alianças geravam, também, a troca de experiências ecológicas, o que, de acordo com o autor, muito se refletia no uso de plantas, fato que dialoga diretamente com os apontamentos trazidos no presente escrito. Conforme afirmado por Nei Lopes (2007), os povos negros africanos respeitaram, colheram e reprocessaram as concepções indígenas sobre natureza e ancestralidade, bem como repassaram as suas e estabeleceram trocas que foram fundamentais para sua sobrevivência em terras brasileiras.

Ainda na perspectiva dos conhecimentos aplicados pode-se utilizar das contribuições de Muniz Sodré (1988) que permite compreender que dentro da lógica espacial negro-africana a presença do corpo é indispensável, no entanto este não age sozinho, podendo interagir com objetos e demais recursos. Dentro dessa utilização grande é a pluralidade de elementos, que remete então à concepção que se tem da natureza nas culturas ancoradas na ancestralidade, em que a terra, as águas, e as espécies animais e vegetais são os símbolos da ancestralidade africana

(SODRÉ, 1988) não ocorrendo, então, o afastamento desses elementos visto que faz-se parte deles.

Um aspecto interessante que possibilita compreender a cosmopercepção¹ africana se refere ao chão e sua importância dentro dessas culturas, o que se difere expressivamente das concepções ocidentais modernas em que a verticalidade remete ao desenvolvimento enquanto o chão é retrocesso, queda (PETIT; CRUZ, 2008). A ligação com o solo nessa visão de mundo é perceptível na benzedura a maneira em que a benzedeira utiliza-se de elementos provenientes do solo e reconhece a necessidade de uma relação harmoniosa com a (sua) natureza. A utilização de pedaços de rocha em alguns tipos de benzedura, de terra nas preparações ou o ato de enterrar algum elemento após o ritual possibilitam compreender esse prisma bem como o acesso à memória ancestral.

No que se refere aos elementos comumente utilizados na prática, cada um tem em si uma função essencial dentro do rito e atuam como arsenais de cura (SILVA, 2009, p. 12).

Esse arsenal geralmente é adquirido através das gerações, passados como sabedoria, através da oralidade, principalmente. O ato de transmitir tais conhecimentos faz o grupo estar sempre reconstruindo lembranças e, conseqüentemente, reafirmando a sua identidade.

Dentre os mais utilizados na benzedura, os vegetais são fundamentais nos processos de cura, o que expõe de forma muito nítida os feixes da ancestralidade manifestados na prática e no cotidiano. Um exemplo disso se refere ao uso de plantas nos preparos, receitas e trabalhos, que foi um dos tantos conhecimentos transplantados para o território brasileiro.

Sobre a utilização medicinal e mágica de plantas, Pierre Fatumbi Verger (2005) se dedicou à construção de uma obra espessa sobre o uso destas pelos Yorubás, sociedade negro-africana das regiões que hoje compõem parte das repúblicas da Nigéria e do Benin, que permite visualizar profundamente a importância do uso tanto nessas sociedades quanto nas manifestações que sobreviveram à travessia e que, ainda existentes, permitem tanto a sobrevivência

¹ O termo “cosmopercepção” é utilizado de acordo com Oyèrónkẹ Oyěwùmí (1997) que afirma que aplicar a terminologia de “cosmovisão” é uma prática eurocêntrica de descrição de culturas que, por vezes, antepõem os demais sentidos.

em outro contexto quanto a revitalização da realidade em outro território (MUNANGA, 1988).

A relação com espécies vegetais diferentes experienciada pelos primeiros grupos negros a chegarem ao Brasil, estabeleceu-se através de articulações e negociações culturais. Os encantamentos memorizados permitiam o acesso à reminiscência dos empregos das plantas rituais e medicinais, e, apesar da impossibilidade de acesso a maioria das que eram comumente utilizadas no continente africano, esses povos souberam se adaptar às espécies vegetais naturais da nova terra, através da troca de conhecimentos com populações indígenas nativas, assim como introduzir em seus acervos a utilização de espécies até então exóticas de demais regiões do planeta trazidas pelos colonizadores (CAMARGO, 2006), a título de exemplo tem-se a arruda (*Ruta graveolens*) hoje como uma referência nos processos de cura.

Ao se aprofundar na memória do rito, além das plantas, muito se manifesta na lembrança a presença de velas, facas, garrafas, copo d'água, ovo, agulha, linha, sal, cinzas, carvão, tecido, tesoura, entre tantos outros. Inserida nessa análise dos elementos fundamentais do rito é necessário também o trato acerca do valor sacral empregado aos mesmos. Isso se estabelece quando o elemento é deslocado de seu sistema natural de origem e passa a ser legitimado através de sua utilização no novo sistema de acordo com as características do mesmo e do universo mítico em que agora esse é empregado (CAMARGO, 1961). Dessa forma então, a vela, o tecido, a tesoura, o carvão, as plantas, a saliva e demais aparatos do complexo ritualístico assumem outro valor quando articulados e aplicados ao ritual.

À luz das contribuições de Nascimento (2010) a seguir serão abordados alguns objetos e elementos do ritual que mais se destacam pela presença na prática.

- **Plantas** – As plantas são um dos elementos mais presentes na benzedura. Dentre os principais utilizados, principalmente em rituais de proteção, estão a guiné (*Petivea alliacea*), o alecrim (*Rosmarinus officinalis*), a arruda (*Ruta graveolens*) e a espada de São Jorge (*Sansevieria trifasciata*), entre outros, em que dentro do rito assume diferentes significações, e na eficácia da benzedura, principalmente por “mau-olhado” é possível observá-las

emurchece. A justificativa para o novo estado do vegetal é a que todo o mal que assolava o indivíduo passou, então, para o ramo, que agora deve ser colocado para fora do ambiente domiciliar, sendo posto no quintal, jogado em cima do telhado ou enterrado. Acredita-se que quanto mais murcho fica o ramo, mais “carregado”² estava o benzido. Nessa interpretação Nascimento (2010, p.80) sustenta que “O ramo, nessa perspectiva, não é qualquer planta, é um instrumento que possui uma carga significativa voltada para o mundo mágico onde Ihe é depositada uma força suficiente para retirar o mal”.

Outro emprego comum dos vegetais nos rituais mágico-religiosos se refere ao tratamento indicado após benzedura, sejam enquanto chás, compressas, xaropes, banhos, emplastos. No município de Pelotas é muito comum encontrar em quintais plantas como espada de São Jorge, arruda e demais vegetais, principalmente de uso medicinal, dentre elas a hortelã (*Mentha spicata*), o poejo (*Mentha pulegium*), o anis-estrelado (*Illicium verum*), funcho (*Foeniculum vulgare*) e o alecrim (*Rosmarinus officinalis*). Essa proximidade com práticas tradicionais impressas no espaço demonstram a crença no poder dos vegetais para o alcance das curas necessárias e a manifestação dos saberes ancestrais aplicados ao cotidiano.

- **Faca e Tesoura** - A faca e a tesoura trazem consigo a simbologia do corte, o cessar da doença, a ruptura do mal que assola o indivíduo, impedindo, assim, seu avanço. De acordo com os apontamentos da bibliografia que embasa esse estudo, a faca comumente é utilizada juntamente com um ramo, que simboliza a doença a ser cortada. A tesoura, em determinados rituais é passada ao redor do indivíduo num sentido de retalhar as forças negativas.
- **Tecido, Agulha e Linha** - Outros objetos utilizados na benzedura são o tecido, a agulha e a linha. O rito da costura, também conhecido como ato de coser, é utilizado, principalmente, em casos de machucaduras ou quebras, quando o indivíduo é, simbolicamente, costurado, devolvendo a ordem ao corpo, numa busca por unir novamente carne, osso e nervo.

² Utiliza-se do termo para designar um indivíduo que foi acometido por inveja, também conhecido como “olho-gordo”. No ato do rito, a benzedeira aponta forte energia negativa no benzido. (NOGUEIRA; Versonito; Tristão, 2012).

Através bibliografia utilizada foi possível constatar que esse rito varia pela utilização de linha preta, costurando uma cruz em um tecido branco ou com linha branca, costurando de forma em que simbolize uma junção das partes então separadas, quebradas (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012). Essa benzedura de costura geralmente se configura através de um sistema de perguntas e respostas, sendo assim, a benzedeira reza de forma a utilizar também da fala do benzido. A exemplo: “O que é que eu coso?”, questiona a benzedeira. “Carne triada”³, responde o paciente. ambos finalizam rezando: “Carne triada ou, osso rendido, nervo torto, junta desconjuntada, veias corrompidas, coração amargurado. Aqui mesmo eu coso com os poderes de Deus e do Divino Espírito Santo, Jesus cura, Jesus Salva e Jesus liberta” (SANTOS, 2007, p. 85). Em resumo, o corpo é representado pelo tecido, enquanto a agulha representa Jesus Cristo, unindo e curando a pessoa enferma (NASCIMENTO, 2010).

- **Água** – Dentre os objetos e símbolos do referido rito aponta-se também o uso recorrente da água. É sabido que esta é muito empregada nos rituais religiosos, principalmente pela sua característica como um elemento sagrado, purificador e regenerador. Eliade (2008) permite compreender a importância da água dentro da cultura de reza, nela a água é metaforizada pelo mar, sendo, então, o lugar ideal para lançar todo o mal, visto que nele, devido sua força e imensidão, é impossível o mal se manifestar. Outra maneira de considerar a água dentro da benzedura se refere a sua capacidade de curar doenças, sanar as feridas e trazer o alívio necessário.

Incorporando a perspectiva da água dentro da benzedura pode-se pensar também em sua simbologia dentro do município de Pelotas, em que três influentes corpos d’água são relacionados a três orixás, sendo arroio Santa Bárbara – Iansã, Arroio Pelotas – Oxum e Laguna dos Patos – Yemanjá, expondo trechos da cosmo percepção africana aplicados ao contexto e um movimento de consagração dos fluentes do município (AVILA, 2011).

- **Óleo** – Este, bem como o símbolo apresentado anteriormente, traz em si o traço do sagrado. O óleo simboliza a cura sobre o corpo e o espírito, em umas

³ Entende-se por triada algo que foi rompido bruscamente. (SANTOS, 2007).

das benzeduras para cobreiro, por exemplo, desenvolve um papel tanto simbólico quanto curativo, representando a presença de Deus e do Espírito Santo atuando sobre a enfermidade (NASCIMENTO, 2010).

Além dos já apontados, destaca-se ainda a presença de espécies do reino animal nos rituais. A utilização de formiga-onça, lesmas, peixes, tartarugas, lagartixas e demais componentes das faunas é comum em ritos de cura, como em casos de pneumonia, asma, sinusite, entre outras.

Ainda na investigação da influência dos elementos nos rituais é possível também pensar acerca das doenças vinculadas aos elementos da natureza, como ocorre de associar a intensificação de uma dor à mudança do ciclo da Lua, a dor de cabeça por causa da exposição ao Sol ou ao sereno, o vento que pode trazer situações ruins, como enfermidades e feitiços, e o calor do fogo que causa doenças (MINAYO, 1988). As associações demonstradas expõem a crença na natureza e na influência que essa pode causar para um desequilíbrio ou para restabelecer o equilíbrio necessário, como benzer para verrugas à noite debaixo da estrela mais bonita, a utilização de fogo nos rituais, benzer sempre virado para a mesma direção que o Sol e a consideração da fase da Lua nos rituais para intensificar o poder de cura.

No que diz respeito aos elementos e concepções apontadas ao longo dessa seção salienta-se que as articulações dos mesmos auxiliam também nas próprias situações ritualísticas de cura assim como dão sentido a elas. A sobreposição dos significados orienta para um horizonte de significações rearranjadas pela busca da cura. Através dos apontamentos até aqui apresentados é possível constatar que a crença na benzedura e na benzedeira se dá também, por vezes, por uma identificação de crença, classe, raça e gênero. Essa proximidade com a realidade do benzido, até mesmo vinculado a ligação com os elementos apresentados, estabelece laços de vivências e vínculos estruturados pelo autorreconhecimento e partilha de realidades, o que pode potencializar sua possibilidade de cura.

Apresentados os conceitos e demais análises relacionadas ao universo da benzedura a seguir inicia-se o estudo sobre as narrativas dos benzidos. Acredita-se que esses primeiros apontamentos constroem um assoalho para as análises

subsequentes, facilitando os processos de compreensão dos contextos em que as narrativas se inserem.

2 MEMORIAL DE CURA

O capítulo que se principia aqui se refere ao memorial de cura desenvolvido na presente pesquisa. O intuito em construí-lo se deu na busca por reunir histórias de cura que tiveram a benzedura enquanto recurso, e essa ideia busca reconhecer a importância de narrativas que descrevam as experiências de quem acredita e utiliza essa prática bem como acredita na efetividade da ancestralidade como repasse de conhecimento. Como já descrito na metodologia tratada no início da dissertação, algumas obras teóricas bem como alguns recursos foram fundamentais para a construção desse memorial, no entanto algumas informações adicionais serão abordadas adiante.

Ao todo, para a construção foram entrevistadas dez pessoas as quais suas trajetórias haviam sido transpassadas em algum momento pela presença da benzedura. O conhecimento e escolha dessas histórias se deu, principalmente, através de indicação, ou seja, pessoas que tinham ciência da pesquisa, ou que já eram envolvidas com a prática, apontavam outras que pudessem vir a somar através de suas narrativas. Por meio disso formou-se uma teia de histórias de cura, de conhecimento e reconhecimento que edificou a presente seção.

A coleta dos dados se deu, em alguns casos, nas casas dos entrevistados e, em outros, em espaços públicos da cidade. Essa escolha era de acordo com a preferência de cada um, motivados principalmente pela facilidade de acesso ou pelos horários disponíveis.

No primeiro contato feito pessoalmente a conversa se iniciou através da apresentação da autora acompanhada da apresentação da pesquisa. Logo após foram solicitados alguns dados que facilitariam a composição das informações do memorial e em seguida a(o) entrevistada(o) foi convidada(o) a iniciar seu relato sobre as experiências na benzedura, que foi registrado utilizando as ferramentas já descritas anteriormente. As entrevistas variavam entre 15 min e 35 min, de acordo com as narrativas de cada um. Ao final das coletas das narrativas foi apresentado o termo de compromisso e solicitada as respectivas assinaturas.

Isto posto, inicialmente serão apresentadas as entrevistas com a síntese e organização dos dados obtidos, após serão expostos alguns apontamentos gerais extraídos das narrativas. Ressalta-se que nessa fase foram apenas abordadas as informações de acordo com os relatos, visto que esses pontos já foram tratados direta ou indiretamente durante o referencial. Por fim apresentam-se algumas informações adicionais que podem auxiliar na compreensão do ritual assim como de sua presença na história desses indivíduos.

Quadro 02 - Síntese de entrevista: Bem-estar e proteção

Bairro: Porto		Raça/ Cor: Negra
Sexo: Feminino		Idade: 44 anos
Religião: Umbandista		Profissão: Bacharel em Direito
Ano da Benzedura: 2019		
Cidade da Praticante: Arroio Grande		
Religião da Praticante: Umbandista		
Motivação da busca	Espaço	Elementos e Rito
Apenas pelo desejo, por acreditar ser importante se manter benzida para manutenção de seu bem-estar e para sua proteção.	Na cozinha de sua própria casa	<p>Água e Espada de São Jorge (<i>Sansevieria trifasciata</i>)</p> <p>A espada foi imersa na água e depois passada pelo corpo da benzida e dos demais que estavam presentes.</p> <p>Por fim a benzedeira orientou que a planta fosse descartada em um espaço com muita vegetação, como um matagal, por exemplo.</p>

Fonte: Da autora, 2019.

No episódio narrado ocorreu a benzedura de toda a família em conjunto, que se dispôs na cozinha numa ordem cronológica de idade, em que a benzedura era feita no sentido horário e decrescente, ou seja, as pessoas mais velhas eram benzidas primeiro que as mais novas. Para todos os casos as benzeduras foram feitas com água e Espada de São Jorge, que após sua utilização deveria ser descartada em uma área com muitas plantas. Um aspecto interessante a ser destacado é a afirmação de que em nenhum dos casos os benzidos desse episódio apontaram qual a necessidade da benzedura, então a praticante, com quase 90 anos, passou por cada membro benzendo de acordo com o que ela sentia que

deveria ser feito ou que tinha necessidade de ser tratado naquele momento, e dentro do ritual eram feitas orações para Xangô, São Cipriano, entre outros.

De acordo com o relato da entrevistada, a mesma acredita ser necessário se benzer sempre que possível, demonstrando profunda crença na prática. Sua trajetória, assim como em demais relatos, foi e ainda é permeada pela benzedura, sendo comum recorrer à essa prática quando sente necessidade ou tem oportunidade. Outra informação interessante é de que ela e seus irmãos cresceram sendo benzidos pela sua mãe, que fazia rituais para a cura de encalho, espinhela caída e cobreiro.

Quadro 03 - Síntese de entrevista: Luxação no joelho (nervo rendido)

Bairro: Três vendas		Raça/ Cor: Negra
Sexo: Feminino		Idade: 47 anos
Religião: Umbandista		Profissão: Auxiliar de lavanderia
Ano da Benzedura: 2017		
Bairro da Praticante: Três Vendas		
Religião da Praticante: Umbandista Nação (Mãe de Santo)		
Motivação da busca	Espaço	Elementos e Rito
Luxação no joelho - Nervo rendido	Casa aconchegante na terreira, com muitos incensos e imagens.	Tecido, agulha e linha. Para este processo de cura foi utilizado o ritual de costura. O tecido foi colocado em cima do joelho e a benzedeira foi costurando-o com linha e agulha simbolizando a costura do joelho rendido. Durante o ritual foram ditas algumas palavras que não foram possíveis compreender, e com o fim do ritual o tecido deveria ser descartado em um lugar com água abundante, nesse caso, sendo descartado, então, na lagoa.

Fonte: Da autora, 2019.

A entrevistada conta que em um dos casos que recorreu a benzedura foi quando sofreu um acidente que causou a ruptura de seu joelho, então decidiu recorrer ao ritual de “costura” que as praticantes fazem.

Outro aspecto interessante informado é que em sua religião, a Umbanda, é comum utilizar a benzedura, o que influenciou muito sua procura pela prática. De acordo com seu relato suas memórias de benzedura são antigas, como quando sofreu de apendicite aos 12 anos e indicaram a sua mãe que a levasse à uma benzedeira que fazia esse tipo de tratamento e residia no bairro Guabiroba, zona

Oeste do município de Pelotas. A benzedura que se dava em frente a um congá e depois era receitado uma medicação que deveria ser comprada em uma farmácia. De acordo com a entrevistada ela não precisou ser operada e também não sofreu mais de apendicite depois da benzedura e do tratamento indicado pela benzedeira.

Ela relatou também que quando precisou levou sua filha à benzedeira e que essa prática é muito presente em sua trajetória, principalmente relacionada à cura de quebrante e encalho, e essa procura se dá justamente por acreditar muito na sua eficácia e no conhecimento das praticantes.

Quadro 04 - Síntese de entrevista: Bronquite

Bairro: Navegantes		Raça/ Cor: Negra
Sexo: Feminino		Idade: 23 anos
Religião: Umbandista		Profissão: Estudante de Teatro
Ano da Benzedura: 2016		
Bairro da Praticante: Navegantes		
Religião da Praticante: Não soube informar		
Motivação da busca	Espaço	Elementos e Rito
Bronquite	Casa da benzedeira Além do cômodo em que foi benzida relata a existência de outro em que apenas a benzedeira adentra para fazer os preparos	9 pedaços de rocha Chá de ervas Ritual feito durante 7 sextas-feiras A benzedura foi feita com a benzedeira segurando os pedaços de rocha na mão, fazendo o sinal da cruz no tórax da benzida enquanto proferiu algumas palavras. Após o término a benzida tomou um chá preparado pela praticante.

Fonte: Da autora, 2019.

A presente narrativa traz mais um exemplo da diversidade de ritos para a mesma doença. De acordo com a entrevistada, a benzedeira solicita que a pessoa a ser benzida leve consigo 9 pedaços de rocha que serão utilizadas no momento da benzedura. Após o jogo gestual e verbal a praticante adentrou um cômodo separado e preparou um chá com ervas, que foi bebido pela enferma em seguida. A mesma não soube dizer se no preparo do chá são utilizadas os pedaços de rocha, mas explicou que essa benzedura deve ser feita durante sete sextas-feiras, e caso não obtenha resultado com essas seções, deve-se aumentar para 14 ou 21 ou outros

valores múltiplos de sete. De acordo com seu relato, ela fez dois tratamentos de 21 seções até ser curada de suas crises severas de bronquite.

Nesse relato também é interessante destacar que a entrevistada é filha de uma benzedeira ainda atuante, também umbandista, que geralmente benze para encalho, mal-olhado, dor de cabeça, entre outras. Segundo a entrevistada sua última benzedura, em abril de 2019, foi feita pela sua mãe por uma dor de estômago, e para o ritual foi utilizado uma vela, que deveria ficar disposta acima de sua cabeça, enquanto a benzedeira fazia o sinal da cruz em sua região abdominal e proferia palavras incompreensíveis.

Quadro 05 - Síntese de entrevista: Proteção contra mau-olhado

Bairro: Porto		Raça/ Cor: Negro
Sexo: Masculino		Idade: 45 anos
Religião: Umbandista		Profissão: Professor de Dança
Ano da Benzedura: 2018		
Bairro da Praticante: Vila Castilho		
Religião da Praticante: Umbandista		
Motivação da busca	Espaço	Elementos e Rito
Proteção contra mau-olhado	Na casa de sua mãe, um espaço simples que divide o terreno com uma terreira de umbanda.	3 carvões em brasa, copo d'água, ramo e tesoura. O carvão foi imerso na água, se permanecer na superfície, está "limpo", caso desça, é sinal que está com olho gordo. Como no presente caso a brasa foi para o fundo do copo, o entrevistado foi benzido com um ramo e a tesoura foi utilizada para simbolizar o corte do mal.

Fonte: Da autora, 2019.

Esta é mais uma das histórias que despertam grande afeição. O entrevistado é filho de uma das benzedeadas mais conhecidas do município de Pelotas e até da região, e no momento da entrevista trouxe muitos relatos com uma visão muito próxima da prática.

Apesar de ter relatado benzeduras mais recentes optou-se por apresentar aqui outra para que o memorial ostentasse maior diversidade. Ele conta que quando estava se sentindo muito pesado, no sentido de energia, sua mãe o benzia utilizando três carvões em brasa e um copo d'água; se quando colocado no copo o carvão afundasse e permanecesse no fundo significava que ele estava com olho-gordo, caso boiasse, ele estava "limpo". Uma vez que constatasse o mal, era benzido,

então, com um ramo, e em seguida uma tesoura era manipulada fazendo o movimento de corte em volta de seu corpo simbolizando o rompimento daquele mal.

De acordo com ele é impossível compreender o que é oralizado pela praticante durante o ritual, visto que é uma fala extremamente rápida e cochichada. A benzedura era realizada três vezes por semana até que estivesse livre da mazela; o entrevistado relata que essa é uma benzedura voltada para a proteção.

A cultura da prática na família se estende também para seus filhos, que sempre que necessário são benzidos pela avó. Ele explicou que quando as crianças dormem com o olho aberto é sinal que precisam ser benzidas por olho-gordo ou outra perturbação, e dessa forma então o hábito e a crença são repassados na família.

Por fim é interessante abordar aqui que na benzedura mais recente, em 2019, a qual experienciou foi feita por outra praticante, sendo benzido juntamente com sua mãe e demais membros de sua família, utilizando Espada de São Jorge (*Sansevieria trifasciata*) e água, em que cada um era benzido de acordo com sua necessidade. Essa experiência foi descrita justamente por trazer a possibilidade de inteirar-se sobre o movimento de uma benzedeira benzer outra e a troca de experiências e saberes entre essas.

Quadro 06 - Síntese de entrevista: Rendidura

Bairro: Santa Terezinha		Raça/ Cor: Negra
Sexo: Feminino		Idade: 35 anos
Religião: Espírita		Profissão: Professora de Geografia
Ano da Benzedura: 2019		
Bairro da Praticante: Santa Terezinha		
Religião da Praticante: Não soube informar		
Motivação da busca	Espaço	Elementos e Rito
Dores no pulso causadas pela profissão	Casa simples, sem imagens, velas e outros elementos.	Utilização de ramos passados pelo local acompanhado de rezas

Fonte: Da autora, 2019.

A presente entrevista traz muitas contribuições para compreender toda a pluralidade da prática de benzedura.

De acordo com o relato a benzedura é uma prática muito recorrente desde sua infância, quando era benzida para cobreiro, encalho, dor de cabeça, e um caso grave de herpes (*Herpes Zoster*) que encobria parte do seu rosto. Durante a entrevista muitas benzeduras foram lembradas, dentre elas um relato de destaque por se referir à benzedura procurada devido às dores no pulso causadas por esforço repetitivo em razão de sua profissão. Esse tipo de dor, conhecida como “rendidura” pelas benzedoras é, geralmente, tratada através do ritual de costura feito pelas praticantes. Tão diversos quanto as doenças mencionadas são os elementos utilizados nos tratamentos, como ramos, tesouras, entre outros.

Outro ponto a ser destacado se refere à diversidade de praticantes relatadas na entrevista. Diferente dos demais, que geralmente demonstram ter uma relação intrínseca com a praticante que comumente é a mesma que benze a família inteira e só ocorre a procura por outra quando essa é reconhecida como referência em algum tratamento, foi relatado o contato com quatro praticantes diferentes, que ao longo da

sua trajetória foram acionadas de acordo com as necessidades apresentadas ou facilidade no encontro das mesmas. Aqui é interessante ressaltar também a grande multiplicidade de religiões das praticantes, como católica, umbandista, e até a não constatação de uma religião específica. Em todos os relatos os casos eram repletos de afeto tanto pela prática quanto pelas praticantes.

Durante o relato a entrevistada demonstrou muita proximidade com a prática, informou que é neta e bisneta de benzedeiras que atuaram por longo período, e que atualmente está no processo de aprendizagem dos encantamentos, através dos relatos orais de sua avó, que no momento não se encontra em condições de benzer, mas dita os ritos e receitas, contribuindo significativamente para o repasse de saberes e perpetuação da prática.

Quadro 07 - Síntese de entrevista: Proteção

Bairro: Centro		Raça/ Cor: Negra
Sexo: Feminino		Idade: 32 anos
Religião: Umbandista/ Católica		Profissão: Antropóloga
Ano da Benzedura: 2017		
Bairro da Praticante: Vila da Palha		
Religião da Praticante: Espírita		
Motivação da busca	Espaço	Elementos e Rito
Proteção	Na residência da praticante. Uma casa simples, sem imagens nem outros elementos comuns da prática.	Incenso O incenso era passado pelo seu corpo enquanto a benzedeira fazia orações que eram impossíveis de compreender.

Fonte: Da autora, 2019.

De acordo com este relato a benzedura sempre foi uma prática muito presente na vida da entrevistada, que desde pequena já passava por tratamentos através da benzedura relacionados à doenças respiratórias, como asma e bronquite. Destes episódios narrados ela não consegue detalhar todo processo do rito, mas diz ter uma lembrança muito presente de que enquanto as palavras eram proferidas ela bebia um copo de leite como parte do ritual de cura para a bronquite.

De outros rituais experienciados ela relata a presença de elementos como Espada de São Jorge, que era passada pelo corpo acompanhada de oratórias, e também ritual com copo d'água, que era passado pela região da boca também enquanto os encantamentos eram proferidos. Atualmente suas procuras pela prática são pela crença da benzedura enquanto uma forma de proteção contra males como mau-olhado, por exemplo.

Quadro 08 - Síntese de entrevista: Dor de cabeça (dor de Sol)

Bairro: Vila Princesa		Raça/ Cor: Indígena
Sexo: Feminino		Idade: 49 anos
Religião: Católica		Profissão: Servidora Pública
Ano da Benzedura: 2013		
Bairro da Praticante: Vila Princesa		
Religião da Praticante: Católica		
Motivação da busca	Espaço	Elementos e Rito
Dor de cabeça - dor de Sol	Casa estilo chalé, muito simples, mesinha com poucas imagens de santos católicos.	Copo d'água e tecido branco. Em cima da cabeça foi colocado o tecido branco, e em seguida o copo foi emborcado no tecido. Nesse momento, enquanto a praticante enunciava os encantamentos, a água começou a "ferver", o que significava que a doença estava saindo.

Fonte: Da autora, 2019.

Este relato demonstra muita proximidade com a benzedeira. A entrevistada conta que durante um período a praticante morou nos fundos da casa de sua mãe, o que a possibilitou experienciar a prática de forma muito próxima, fazendo com que se aprofundasse, também, sua crença na prática, tornando-a como forma de cura para dores de cabeça, de estômago, entre outras.

Ela conta que pessoas de diversas áreas da cidade procuravam pela benzedeira por ela ser uma referência na prática, principalmente por doenças respiratórias. Uma lembrança muito forte que tem se refere ao ritual para cura de bronquite e asma, em que media a criança na cerca de madeira de sua casa, e

fixava um prego na altura da criança, que conforme crescia ia se curando da doença apresentada. O ritual era feito, principalmente, durante a Semana Santa.

Dos pontos mais interessantes dessa narrativa destaca-se o relato de que mesmo após a morte da benzedeira, em 2013, a entrevistada por vezes se dirige ao túmulo dela pedindo para que benza a ela ou alguém que precise. Para exemplificar ela citou a experiência de quando sua tia estava há muitos dias sofrendo com uma forte dor de cabeça e não encontrava uma forma de melhorar, então a entrevistada foi ao cemitério e pediu para que a benzedeira a benzesse. Sua tia a relatou que sentiu como se uma mão passasse por seu rosto e não sentiu mais dores. Ela relata que ainda em vida a praticante pedia que quando morresse nunca deixassem de colocar flores e velas em sua sepultura, uma vez que era algo que gostava muito, então, sempre que possível ela vai enfeitar o túmulo e pedir para ser curada de algum mal.

Durante a entrevista foi mencionado sua grande crença nos saberes ancestrais e nos rituais utilizados para curar, ressaltando que até os 7 anos foi tratada somente através da benzedura, nunca tendo ido ao médico, e que quando mais novos ela e a família se benziavam semanalmente com demais praticantes. Outro fator marcante em relação a isso se refere à sua utilização de métodos naturais de cura até hoje, como chás e xaropes. Ela afirma que a relação que desenvolveu com a benzedeira era de confiança, afeto e referência.

Quadro 09 - Síntese de entrevista: Quebrante

Bairro: Navegantes		Raça/ Cor: Negra
Sexo: Feminino		Idade: 79 anos
Religião: Católica		Profissão: Empregada doméstica aposentada
Ano da Benzedura: 1997 (Aproximadamente)		
Bairro da Praticante: Cerrito Alegre		
Religião da Praticante: Católica		
Motivação da busca	Espaço	Elementos e Rito
Quebrante	Casa muito simples, com muita vegetação em volta	Arruda (<i>Ruta Graveolens</i>) Manipulando a arruda foi feito o sinal da cruz no corpo da entrevistada enquanto eram feitas orações. Após o fim das encantações o galho era jogado para trás pela benzedeira.

Fonte: Da autora, 2019;

O relato apresentado aqui é o mais antigo dentre os coletados para o presente memorial. Datando mais de vinte anos, ele possibilita compreender como a benzedura habita a memória do benzido, que lembra e descreve com facilidade o ritual.

Diferente dos demais relatos apresentados, esta narrativa aponta que a benzedura teve como *locus* o meio rural, onde a entrevistada morou parte significativa de sua vida, o que fazia a prática ser, por vezes, a única forma de tratamento e obtenção de cura naquele contexto.

De acordo com o relato, os principais motivos para recorrer à benzedeira era por encalho e quebrante. e conta que na benzedura para encalho eram utilizadas três brasas de carvão, água e tesoura, já a benzedura para quebrante era feita com um galho de arruda.

De acordo com a narrativa tanto a crença na benzedura quanto seu hábito de cultivar muitas espécies vegetais em seu quintal se dá justamente por sua criação muito ligada à terra, aos remédios naturais, e isso é aplicado também aos filhos e netos, que sempre são tratados com ervas através de chás, xaropes, emplastos, entre outros.

Aqui é interessante salientar também que a entrevistada, mesmo não se identificando como benzedeira, se arrisca em alguns rituais simples. Ela não só acredita fortemente na prática como a reproduz em seu ambiente familiar.

A presente história se ramifica para mais duas narrativas cativantes, que possibilitam notar a presença da benzedura em uma teia familiar, como será abordado a seguir.

Quadro 10 - Síntese de entrevista; Dor de barriga

Bairro: Nossa Sra. dos Navegantes		Raça/ Cor: Negro
Sexo: Masculino		Idade: 8 anos
Religião: Não informado		Profissão: Estudante
Ano da Benzedura: 2018/2019		
Bairro da Praticante: Nossa Senhora dos Navegantes		
Religião da Praticante: Católica		
Motivação da busca	Espaço	Elementos e Rito
Dor de barriga	Casa simples da avó, com muitas plantas medicinais no quintal.	Óleo, chás de anis (<i>Illicium Verum</i>) e funcho (<i>Foeniculum Vulgare</i>). O óleo foi passado na barriga fazendo o sinal da cruz enquanto foram feitas orações. Por fim tomou-se chá.

Fonte: Da autora, 2019.

Como apontado previamente, este relato está intimamente ligado com o anterior e possibilita compreender os movimentos da ancestralidade, da relação com a natureza e a crença na prática que se inicia cedo. A presente entrevista, de uma criança, permite o entendimento disso.

De acordo com o relato, sempre que o narrador está com dor de barriga ou qualquer outro mal-estar comum recorre aos cuidados de sua avó, que prontamente prepara um chá e benze sua barriga fazendo o sinal da cruz com um pouco de óleo enquanto faz orações e oraliza alguns encantamentos. Nessa narrativa é interessante ressaltar que sempre que se encontra nessas situações ele se dirige à casa de sua avó espontaneamente, dizendo a sua mãe que está indo pedir para a avó o benzer.

O mesmo disse que quando a avó o benze sua barriga para de doer muito rápido, mas que nem sempre o chá preparado é gostoso.

Quadro 11 - Síntese de entrevista de benzedeira inativa

Bairro: Navegantes		Raça/ Cor: Negra
Sexo: Feminino		Idade: 47 anos
Religião: Católica		Profissão: Empregada doméstica
Ano da última Benzedura: 2009		
Motivação da busca	Espaço	Elementos e Rito
Problemas de saúde; Causas na justiça; Problemas profissionais.	Em sua própria casa ou na casa do necessitado.	Vela e imagem de lemanjá. Com o benzido de frente com a imagem de lemanjá a vela era passada pelo corpo enquanto a benzedeira proferia algumas palavras. Logo após a mesma vela utilizada para o ritual era colocada para imagem.

Fonte: Da autora, 2019.

A última narrativa, tanto do trio familiar quanto do memorial, traz uma outra perspectiva da prática, mas se mostra tão importante quanto os demais. A entrevistada não só acredita fortemente na benzedura como foi benzedeira por muitos anos.

Ela relata que sua vida foi muito marcada pela benzedura e que se iniciou muito cedo na prática. Sua iniciação se deu de forma muito “natural”, e benzia conforme as palavras vinham à sua cabeça, sem ter experienciado uma situação sobrenatural para desencadear seu dom. Suas benzeduras eram direcionadas tanto para a área da saúde quanto para pessoas que procuravam emprego ou tinham alguma causa na justiça.

No depoimento também afirma que nunca levou nenhum de seus seis filhos ao médico, e que sempre foram tratados por benzeduras que ela mesma fazia em casa, que se direcionavam também à sua mãe e a demais membros da família. Outro ponto relevante de seu relato se refere à mesma forma que utiliza para todas

as benzeduras que faz, utilizando sempre os mesmos elementos, numa mesma sequência para diferentes causas.

Ela conta ter muita saudade do tempo que benzia e muita vontade de voltar a benzer principalmente por ser uma forma de ajudar outras pessoas, mas a depressão que trata, desencadeada pela morte de um dos seus filhos, a impede de retomar seu ofício.

Os três últimos relatos apresentados demonstram de forma muito nítida a presença da prática de benzedura em uma família e o repasse da crença entre esses grupos. Foi possível analisar três indivíduos de diferentes gerações depositando sua fé e confiança no mesmo sistema de crença, na prática enquanto forma de cuidado e manutenção da vida e possibilidade de reajuste dos saberes ancestrais.

2.1 Apresentação de Dados do Memorial

A partir desse momento principia-se as informações obtidas através das narrativas. Essa seção propõe um apanhado geral do memorial, apontando vivências em comum bem como alguns pontos em que a diversidade se faz presente.

No decorrer da formação do presente memorial ocorreu que dos dez (10) indivíduos entrevistados nove (9) se identificavam enquanto negros e um (01) enquanto indígena. Inicialmente não era o intuito desse levantamento entrevistar apenas pertencentes destes grupos étnicos, no entanto, com as indicações e contatos estes foram se aproximando com mais ocorrência e facilidade, o que permitiu aproximar os dados da análise proposta. Na análise histórica da benzedura diversos referenciais apontam para essa como uma estratégia de sobrevivência e resistência entre grupos negros, e ainda hoje é possível observar a memória ancestral direcionar os corpos negros à essa prática. Com os dados obtidos tornou-se inegável a aproximação desses narradores com a benzedura, com a fé que depositam nela e a crença na efetividade da ancestralidade, algo muito presente em algumas falas.

Com a pesquisa foi possível verificar, dentro dos limites observáveis nela, que é mais frequente encontrar mulheres que procuram pela benzedura do que homens, e as narrativas apontam que as mulheres buscam pela prática para obter a cura para si e também para quando os filhos necessitam. Esse dado cria a possibilidade de um leque de novas análises, como as demandas da maternidade, as muitas jornadas de trabalho, a responsabilização desigual na criação dos filhos, dentre outras funções que, devido às delimitações da pesquisa não podem ser tratadas com maior profundidade.

Com base na pesquisa foi possível tomar conhecimento de que não há limitação etária na busca pela prática, e que mesmo sendo uma atividade que é considerada antiga é muito utilizada por indivíduos jovens.

No que diz respeito a profissão dos benzidos, pode-se constatar a diversidade de atividades dos mesmos, com diferentes cargos e níveis de instrução. Esse dado

aponta que mesmo em contextos educacionais, econômicos, sociais diferentes os indivíduos recorrem à benzedura e depositam nela a confiança na cura de suas mazelas, mesmo quando há recursos para buscar outras formas de cura, como a medicina erudita. De acordo com alguns relatos, parte dos indivíduos são oriundos de contextos com significativas limitações econômicas, o que por vezes tornava a benzedura a única forma de tratamento possível, no entanto, mesmo com a melhora dessas condições, continua-se a predileção pela prática.

No que se refere ao ano da benzedura foi interessante verificar que ainda hoje ocorre a procura por praticantes, algo que acreditava-se ser mais escasso. Inicialmente presumia-se que os relatos datariam períodos mais antigos, no entanto, conforme a formação do memorial as narrativas foram se aproximando dos tempos presentes, o que permite o entendimento da força e dimensão de uma prática que se rearranja e se mantém em diferentes contextos espaciais e temporais.

Nos relatos dos benzidos constou a pluralidade de religiões, como católicos, umbandistas e espíritas. Alguns tiveram dificuldade de delimitar a religião a qual pertencem por partilharem de diversas crenças e fazer uso delas em determinados momentos de necessidade e/ou desejo. Essa informação permite visualizar as religiões que são mais flexíveis à essas práticas; partindo do pressuposto de que determinadas ausências são também um dado de pesquisa, notou-se a dificuldade de encontrar a presença de algumas religiões nas narrativas, o que permite associar algumas delas aos percalços que a benzedura enfrenta para sua continuidade e manutenção, como a constante demonização e demais formas de preconceito e estereótipos que essa sofre por outros sistemas de crença, principalmente quando religiões de matriz africana têm sua presença mais perceptível no ritual.

Uma informação recorrente nos relatos é que pode ser observada na informação sobre a religião da praticante e que deve ser tratada aqui com mais detalhamento se refere às benzedeadas umbandistas. Acerca disso, em trabalho intitulado “Trajetória de benzedores negros ao Sul do Brasil” Gill e Rocha (2015) apontam que em Pelotas há uma motivação complementar para se iniciar na prática de benzer: a religião; nesta situação, as religiões de matriz africana, como a Umbanda, o Batuque e o Candomblé. Esse ponto se torna relevante no que se refere à possibilidade de ultrapassar a generalização de benzedeadas estritamente

adeptas ao catolicismo popular e reconhecer a presença e influência de outros sistemas de crença na estrutura da prática.

Como foi possível observar através das narrativas, as motivações da busca foram diversas, abarcando problemas físicos, espirituais, e até alguns quadros mais graves de doenças. Aqui é interessante salientar que em todos os casos os narradores justificavam sua busca baseada na confiança que têm tanto na prática quanto na praticante, por ser uma atividade muito antiga, “coisa dos mais velhos”, e por demonstrar bons resultados, o que, por vezes, foi um divisor de águas no momento de optar por uma forma de tratamento. Neste ponto também foi possível compreender a procura pela prática não só por motivos de doença, mas também como uma forma de manutenção do bem-estar, isto é, mesmo em um momento considerado bom, algumas pessoas recorrem a benzedura para que não tenham ameaças de fim dessa condição.

Um aspecto a ser ressaltado se refere às doenças respiratórias. Em parte significativa das entrevistas foi reportado sobre o episódio dessas, seja enquanto causa para benzer ou narrando as especialidades da praticante procurada. Essas ocorrências se dão, também, devido às condições meteorológicas da região em que o município se localiza, que estimulam ou agravam as patologias mencionadas sobretudo pelo aumento da umidade, diminuição da temperatura e variação da direção do vento em determinadas épocas do ano (LOPES, 2016). Outro fator interessante a respeito das motivações da busca pela prática se refere ao período em que esta ocorre. Em diversos relatos foi citada a Semana Santa, período tradicional cristão, como a época de benzedura para bronquite e asma. Isso não exclui a possibilidade de tratamento para a doença ao longo do ano, no entanto é nessa semana que ocorre com mais frequência pela crença de que o período potencializa a possibilidade de cura.

Tão diverso quanto as motivações da busca pela benzedura durante os relatos foi cativante constatar a abundância de ritos para a mesma doença tratada. A exemplo disso, enquanto uma praticante arremessa o tecido costurado nas águas após a costura da rendidura, outra o enterra em um cupinzeiro, houve também o relato de uma terceira que o joga no telhado. O mesmo ocorre na variação das ervas utilizadas nos tratamentos, nos remédios receitados, nos elementos dos rituais e até

nos termos designados às enfermidades a serem tratadas. No presente ponto ressalta-se que a presença do ritual fortalece o elo com o passado, o que fortalece tanto o indivíduo quanto a prática.

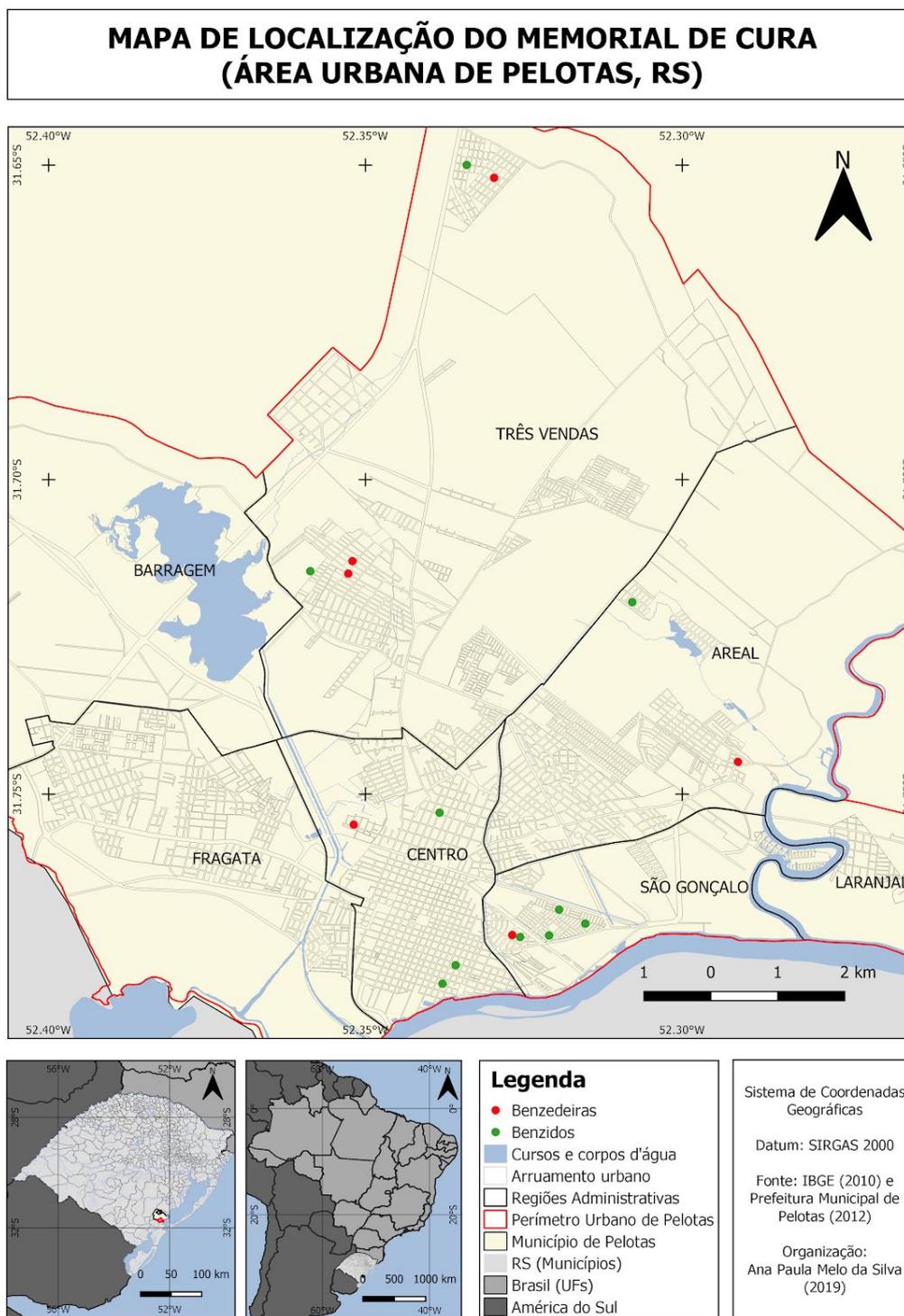
O espaço também se modificou de acordo com a narrativa, em que alguns relatos apontavam que o indivíduo foi até a casa da benzedeira, ou que a benzedeira foi até a casa de quem seria benzido. Esse deslocamento de ambas as partes é proporcional ao grau de proximidade que existe entre elas ou pela gravidade da mazela, no entanto pode-se notar maior frequência na benzedura ocorrer na casa da praticante, que, geralmente, já tem o espaço preparado para tanto. Todos os casos em que esse dado foi apontado relatou-se uma casa muito simples, aconchegante, bem como a presença de alguns elementos marcantes nesses espaços, como será tratado a seguir. É relevante também ressaltar que nos relatos foi demonstrado grande proximidade com o espaço, expondo nitidamente que a proximidade e reconhecimento com ele interfere diretamente no ritual. Muito presente nos relatos também foi a informação de pessoas que foram benzidas em terreiras, o que ocorre, principalmente, quando a benzedeira é também Yalorixá.

Dos elementos utilizados na benzedura também é possível contemplar grande multiplicidade, mesmo que para uma mesma doença. Nas narrativas estão presentes o uso de tesoura, água, carvão, tecido, vela, espécies de fauna e flora, dentre outros. Essa pluralidade expressa parte também da identidade das benzedeiros, o reconhecimento pela utilização de um elemento específico, e a crença na eficácia do uso desses para o ritual. Em todas as narrativas foi citada a dificuldade em compreender o que era falado pela benzedeira no momento do rito, quando essa adotava um ritmo extremamente acelerado e em tom de cochicho em suas palavras. Esses muitos elementos que compõem esse momento se mostram necessários para a formação da prática em sua composição gestual e verbal.

Por fim, a informação do bairro do entrevistado pode-se notar que a maioria reside em localizações periféricas, algumas consideravelmente afastadas do centro urbano, e até com graves problemas com saneamento básico, por exemplo. Paralelamente pode-se tratar também dos bairros das praticantes, em que a maioria reside no mesmo do benzido, o que demonstra as relações que se estabelecem nesses espaços, como a de reconhecimento e confiança, do mesmo modo que

permite visualizar o papel de referência que elas atingem ali. Abaixo, através da representação cartográfica, é possível visualizar a disposição dessas e desses dentro do município de Pelotas:

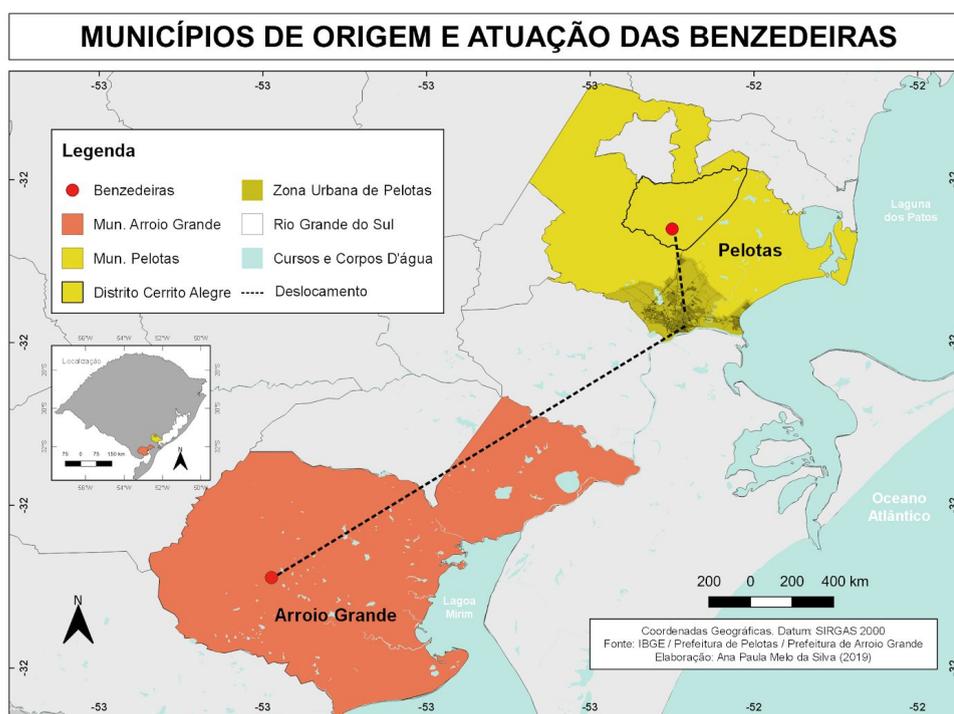
Mapa 01 - Localização de benzedeadas e benzidos



Fonte: Da autora, 2019.

Essa última informação apresentada, referente aos bairros em que estão presentes tanto os benzidos quanto as benzedeadas, e que constava no roteiro do memorial trouxe uma informação muito interessante. Nos dois últimos casos os benzidos recorreram à praticantes de outras localidades, um é Cerrito Alegre, 3º distrito do município de Pelotas/RS, pertencente à zona rural e localizado a cerca de 30 km do centro urbano. O outro é Arroio Grande, também no interior do estado do Rio Grande do Sul e a aproximadamente 96 km de Pelotas. No primeiro caso a entrevistada que se deslocou até a benzedeadas, já no segundo ocorreu o deslocamento por parte da praticante, que necessitava vir até Pelotas e já utilizou da ocasião para fazer o ritual. Esses deslocamentos, até então não considerados no roteiro da entrevista, implementaram um novo prisma de análise para a pesquisa, visto que possibilita a melhor compreensão do alcance da crença, do reconhecimento da prática e da praticante. Essa informação permite visualizar também, mesmo que de maneira menos aprofundada, a espacialização de demais praticantes.

Mapa 02 - Deslocamentos benzedeadas e benzidos



Fonte: Da autora, 2019.

2.2 Demais Dados Aflorados do Memorial de Cura

Alguns pontos extra-entrevista demonstram a necessidade de ser tratados com mais profundidade nesse momento. Os dados que constavam enquanto norteadores das entrevistas já visavam abordar alguns pontos que trariam resultados interessantes para a análise da prática, no entanto esses foram superados por novas perspectivas que não se acomodavam somente nos pontos propostos e conduziram a investigação por outras possibilidades da compreensão da prática.

Inicialmente é possível notar que uma narrativa de uma vivência de cura desencadeia outras, ou seja, a maioria dos relatos não se restringiram a apenas um caso de benzedura, conforme narravam um outro já era rememorado e era também relatado. Isso, evidentemente de forma positiva, dificultou a escolha de qual seria formalmente registrado no memorial, visto que cada experiência trazia consigo singularidades que rearranjavam as vivências dos curados. Essa característica de vários casos narrados demonstra que essas experiências não foram isoladas, mas que fazem parte de uma teia de fé que alimenta a certeza da cura. Nesta perspectiva pode-se compreender a memória novelo que é contínuo, com elementos que gingham entre si e que só são tratados separadamente na academia,

Reporta-se também aqui a informação coletada durante as entrevistas de que a maioria das benzedadeiras apontadas são analfabetas ou iletradas, não fazendo uso de um caderno de anotações dos remédios ou rituais, apenas através da memória. Mesmo na ausência de uma certificação formal do conhecimento das praticantes em todas as narrativas foi ressaltado sobre a confiança no saber dessas e na prática, por vezes até maior do que na medicina erudita, principalmente justificado através da crença de que há doenças que os médicos não curam, apenas benzedadeiras. Outra justificativa diz respeito à essas terem sido escolhidas por Deus, tendo o dom para tanto. A crença também se baseava pelo gênero, pela idade das praticantes, por ser um saber muito antigo. Essa confiança é reforçada a maneira que novos relatos são difundidos, ou seja, quando um familiar ou vizinho obtém a cura através dessa modalidade encorpa-se a confiança na benzedura e na benzedeira.

Outro aspecto interessante constatado se refere ao aprendizado da prática. Em duas narrativas foi relatado sobre benzedadeiras que atualmente estão com grandes dificuldades para benzer devido à idade e/ou por problemas de saúde, e em ambos os casos os encantamentos e receitas estão sendo coletados e armazenados por áudio através de aplicativos no celular. A aplicação da tecnologia nesse caso possibilita outras tantas análises, como a facilidade de agrupar a grande quantidade de informação, mas também interfere diretamente na maneira mais “orgânica” da tradição oral permeada pelo ato de ouvir atentamente e memorizar os ensinamentos repassados.

Infelizmente o presente escrito não tem a possibilidade de aprofundar a análise sobre esse aspecto, visto que essa deve ser responsável, não estando ancorada numa busca de conservação obsoleta da tradição, tampouco deve defender estritamente o uso de ferramentas tecnológicas que atropelem as formas tradicionais e efetivas de repasse de saberes.

Dos pontos que causaram surpresa foi a constatação de que ainda hoje os indivíduos recorrem à benzedura, e isso se dá também de forma prioritária para alguns entrevistados, em que a busca por uma benzedeira é cogitada antes de pensar na possibilidade de recorrer à medicina convencional. Alguns relatos afirmavam que foram criados e/ou criaram seus filhos sem ir ao médico, apenas utilizando da benzedura para o tratamento de doenças. Outro aspecto é que inicialmente acreditava-se que os relatos datariam tempos antigos, no entanto, as narrativas apontaram tempos presentes além da expressão de desejo de permanência da prática, reconhecendo sua importância e eficácia.

Para além da benzedura enquanto prática recorrente ou ofício, ou da identificação enquanto benzedeira, foi possível constatar que essa ocorre no cotidiano entre membros da família. Os entrevistados relataram que eram, em alguns casos ainda são, benzidos pelas avós ou pelas mães, mesmo quando essa não se identifica enquanto praticante, ou que acaba, por vezes, por replicar alguns trechos da prática quando necessário.

A construção do memorial de cura possibilitou inúmeras constatações, superações, além de oportunizar o conhecimento de histórias de cura, de fé, de relatos nutridos pela ancestralidade e certeza na efetividade dessa enquanto

orientação de vida, de repasse de conhecimento e possibilidade de sobrevivência física e simbólica. Em cada narrativa compartilhada uma teia tomava forma e se ramificava à maneira que as demais histórias eram somadas, transportando a memória para outros lugares enquanto a palavra era oralizada para narrar a cura e todo o processo material e imaterial que a envolveu. O ato de partilhar vivências naturais e sobrenaturais demonstrava o orgulho de de narrar de forma consciente as formas negras de construção do saber; o corpo e a memória revelavam a conscientização, o reconhecimento e o orgulho por essa matriz.

3 ENTRE RAMOS E SABERES: CURAS E APRENDIZAGENS

Através das memórias partilhadas para a construção do memorial algumas informações importantes se destacaram, como as já salientadas anteriormente. Conhecidos os perfis e parte das vivências desencadeadas pela experiência da benzedura foi possível delimitar diversas constatações, como as já apresentadas, todavia, no conjunto das narrativas destacou-se um aspecto de extrema relevância: os saberes gerados, desencadeados ou aprimorados pelo contato e interação que o benzido estabelece com a benzedeira, atrelado também à observação que este faz do ritual e a situação que enfrenta de doença e cura. Desta forma, as informações retratadas nesta seção são frutos das narrativas que compõem o memorial de cura, das observações feitas nos espaços em que a coleta das informações ocorreu, como nas residências dos benzidos, assim como constatadas nos discursos que abarcavam a descrição das etapas, dos espaços e dos rituais.

José Marmo da Silva (2007, p. 171) no trato sobre os espaços de manifestação das religiosidades de matriz africana afirma que:

As práticas rituais e as relações interpessoais que são estabelecidas nestes espaços possibilitam as trocas afetivas, a produção de conhecimento, o acolhimento, a promoção à saúde e a prevenção de doenças e agravos, bem como a renovação de tradições milenares, sobretudo por meio do uso das plantas medicinais.

Acerca desses movimentos de (re)aprendizagem e a utilização dos saberes quando necessário é viável também tomar de empréstimo as colocações de Póvoas (2007, p. 422) que afirma que

Os símbolos resumem em si a essência do conhecimento construído pelos humanos, na sua trajetória na existência. Quando a coisa simbolizante é arquivada, por causa das mudanças de usos e costumes, a simbologia é transladada para novas coisas, inventadas, recriadas, ou transformadas, para que o conhecimento não se perca.

O espalhar dos ramos do saber-fazer da praticante adapta, recria e/ou renova saberes nos benzidos, saberes estes que rearranjam cotidianos e experiências. Dentre os mais ressaltados em seus exercícios da oralidade e observados durante a construção do memorial estão:

- Autocuidado: principalmente através de novos hábitos que possibilitam a cura de doenças menos complexas ou evitam novas ocorrências dessas. Este aspecto foi demonstrado através de benzidos que afirmavam adotar determinados costumes ou buscar o afastamento de outros para evitar possíveis desequilíbrios e/ou melhorar a condição da saúde para si próprio;
- Plantio, manejo e conhecimento de espécies vegetais e rearranjo do espaço habitado: cultivo de plantas medicinais nos quintais e/ ou conhecimento do procedimento de uso destas no preparo de chás, compressas, xaropes, garrafadas e banhos. Tanto nas narrativas quanto nas observações feitas foi possível constatar que parte significativa dos benzidos sabiam descrever a utilização das plantas empregadas nos rituais e tratamentos bem como adotavam sua utilização de acordo com as necessidades apresentadas;
- Memorização de trechos do ritual: fixação e utilização de fragmentos do ritual, como orações e utilização de elementos, aplicando parte desses quando possível e necessário. Alguns benzidos demonstravam bastante segurança em reproduzir extratos dos rituais em seus cotidianos, como a utilização de determinados elementos empregados comumente por benzedeiros durante a prática;
- Identificação de males: reconhecimento de sintomas comuns atrelado a prevenção, cuidados paliativos e procedimentos possíveis para si e para outrem. Neste aspecto ficou evidente que alguns males são identificados com facilidade por parte dos benzidos, que também demonstram, através da narrativa dos rituais e das experiências atreladas à prática, que conhecem estratégias para reverter situações de doença e acabam por aplicá-las em sua rede familiar;
- Reconhecimento e valorização da prática: esses aspectos são alimentados de acordo com o reconhecimento que a prática e a praticante recebem, que ecoa

também na auto-visão do benzido. Este ponto se destacou de maneira muito expressiva nas narrativas, em que os entrevistados demonstravam ter consciência e reconhecimento da importância da prática. O discurso, por vezes, foi banhado pela exposição da crença na figura da benzedeira, que ocupava nas narrativas um papel de referência para os entrevistados.

Esses conhecimentos e aplicações elencados acima não necessariamente serão base para a construção do benzido enquanto benzedeira ou benzedor, mas possibilitam a aplicação dos mesmos no cuidado cotidiano de si próprio e da família, por exemplo.

Fazendo uso das ideias de José Mauro Gonçalves Nunes (2009) em seu escrito “A Herança Africana do Auto-Cuidado: Saberes e práticas tradicionais dos cuidados ao corpo” é possível compreender a importância desses saberes que possibilitam a sobrevivência de corpos e memórias, estimulados e impulsionados, principalmente, pela religiosidade. De acordo com o autor, estes estão presentes na alimentação, na saúde mental, no auto-cuidado, na higiene e nos exercícios (NUNES, 2009).

A constatação destes aspectos permitiram também estabelecer a relação dessas práticas com o aprendizado, mesmo que instintivo, dos valores civilizatórios africanos (BRANDÃO, 2006), sendo eles a Ancestralidade, presente na relação entre benzedeiras e benzidos, a Oralidade, que permite o repasse da tradição, dos conhecimentos bem como procedimentos e orientações, a Corporeidade, que está presente na relação com o próprio corpo e com outros corpos, respeitando suas demandas e necessidades e reconhecendo que é através, também, do corpo que o conhecimento se revela, a Religiosidade que permite o arranjo ritual bem como atua como forma de perpetuação da tradição africana em um contexto diaspórico. Em Pelotas a religiosidade foi fundamental para a continuidade da prática de benzedura que se dá, em especial, pelos sistemas de crença de matriz africana, como a Umbanda e o Batuque.

Outros valores também são observados, como o Cooperativismo, que se manifesta na coletividade presente na benzedura, a Circularidade, através do reconhecimento de que a vida é cíclica, a Musicalidade que se faz nos versos ritmados das benzeduras e nas rimas das oratórias, na Memória, responsável pela

sobrevivência e continuidade dos povos e práticas negras, a Energia Vital (axé) necessária para a cura para a vontade de viver, e, por fim, a Ludicidade existente em cada ritual que hidrata e viabiliza o aprendizado.

Utilizando de referenciais que compõem a análise sobre os processos de aprendizagem é possível compreender como, em aplicações diversas, a fonte mais potente desse processo de aprendizagem na benzedura é a ancestralidade, porque é a partir dela que todos os outros se potencializam. Evidentemente essa vem rearranjada, readaptada. Não é o intuito aqui reafirmar uma visão de ancestralidade empanada, mas de considerar seu movimento contínuo e sua aplicação cotidiana. Através das relações estabelecidas tendo a benzedura como cenário é possível observar a incorporação de hábitos e orientações de vida. Nesta perspectiva ancoram-se as análises seguintes acerca dos possíveis processos vinculados ao conhecimentos atrelados ao ritual da benzedura, em especial o trato sobre a importância da memória, da ancestralidade, da oralidade, dentre outros fatores que alicerçam esses conhecimentos.

Milton Santos (1988, p. 64) afirma que “o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas”, essa afirmação aplicada à temática proposta permite compreender a potência da prática e dos conhecimentos fomentados por ela na produção de paisagens, de espaços, de identidades e na produção da vida.

3.1 Memória e Autorregulação

Recorrendo ao trecho de uma canção de Belchior (1979) “Não preciso que me digam de que lado nasce o Sol, porque bate lá o meu coração” pode-se pensar na importância da memória para a manutenção da vida. Arrancados do solo fértil das Áfricas os povos negros perderam a presença física de suas orientações geográficas, cronológicas, relacionais, entre tantas outras que ainda não são possíveis de compreender. O arrebentar das ondas do Atlântico nos porões dos navios negreiros anunciavam novos ritmos aqueles povos. Aos que sobreviveram à travessia, aos que foram deixados do outro lado do oceano assim como os que não sobreviveram fisicamente a ela e até mesmo aos que nasceram em outra terra

devido ao movimento diaspórico a memória foi, e ainda é, fundamental. O acesso a ela, de maneira consciente ou inconsciente, possibilitou a recriação de modos de vida, a reaproximação com os conhecimentos ancestrais, a busca por uma regeneração identitária e a perpetuação de traços culturais.

Numa perspectiva tanto subjetiva quanto objetiva, simbólica e concreta Mayara Assunção (2018), afirma que:

Ser escravizado significa ter sua história roubada, suas raízes arrancadas, seus espaços invadidos, suas dores invalidadas e seus destinos escolhidos por outra pessoa. É tirar o direito mínimo de você se reconhecer, conhecer sua história. (ASSUNÇÃO, 2018).⁴

Essas populações, oriundas de diferentes nações e civilizações, trouxeram consigo para o Brasil múltiplos saberes nativos. Dessa forma, valores, princípios, conhecimentos, dialetos, fenótipos, genótipos, culturas e tradições navegaram pelo Atlântico, e muitas dessas características que resistiram à travessia, ao movimento diaspórico e ao regime escravagista, dentre outras inúmeras tentativas de apagamento, se introjetaram, transmutaram e fundiram aos demais saberes presentes na nova terra (TRINDADE; BERRUEZO; SILVA, 2015).

A memória e transmissão dos antepassados enraizaram nas terras brasileiras os corpos, os gestos, as palavras, os olhares. Os paladares, aromas, cores, fazeres, saberes. Plantios, alimentos, condimentos. Ritmos, melodias, timbres. Quinas de visão e partes de perspectivas, sagrados, pulsares. Pulos, pernadas, marés, curas, naturezas. Mundos. A bagagem: seus corpos. O hoje: a memória. A sabedoria: suas (r)existências. A história: referências de nossas noções do passado. O olhar para o passado constrói a história que correu pelos caminhos das marés. (TRINDADE; BERRUEZO; SILVA, 2015, p. 65).

De acordo com Trindade, Berruezo e Silva (2015) as memórias corporais trazidas com os povos negros africanos, apesar de grandes investidas contra sua existência, resistência e propagação, atuaram como documentação e referência cultural.

Para analisar a herança da memória, é necessário reconhecer que diversas circunstâncias contribuíram para diversas formações. As tantas vivências das tantas mulheres negras, então, devem ser analisadas com uma lente que reconheça a heterogeneidade de suas experiências. Jurema Werneck (2009) em seu escrito

⁴ Fonte informal

“Nossos Passos Vêm de Longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo” traz grandes contribuições para se pensar as estratégias de sobrevivência. De acordo com a autora:

Ao afirmar estas heterogeneidades, destaco a diversidade de temporalidades, visões de mundo, experiências, formas de representação, que são constitutivas do modo como nos apresentamos e somos vistas ao longo dos séculos da experiência diaspórica ocidental. Tais diversidades fazem referência às lutas desenvolvidas por mulheres de diferentes povos e regiões de origem na África, *na tentativa de dar sentido a cenários e contextos em rápida e violenta transformação. Mudanças que resultariam na constituição de uma diáspora africana que significasse algum tipo de continuidade em relação ao que poderia ser definido como nós, com o que éramos e que não seríamos nunca mais.* (WERNECK, 2009, p.152. grifos meus).

Dentro dessas vivências e articulações diaspóricas, todas as ações visavam à resistência e sobrevivência ao processo violento de aniquilação, a buscando tanto para si próprias, quanto para os grupos aos quais estavam inseridas (WERNECK, 2009). Para compreender o trânsito dos conhecimentos e dos artifícios é necessário ter “uma visão da tradição como repertório maleável e mutante, que responde a contextos históricos, políticos e, principalmente, a projetos de futuro” (WERNECK, 2009, p. 154).

Não deve ser coincidência estes mitos terem resistido à travessia transatlântica nas condições sub-humanas com suas portadoras vieram, resistindo ao regime de aniquilamento e terror racial, às investidas do eurocentrismo cristão, à violência patriarcal, sendo preservados (e, é claro, transformados, pois se trata de culturas vivas) na tradição afro-brasileira do século XXI. (WERNECK, 2009, p. 154).

Essas práticas, identificadas, apropriadas e vividas se manifestaram em diversas áreas principalmente nas relações estabelecidas entre mulheres, cujos feitos encontraram ressonâncias e pertinências (WERNECK, 2009). Elas também foram essenciais para a resistência contra as ameaças à sobrevivência física, material, psicológica e simbólica dos povos negros. (WERNECK, 2009).

As recomposições e reencontros permitidos através do acesso à memória possibilitaram, e ainda possibilitam, a adaptação de saberes ancestrais à novas conjunturas sociais, propiciando forjar e esculpir novas realidades individuais e coletivas e se recompor social e estruturalmente (ARAÚJO, 2016). No que tange aos ajustes dos saberes de acordo com o contexto e as necessidades apresentadas é

possível a aproximação com a teoria da autorregulação, formulada por Bandura (2008) e que compõe a Teoria Social Cognitiva, que se demonstra de grande eficácia na análise do desenvolvimento da aprendizagem, no entanto, para manter o trajeto da sondagem proposta, será ressaltado, principalmente, sobre as adaptações dos saberes ancestrais enquanto respostas aos contextos encontrados nesta margem do Atlântico. Para tanto, reconhece-se que fatores externos influenciaram e ainda influenciam diretamente na autorregulação, dessa forma, os indivíduos e grupos não têm as mesmas condições em regê-la, portanto, assumindo as influências que podem reordenar essas relações.

Reconhecendo o prisma coletivo de muitas culturas africanas, em que o bem-estar e a regulamentação do grupo se sobrepõem ao do indivíduo assume-se, então, o viés da regulação em seu aspecto comunal. Para o sucesso na procura pela sobrevivência individual e coletiva os indivíduos necessitaram organizar a si e as suas referências, a adaptação a um meio incomum ditou a necessidade de se ajustar ao novo contexto, à novas espécies vegetais, à doenças até então desconhecidas. Jackson, Mackenzie e Hobfoll (2000) permitem compreender que essa regulação se dá na procura de compensar perdas ocorridas e evitar o acontecimento de novas. Trazendo essa concepção para o campo da benzedura, é possível traçar um paralelo entre a prática enquanto maneira de receber a cura bem como uma estratégia para distanciar, a si e aos seus, da morte.

Ainda na perspectiva da adaptação, utilizando o ângulo da regulação comunal compreende-se que o comportamento individual não ocorre de maneira isolada, mas com referências em outros comportamentos, sendo assim “as pessoas olham em direção aos outros para entender situações pessoais e executar respostas individuais” (JACKSON; MACKENZIE; HOBFOLL; 2000 p. 280). Essa assertiva pode ser utilizada no acesso às memórias e ainda na análise da ancestralidade enquanto referência comportamental. A busca por apoio e a teia de relações que a necessidade de sobrevivência e de cura originou e/ou rearranjou no novo contexto suscitou a adaptação dos grupos negros, e essa forneceu incontáveis benefícios, como as relações de afeto e apoio, fortalecimento de suas referências, alternativas de cura, reorganização individual e coletiva, entre outros, o que aumenta, então, a eficiência em se autorregular.

O sucesso da autorregulação cria a possibilidade de enfrentamento, reconhecendo aqui até mesmo a escala microssocial do cotidiano. A concepção de enfrentamento pode ser aplicada ao tema da pesquisa concebendo as estratégias de ensino e aprendizagem da prática e a rede de relações que é gerada pela benzedura. Como apontado por Surrey (1991, p. 176) “o sentimento de impotência do indivíduo é suplantado pela experiência do poder relacional”. O acesso a memória individual e coletiva permite reviver e atualizar tradições, solidificando as estratégias de sobrevivência que se estabelecem nas recomposições e reencontros. O comportamento de adaptar os saberes e reações pela regência do novo contexto se mostra como um exercício de resistência irrigado pelos traços da memória ancestral.

Através da dança e dos tambores as expressões de resistência negra foram se esparramando espacialmente durante o período colonial, o que demonstra o acesso à memória corporal por parte dos indivíduos escravizados. No exercício de pensar nos gestos corporais enquanto resistência física e simbólica, bem como manifestação da ancestralidade, pode-se transportá-los também à sondagem da arquitetura gestual da benzedura. O ritmo do corpo dita o rito incorporado à prática, seja através da regência dos ramos, o jogo vocal proferindo encantações ritmadas, ou dos sinais consumados no corpo do enfermo, a rítmica, performance e gestualidade da benzedeira está ancorada em sua memória corporal, sustentadas nas articulações e saberes ancestrais (ANTONACCI, 2014).

3.2 Ancestralidade: O Processo Alinear do Ensino-Aprendizagem

No trato dos processos de aprendizagem na prática mostra-se necessário e imprescindível a abordagem sobre a importância da ancestralidade.

Para compreender a dimensão da ancestralidade bem como sua aplicação na pesquisa é necessária a abordagem de alguns pontos, em especial, o que é a ancestralidade. O início para tanto é assumir a ideia de que ancestralidade não está estritamente relacionada ao passado, como algo antigo, e apenas arraigado na memória. Dentro da cosmopercepção africana a ancestralidade não se retém

apenas à concepção de origem, mas sim “o eterno impulso inaugural da força de continuidade do grupo”, ela é a origem e o destino (SODRÉ, 1988, p. 153). Essa também não se restringe à laços de parentesco consanguíneo, mas regula e orienta as práticas e representações do grupo. A ancestralidade não só rege os ritos, mas orienta também as relações sociais, atuando enquanto princípio regulador (OLIVEIRA, 2007). Adilbênia Machado (2014, p. 57) afirma que essa manifesta-se “como guia, referência, lógica que organiza”.

Num contexto de escravidão em que a imposição da travessia resultou nos indivíduos escravizados sobreviventes, dentre tantos outros fatos, a solidão territorial, linguística, afetiva, social, etc., a perda de seus pares, filhos, família, de seus nomes, suas referências, a proibição do culto às suas divindades assim como a fragmentação de suas identidades étnicas, a ancestralidade atuou como um elo de ligação que possibilitou a, mesmo que limitada, reestruturação de alguns alicerces fundamentais para a sobrevivência em outra conjuntura e que estão, ainda hoje, latentes.

Assim, quando os africanos chegaram ao Brasil, o primeiro exercício de sobrevivência foi tentar recompor o tecido cultural africano. Recolheram seus vestígios, seus traços, seus fragmentos e tentaram reelaborar, recompor a cultura do seu lugar de origem, o lugar mãe. Fora a ancestralidade que permeou e sustentou essa tentativa, pois o sentimento materno nos acompanha em todos os lugares. Essa busca da re-territorialização encontra-se no culto à tradição, assim como na possibilidade de continuidade do seu espaço e seu tempo histórico, tempo esse que é o dos ancestrais (MACHADO, 2014, p. 57).

A ancestralidade e as simbologias que essa abarca foram fundamentais para a recomposição da população negra que teve seus elos marcados por significativas rupturas. De acordo com Sodré (1988) as culturas permeadas pela ancestralidade, denominadas pelo autor como Arkhé, têm ligação fundamental com os saberes do símbolo, esses presentes nos rituais, nas entidades, no espaço, na natureza e nas palavras, além de ter a cultura fortemente associada à natureza, e foram essas características que permitiram a recomposição enquanto grupo e o reencontro com o que, na verdade, jamais foi perdido.

Os apontamentos de Cláudio Cavas e Maria Neto (2013) permitem compreender que a busca pela recriação da África “imaginada”, essa que habitava a memória dos povos africanos, se deu, principalmente através do contexto

mágico-religioso, que operava como um reagrupamento de povos diaspóricos, e é essa prática religiosa que permite recriar e viabilizar os contornos da identidade original. Dessa forma, as tradições africanas eram, e ainda são, traduzidas principalmente na fé. O repasse oral através da memória possibilitou a perpetuação de traços culturais fundamentais para a sobrevivência tanto no sentido existencial quanto político num contexto histórico doloroso. De maneira descontínua e polidirecional, com significativas balizas cronológicas e geográficas, o poder oculto da ancestralidade se manifesta enquanto estratégia de aprendizagem. Seja pela sensibilidade do corpo e da palavra ou pela rigidez do contexto e da experiência o repasse da sobrevivência dos povos negros possibilitou a criação de novos e possíveis horizontes.

Sondar a ancestralidade é trilhar também pelo axé, que é a forma da fecundidade, da proteção e da melhora das condições sociais (PETIT; CRUZ, 2008).

Acerca da ligação do axé com a ancestralidade:

Acredita-se na preeminência dos mais velhos como detentores de axé pela sabedoria adquirida pela vivência. Pior do que o roubo de sua força de trabalho, o desenraizamento imposto ao negro levou ao roubo de sua força vital, obrigando-o a criar para si, novos territórios de sustentação e de multiplicação do seu axé. (PETIT; CRUZ, 2008, p. 348)

Pensar o axé é então, compreender sua atuação no corpo da benzedeira, no ritual da benzedura, é pensar que a sua vivência como praticante encorpa seu axé e, proporcionalmente, lapida seu dom. Outro aspecto extremamente enraizado na ancestralidade se refere ao jogo, conceito trabalhado também por Sodré (1988) que abarca a linguagem dos gestos, dos movimentos do corpo, das imagens, etc. Petit e Cruz (2008) afirmam que esses são os espaços de reterritorialização dos negros. Essa perspectiva pode ser aplicada à benzedura a maneira que se rememora a movimentação da benzedeira durante prática, o sinal da cruz, o movimento lateral dos ramos e a água lançada sobre o corpo do outro indivíduo assentam-se na sensibilidade do gesto, em que o tempo cronológico passa a ser o tempo cósmico, muito distante da rapidez e do automatismo moderno, ditando novos ritmos ritualizados, restituindo a dignidade aos corpos negros através do espaço próprio (PETIT; CRUZ, 2008).

Os saberes transmitidos tornaram viáveis a reprodução estética, culinária, musical, ritual, de saberes sagrados entre tantos outros elementos que devolveram a possibilidade da vida. Dessa forma, aproximando-se da função pedagógica da ancestralidade e de sua inspiração formativa, aponta-se então a construção do saber da prática de benzedura que se dá, sobretudo, através do repasse de encantações pronunciadas intergeracionalmente bem como a transmissão das técnicas de manejo e emprego de espécies vegetais e animais, práticas essas repletas de corporeidade, materialidade, essência e alcance.

Essa transmissão afetiva e efetiva dos saberes sagrados pode-se dar de abundantes formas, seja através da observação de um indivíduo, pela repetição de gestos e falas ou até mesmo por “herdar” espécies vegetais dispostas no quintal da família, por exemplo. A contemplação do uso das mesmas por outros internaliza o conhecimento no observante. Neste aspecto crê-se relevante a abordagem sobre as aprendizagens da benzedura, tanto da benzedeira quanto do benzido, num movimento de reconhecimento das potencialidades desta.

3.3 Ancestralidade, Benzedura e Teoria da Aprendizagem Social

No tratar dos modos negros de construção e transmissão de conhecimento e de demais valores civilizatórios negligenciados pela visão ocidental, respalda-se nas contribuições de Frantz Fanon (1956), que afirma que acerca das culturas das civilizações africanas muito se sobreleva acerca das características, as peculiaridades, as curiosidades, mas jamais é traçada uma concepção sobre as mesmas considerando-as enquanto estruturas. Outra aproximação possível se refere ao epistemicídio⁵, conceito trabalhado por Sueli Carneiro (2005), sofrido por essas, que, por vezes, deslegitima suas sustentações e visões de mundo. Por fim, Leandro Araujo (2016) possibilita visualizar de forma ainda mais nítida a desvalorização sofrida por sociedades orais quando afirma que dentro da visão

⁵ Em sua tese de doutoramento, Sueli Carneiro (2005) trabalha o conceito de epistemicídio como a negação dos saberes dos povos e dos grupos afrodescendentes. Isso se dá através da desvalorização, ocultamento e negação das visões de mundo, conhecimentos, práticas e estruturas, tanto no continente africano quanto na diáspora.

ocidental é a partir do advento da escrita, enquanto um marco, que os tempos históricos começam a ser registrados, o que desloca para uma margem perversa e fossilizada toda herança africana e de demais sociedades primevas baseadas na oralidade ao estabelecer a escrita como padrão de conhecimento.

Esses são alguns percalços que impostos pela visão ocidental que buscam deslegitimar as construções negras de conhecimento e de repasse. No entanto, na presente seção será abordado sobre os processos de construção dos conhecimentos desencadeados pela experiência de benzedura, buscando uma análise regada pela convicção na efetividade da ancestralidade africana enquanto caminho e motivação pedagógica. Para tanto é necessário salientar que parte-se da crença de que não é possível delimitar esses processos em modos ocidentais de construção e repasse de saberes, tampouco delimitá-los baseado em teorias que não consideram essas possibilidades, mas busca-se abordar uma das muitas e possíveis maneiras de fazê-los utilizando de autores que possibilitam, mesmo que ligeiramente, compreender melhor seu desenvolvimento.

Para o presente estudo incorpora-se a concepção de que os elementos que compõem o processo de formação são derivados do contexto em que se estabelecem (FLOR DO NASCIMENTO, 2006), partilhando também da ideia de que a formação advém da experiência. Dessa forma, na análise do processo de formação e de construção identitária alguns temas se descortinam.

Na sondagem da prática de benzedura alguns aspectos são fundamentais para o desenvolver da figura da benzedeira e também pelo processo experienciado pelo benzido, o que transporta a análise para os meandros da aprendizagem bem como os agentes que atuam nesse processo alinear e contínuo, ancorado na memória, no gesto e na ancestralidade.

Na observação da formação da benzedeira a iniciação na prática pode se dar, de forma geral, de dois modos, o primeiro se estabelece através da transmissão geracional, quando a iniciante inaugura, incorpora e edifica seu aprendizado mediado pela presença primordial de uma benzedeira já iniciada. Assim os gestos, palavras, memórias e encantamentos são repassados oralmente. Outro modo se refere à aprendizagem por experiência mística, quando uma situação sobrenatural inicia a prática em sua trajetória, seja através de um sonho, após a superação de

uma situação traumática, escolhida tem seu dom apresentado por uma entidade sobrenatural ou por uma inspiração que direciona a iniciada sobre o que e como utilizar no momento da benzedura (ARAÚJO, 2011). O presente escrito se desenvolverá no estudo da transmissão geracional, justamente por nela se acusar fortemente a importância da ancestralidade para tanto.

A voz que orienta, as mãos que gesticulam, o repasse dos encantamentos memorizados e receitas se estabelece através da figura de uma praticante já iniciada, com relações consanguíneas ou dotadas de afinidade, e o repasse se dá, comumente, de uma benzedeira mais velha para uma mais nova. Da mesma forma, ao recorrer à benzedeira, o benzido instaura uma relação de proximidade e confiança. Esses primeiros apontamentos já delimitam a presença de toda constelação ancestral na benzedura e sua importância no repasse de saberes, poderes, pensares e viveres.

Para aprofundar a compreensão da ancestralidade em sua relação com a aprendizagem entre indivíduos negros utiliza-se da Teoria da Aprendizagem Social, de Albert Bandura (2008), para apreender o alcance e materialidade da aprendizagem através da observação, da experiência de outrem. O emprego desta se dá por considerar todos os fatores que influenciam o comportamento, incluindo os processos simbólicos, fundamentais para compreender toda trajetória do mistério traçada pela ancestralidade negra. O intuito em utilizá-la não está em refazê-la minuciosamente, mas em reportar pontos fundamentais para a assimilação deste do processo, o que se focará, então, na experiência vicária.

Feitos os apontamentos necessários, de acordo com a teoria desenvolvida por Bandura (2008), é afirmado que o indivíduo tem grande facilidade e possibilidade de aprendizagem, e essa pode se dar não somente através da experiência direta, mas também através da experiência vicariante, isto é, pela observação do comportamento de outro indivíduo. Essa observação, que influencia em mecanismos cognitivos, provoca a avaliação das consequências das ações, o que possibilita que o observador se engaje ou não. A aprendizagem pela observação possibilita ao indivíduo se poupar de experiências repetitivas e desgastantes, bem como dinamiza o processo de aprendizagem. Utilizando-se ainda da teoria de Bandura, pode-se traçar a análise sobre o despertar do interesse pela

prática por parte de seus atores. Ao observar o ritual e constatar o resultado de cura alcançado esta compreende a ação e a consequência, o que resulta no engajamento na prática, justamente por concluir, através da experiência de outro indivíduo a eficácia da mesma.

Considerando que através da observação de um modelo se arquiteta o processo de aprendizagem, aponta-se aqui a benzedeira que atuará enquanto *modelo vivo* (BANDURA, 1980) para os que a buscam como possibilidade de aprendizagem da prática ou de obtenção de cura. A escolha desse modelo se estabelece de acordo com as características que o mesmo apresenta, como o *status*, as habilidades e o motivo pelo qual esse é conhecido e se é atraente aos objetivos do observador (FEIST, 2015). Numa aproximação do tema, um benzedeira é elencada como modelo quando seu reconhecimento ecoa pelo grupo ao qual se insere, quando ela se torna referência em cura em sua teia de atuação.

Dessa forma, então, o processo de aprendizagem ocorre por modelagem, que é a essência da aprendizagem por observação (FEIST, 2015), quando um indivíduo é tido como um modelo de comportamento. Ressalta-se que esta maneira não se finda enquanto mera imitação ou mimetismo, por acionar processos cognitivos, mas possibilita a criação de novos comportamentos (LA ROSA, 2001) bem como esculpir os já construídos para a obtenção de melhores resultados, o que pode ser aplicado no benzer quando o benzido reproduz trechos do ritual ou de práticas desenvolvidas pela benzedeira que este considera benéficas. Pensando nesse aspecto é interessante ressaltar que essas práticas reproduzidas são moldadas de acordo com aspectos internos e externos, eles não apenas reproduzem o que foi observado, mas aplicam nele parte de suas identidades.

Para exemplificar a afirmação acima, aponta-se que no que se refere à especialidade da benzedeira, por vezes, uma praticante pode ser conhecida por ser boa com encalho, outra por ser referência em cura de espinhela caída, entre outras. Além dessa referência de doenças, outra comum diz respeito aos elementos que essa utiliza para curar, dessa forma, uma benzedeira pode ser conhecida por utilizar lesmas para a cura de doenças respiratórias, outra por trabalhar especificamente com ramos de determinada espécie vegetal, ou pelo uso do fogo nos rituais. Essas características acionam as particularidades as suas identidades enquanto

benzedeadas, bem como podem ampliar a espacialidade de sua credibilidade como praticante. De acordo com Oliveira (1985, p.15) “O modo como cada pessoa benze e recebe a bênção está relacionado à percepção que ela faz do seu papel social nesse espaço”. Dessa forma, quando as especificidades da benzedeadora dialogam com sua prática “ela executa e conduz uma ritualística própria” (CUNHA; ASSUNÇÃO, 2017, p. 193).

Sendo assim é possível constatar que, como apontado acima, mesmo numa aprendizagem pela observação, em que a presença do modelo direciona o processo, não ocorre a drenagem da identidade do observador, tampouco essa é encoberta ou silenciada, mas se manifesta nas características de seu próprio ritual, de seu conhecimento e de sua figura, que não são encobertos por um repertório coletivo pré-existente, mas é rearranjado pela identidade. Esse aspecto pode ser aplicado tanto na análise das características das praticantes quanto na aplicação que o benzido fará de seus saberes, sendo impulsionado por sua identidade bem como por suas necessidades.

O processo de transmissão da cultura enquanto tradição compreende a interpretação do passado a partir de uma perspectiva de afirmação e valorização; o processo de criação do presente é resultado da identificação e reconhecimento de sua história e na necessidade de continuidade ensinamentos e valores do passado. Não se trata aqui da mera cópia e reprodução do passado de uma forma conservadora, mas sim de considerar a reelaboração e ressignificação das formas culturais do passado a partir da realidade atual (SOUZA, 2017).

A observação de uma experiência conduz o indivíduo à aquisição de novos conhecimentos, o que aqui estabelece um elo sólido com o repasse de saberes entre indivíduos que pertencem a um mesmo condicionante, a raça, e a integração destes aos quadros de respostas pessoais. Acredita-se que a utilização da teoria de Albert Bandura soma de forma muito positiva para a análise proposta, possibilitando, com o decorrer da apropriação sobre o tema, adicionar novos aspectos à essa. Compreender a benzedura para além do rito é necessário para ter ciência da sua estruturação enquanto prática sócio-espacial.

Pensar no saber adquirido pela observação, pela oralidade e por um leque de experiências é deixar-se remeter às estratégias pedagógicas clandestinas,

principalmente através dos rituais religiosos e dos mitos. A busca por (sobre)viver concebe seus próprios saberes e suas próprias estéticas, e assim gera, ainda, as pedagogias de sobrevivência, de resistência e de relações (STRECK, 2005). As necessidades de se curar, alimentar e de viver desenvolveram um conjunto de práticas e saberes facilmente aplicados às necessidades do grupo que as vivenciaram e ainda as vivenciam. Dessa forma, então, entende-se que a clandestinidade e a subversão foram ferramentas fundamentais que se manifestam na circulação de saberes, de estratégias de cura, na reinvenção das possibilidades de vida, e a benzedura está com grande presença e influência nesse todo.

3. 4 Palavra, Oralidade e Silêncio

Nas culturas orais a palavra e a oralidade têm valores significativos muito acentuados, e isso se dá porque, para além da fala, através das palavras, oralizadas ou não, são repassados ensinamentos, tradições, memórias, identidades, etc., como foi possível compreender anteriormente. Esse conjunto de costumes, mitos, rituais e usos passados de geração à geração através da tradição oral possibilitou a sobrevivência de povos tirados a força de seus lugares bem como a resistência e reorganização em um novo (ARAUJO, 2016). Isto posto, a presente seção tem como escopo a compreensão da relevância da palavra e da oralidade características das sociedades negro-africanas e suas manifestações na prática da benzedura, reafirmando sua efetividade e êxito.

Tal conhecimento tem na oralidade um importante instrumento metodológico para a reconstituição e a continuidade da história local, é fundante para a conservação da tradição, dos mitos, das lendas, das histórias e é por meio dessa oralidade que a palavra se faz elemento produtor da história, formadora do cerne da comunidade, do indivíduo e de tudo que existe. (MACHADO, 2014, p. 58)

Na busca pelo aprofundamento dos presentes apontamentos e para que sejam utilizadas as lentes adequadas para tanto, almejando o afastamento de análises comparativas descabidas, utiliza-se das contribuições de Fábio Leite (1982) em seu escrito intitulado “A questão da Palavra em Sociedades Negro-Africanas”. De acordo com o autor, na análise dessas organizações é necessário destacar que

a ideia de analfabetismo é alheia às concepções próprias das sociedades negro-africanas e afirma que o conhecimento é considerado como o componente estruturador, incorporado de acordo com os valores próprios do corpo social. Nelas também a palavra constitui a identidade profunda do povo e é considerada como elemento vital da personalidade, o que se estende tanto para as instâncias abstratas quanto para as práticas sociais.

Tanto nessas sociedades quanto na prática do *benzer* é atribuído à palavra princípios sagrados, bem como ocorre a existência da palavra do gesto, do movimento, e é ela também quem permite a transmissão e repasse de valores e modelos sociais ancestrais (LEITE, 1992), e, além do exposto, salienta-se que a palavra também possibilita a captação da realidade, do conhecimento e de sua transmissão. Conforme Fatumbi (2005) assinala, a transmissão desses conhecimentos de uma geração à outra se estruturava através de repetições de narrativas, cantos, sentenças curtas ritmadas e fórmulas, o que permitiu a assimilação e memorização dos saberes dos ancestrais aos demais. Ressalta-se também, pousado sobre apontamentos de Araujo (2016), que a construção e transmissão estabelecidos desse modo não se restringem a formas retilíneas, tampouco trazem em sua essência a fronteira dos conhecimentos, mas estabelecem travessias alineares e tecem assimilações num processo contínuo e infundável.

Essa contextualização sobre a importância da palavra em organizações negro-africanas se expressa pertinente por permitir transitar sobre a atribuição desta dentro da cosmopercepção africana e seu ecoar diaspórico na prática do *benzer*. É sabido que as palavras são muito utilizadas dentro da benzedura, e cabe ressaltar que esta é fundamental também para a sobrevivência da prática (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012). Dessa forma, pode-se constatar que a palavra está no processo de repasse de todo acervo memorizado, na elaboração e estruturação ritual da prática e é um fator fundamental para o processo de cura.

No tratar da palavra, ressalta-se também a importância da oralidade para essas organizações. A oralidade, segundo Leite (1992) pode ser considerada como um dos instrumentos e formas de manifestação da palavra, e Araújo (2016, p. 261) ressalta que:

A oralidade é, para além de um veículo transmissor, a estrutura social, cíclica e antirreligiosa (pois não há desligamentos) dos povos africanos com

os seus ancestrais, e, concomitantemente, com todo o legado transmitido e perpetuado ao longo das gerações.

A voz, então, não só veicula essa ação, como também a personifica (DIAS, 2013, p. 118).

O fato de a voz, embora inaudível perdurar nas gerações, esta passa a estar presente, antes de tudo na coletividade, na memória do povo, nas entranhas da sociedade, pois, para a tradição das rezas populares é a maneira mais elementar de compartilhar os saberes e os ensinamentos da comunidade. (NASCIMENTO, 2010, p. 25).

Apoiando-se nas contribuições de Danielle Nascimento (2010) em sua dissertação de mestrado intitulada “Tradições Discursivas Orais: mudanças e permanências nas rezas de cura e benzeduras populares da região de Itabaiana” é possível compreender e se aprofundar na importância da palavra nas tradições de reza. Segundo a autora a palavra oralizada é capaz de representar o pensamento, a memória e as crenças e traz consigo a capacidade de curar, proteger e devolver o equilíbrio ao que não consegue devido à fragilidade que o acomete (NASCIMENTO, 2010). A exemplo disso, têm-se as jaculatórias, orações suplicantes, curtas, simples e fervorosas que são rezadas no local da doença que assola o indivíduo, juntamente com o uso de algum elemento e, geralmente, são feitas três vezes (OLIVEIRA, 1985). No entanto, pode-se analisar, também, o discurso silencioso presente na prática do benzer.

De acordo com Cunha e Gonçalves (2017) a oralidade desempenha um papel fundamental dentro das práticas sócio-culturais e no universo da benzedura, mesmo quando a palavra proferida não é vocalizada, a exemplo, quando em silêncio a benzedeira dialoga com Deus no intuito de obter a cura para o mal que afeta quem a procura. Também nesse universo o silêncio por vezes acomoda o segredo da tradição. Em diversos trabalhos sobre a temática de benzedura é possível constatar uma ideia em comum, quando as praticantes alegam que proferir as rezas em voz alta pode ocasionar na perda de sua “força”, que é o poder da mesma enquanto benzedeira.

Para compreender a importância do silêncio, pode-se pensar na manifestação dele em diversas religiões, em que os indivíduos se apartam do som para encontrar e se aproximar de determinadas divindades, e o mesmo ocorre na benzedura, quando a praticante reduz seu tom de voz a sussurros, murmúrios, e o tom

indecifrável das rezas, visto que nessa prática a vocalização não é primordial. “O silêncio é, pois, uma estratégia de comunicação, de maneira que é capaz de expressar algo muito mais significativo do que as próprias palavras”. (NASCIMENTO, 2010, p. 24). Quanto a isso salienta-se que nas sociedades negras africanas o silêncio e as pausas são tão significativos quanto a palavra e a oralidade, o que permite compreender o papel dos mesmos dentro da prática de benzedura.

E mesmo em um discurso silencioso, a benzedura também se complementa pelos gestos dos corpos socializados e sacralizados, ritos, símbolos e crenças, que interagem e compõem o processo de cura, sendo assim, é através da palavra, vocalizada ou não, que a praticante atua e atinge o objetivo (NASCIMENTO, 2010).

A expressividade torna-se, pois, um elemento intensificador da comunicação, torna a palavra viva e significativa tanto para quem expressa como para quem recebe. Percebe-se com isso, que as palavras, pronunciadas ou não, fazem muito mais do que transmitir uma informação, elas têm o poder transformador que, ao serem ditas ou mentalizadas em um contexto apropriado, apresentam reação, entendimento e valor. (NASCIMENTO, 2010, p. 25).

Com o apresentado é possível compreender qual o papel da palavra bem como o da oralidade na tradição africana, e como o emprego de ambas é nítido na prática da benzedura. Reconhecer a importância, eficácia e a legitimidade da tradição oral e assumir que o conhecimento pode ser construído e transmitido de diferentes formas e sob diferentes aspectos. A oralidade foi, e ainda é, essencial para a resistência dos povos oprimidos, negligenciados e excluídos, e é através dela que se produz conhecimento, vida e união assim como possibilita isso a outrem.

Para aprofundar a compreensão da importância da palavra e da oralidade nas tradições africanas, e, conseqüentemente, na benzedura, adiante será abordado acerca da tradição oral.

3.5 Tradição Oral

No trato da ancestralidade e de suas ferramentas no repasse de conhecimento e perpetuação de práticas propõe-se aqui a análise sobre a tradição oral e sua relevância tanto nas culturas tradicionais africanas dentro do continente

quanto na adaptação do contexto após a travessia. Como já apontado anteriormente, reconhece-se que a análise desta deve considerar possíveis rearranjos, modificações e adaptações sofridas pela tradição, mas que ainda assim traz consigo a herança da Mãe África de forma nem sempre consciente, mas intensa e significativa. No Brasil essa estratégia de repasse de saberes ainda hoje torna possível o compartilhamento de memórias, saberes, ritos e métodos capazes de trazerem acalanto, afeto, cura e cuidado em meio aos dissabores da vida à margem.

Reconhece-se que a tradição oral analisada sobre o prisma da pesquisa acadêmica por vezes sofre de questionamentos quanto à sua legitimidade, justamente pela divergência estrutural quando comparadas uma à outra. Cruikshank (1994) alerta para a problemática de analisá-las num viés positivista. Dessa forma, assume-se então que ambas se caracterizam por formas diferentes de narrativas, não propondo aqui comparações, mas reconhecendo suas características e possibilidades no conhecimento de diferentes realidades.

Por vezes a ideia sobre tradição oral é composta por um conjunto de estereótipos ou é reduzida apenas a contos, lendas e histórias fantasiosas. No entanto, além de reconhecer sua importância, para compreender a história negra é imprescindível se debruçar sobre ela, visto que foi através dessa prática que populações africanas, bem como indígenas, perpetuaram e transmitiram suas histórias, saberes e tradições. Isto posto, não é o objetivo aqui traçar um paralelo de comparativos sobre a efetividade dos saberes repassados, tampouco questionar essas informações trazidas através do saber dos povos, mas apontar os caminhos da tradição pelos quais a prática de benzedura percorreu e ainda percorre visando a cura do indivíduo, perpetuação do benzer e do saber.

No pensar a tradição para compreender o repasse pode-se pensar nas diferentes concepções existentes entre culturas. Em determinadas sociedades ocidentais a tradição está vinculada apenas como passado, englobando práticas e memórias por vezes já não consideradas; já em sociedades orientais, em especial as africanas, a tradição é presente e constante, atuando como instrução de vida (CAETANO, 2016). Acerca disso Hampaté Bâ afirma que “Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação” (2010, p. 169).

Tendo em vista o afirmado, adota-se as contribuições de Jan Vansina em seu texto “A Tradição Oral e sua Metodologia” (2010) que aponta a dificuldade de definir o que é a tradição oral e seus muitos aspectos, mas divide a definição dessa enquanto testemunho transmitido de forma oral entre gerações, e tem como principais características o verbalismo e a maneira como se dá a transmissão.

Segundo Vansina (2010), tudo o que é considerado importante para uma sociedade é transmitido cuidadosamente, sejam direitos, *status*, valores, e demais fatores relevantes para o funcionamento de suas instituições (2010, p. 146). Em uma sociedade oral essa transmissão se dá pela tradição, em contrapartida, em uma sociedade que adota a escrita, apenas memórias com menos relevância são dispostas à tradição, e através dessa disparidade que foi tecida a ideia da tradição como um aspecto mais folclórico, fantasioso e lendário (2010, p. 146) o que será tratado adiante.

Para romper com a hierarquização dos métodos de contar histórias e repassar saberes é necessário partir da ideia de que “A oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade” (2010, p. 140). Conforme salientado por Vansina (2010) reduzir a civilização da palavra falada apenas ao aspecto da ausência do escrever se configura em um ato de ignorância em relação à natureza dessas civilizações orais. “Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais” (2010, p. 140)

A busca por compreender se na oralidade pode ser depositada a mesma confiança a qual a escrita recebe por vezes caracteriza-se como uma prática pretensiosa. A oralidade e a escrita são testemunhos humanos, propensas à equívocos cronológicos, à narração de fatos de acordo com o seu ponto de vista e interesse (HAMPATÉ BÂ, 2010). A desvalorização da tradição oral se dá, por vezes, por essa ser transmitida “de boca a ouvido”, de geração à geração, o que para muitos justifica a concepção de um saber que pode passar por alterações significativas. No entanto, a escrita não está isenta de falsificações bem como de alterações, podendo ser elas intencionais ou não (HAMPATÉ BÂ, 2010). Outro ponto comum é apontado por Muniz Sodré (2002), que afirma que esse se configura como

um “preconceito que passa facilmente da ausência da letra para a presença da cor” (SODRÉ, 2002, p. 16)

No tratar da fala, elemento tão presente na benzedura, a tradição africana a compreende como a exteriorização da vibração das forças, também como um dom recebido de Deus (HAMPATÉ BÂ, 2010). E essa mesma concepção é aplicada à prática do benzer, compreendido como um dom divino. Portanto, “se a fala é força, é porque ela cria uma ligação de vai-vem (*yaa-warta*, em fulfulde) que gera movimento e ritmo, e, portanto, vida e ação.” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 172). Seguindo nessa perspectiva, é possível compreender como alguns elementos, ritos e crenças foram incorporados à benzedura e, ainda hoje, podem ser identificados. O exercício da palavra e da oralidade não só é utilizado no processo ritual, mas é também empregado enquanto fator pedagógico de repasse de conhecimentos, orientações, experiências, entre outros. É, também, através da palavra oralizada que a benzedeira pronuncia encantamentos e dá orientações de experiências reordenadas que poderão, adiante, serem colocadas em prática pelos benzidos.

A abordagem dos temas que compuseram a presente seção possibilita compreender como é possível ocorrer a adaptação, aprimoramento e potencialização dos saberes que se dão através de relações e práticas, viabilizando, ainda hoje, a sobrevivência e a melhora na condição de vida dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adentrar nessa seção assume-se, como em parte inicial do trabalho, o uso da primeira pessoa do singular. Daqui em diante o “eu” estará presente porque ao concluir os apontamentos aqui concluo também, em mim, parte dessa trajetória. A escrita dessa dissertação me conduziu a momentos de profunda angústia, sentimentos intensos de raiva, de injustiça e tristeza, mas também me guiou por trajetos de acalanto, acolhimento, de orgulho e reconhecimento. O processo de conhecimento da história negra africana e diaspórica reabre algumas feridas e, finalmente, cicatriza outras, é profundamente permeado por questionamentos, e é impossível negar a força da memória ancestral. Escrever isso é sentir minha ancestralidade narrar nossa história através do meu corpo e dos corpos dos meus. É, enfim, pertencer a algo.

O processo de leitura, análise e escrita foi, também, um processo árduo de decolonização do pensamento, da visão e do discurso, que exigiu abrir mão de conhecimentos baseados numa visão hegemônica para dar espaço para o contra-discurso, para tanto precisei reconhecer que o eurocentrismo não está atrelado somente à uma expansão geográfica, mas também epistêmica, e que encobrir outras formas de conhecimento é uma forma de manutenção do poder. Dessa forma, o presente trabalho se estabeleceu também enquanto reivindicação da centralidade das experiências históricas e pessoais, valorizando a aplicação dos conhecimentos tradicionais em contextos e situações atuais. sendo assim, ao longo do trabalho busquei trazer outras visões, outras vozes, numa busca incessante por voltar o olhar para práticas negras e indígenas de sobrevivência e alteração de realidade.

Dentre os objetivos latentes, não necessariamente expostos, do presente trabalho estava o anseio de abordar uma das inumeráveis formas de viver a negritude, apontando que cada indivíduo negro curado é um indivíduo negro vivo dentro do grupo, isso é fortalecimento do corpo coletivo e construção da ancestralidade em vida. Pensando nisso, durante o trabalho uma diversidade de temas foram acolhidos para o alcance dos objetivos propostos, justamente pela

crença de que temas como esse são compostos por um buquê de outros temas agrupados.

Ao longo da escrita diversas vezes foram trazidos apontamentos sobre a ancestralidade e a importância desta como orientação e referência. Através dos referenciais teóricos e das narrativas foi possível compreender que a adoção e reprodução de algumas práticas manifestam-se enquanto rastros da cosmopercepção africana. Imerso na perspectiva da ancestralidade, se mostrou necessária a análise sobre a atuação da memória para compreender as expressões da busca em refazer-se. Em corpos desfalecidos pelas inúmeras formas de tortura física e simbólica a memória atuou como agência mantenedora da vida e da identidade dos povos afrodiaspóricos, assim como meio transportador de crenças e imaginários, o que suscitou a transmissão e manifestação dos mesmos.

Neste aspecto também, em diálogo com o elencado no primeiro objetivo específico, é interessante apontar como a prática e os elementos que a mesma engloba, como a relação com a benzedeira, a representação desta dentro do imaginário popular, as relações naturais e sobrenaturais estabelecidas para tanto, a utilização de saberes ancestrais, entre outros, geram novas formas de viver atreladas à saberes que atuam enquanto orientação e que são aplicados no cotidiano. Isso se tornou nítido através dos depoimentos coletados, marcados por relatos de mudanças após a experiência do ritual, o que demonstra a vitalidade da memória ancestral ainda atuante. Estes são saberes que estão muito distantes de padrões formais, mas que são estritamente consoantes com realidades e necessidades.

Dos processos de aprendizagem potencializados pela benzedura cabe ainda ressaltar que estes ocorrem enquanto permutas. Através da relação com a benzedeira o benzido vivencia novas experiências regadas por saberes, mas este também influencia diretamente nos processos da formação e legitimação da praticante.

De acordo com o estipulado no segundo objetivo específico, no trato da prática da benzedura temas como as doenças e elementos utilizados nos rituais visavam expor os males tratados e a facilidade de acesso aos objetos que fazem

parte do enxoval de cura, ressaltando o quanto a prática é próxima das realidades populares, seja através dos termos, da linguagem utilizada ou do contato afetuoso e confiante estabelecido com a benzedeira. Neste eixo também é possível visualizar como a benzedura se adapta e restabelece consoante com o contexto que se manifesta, correspondendo a identidades, corpos, espaços e necessidades apresentadas por seus atores.

No esforço de uma abordagem distante de reduções e estereótipos, conforme elencado no terceiro objetivo específico, cuidadosamente revisei alguns referenciais que adentravam na análise acerca da potência da assimilação, interpretação e recriação de saberes africanos incorporados no cotidiano, aqui ressaltados os que, em especial, são voltados às práticas de cura e manutenção do equilíbrio vital. Ao fazê-lo parto da crença da necessidade de uma abordagem que demonstre a extensão e profundidade dessas manifestações no cotidiano e que se expressam nos abundantes processos e elementos que compõem o ritual. Ela também se baseia na tentativa de não englobar, enquanto características generalizadas, as tantas identidades negras expressas na prática.

Na mesma proporção, correspondendo ao quarto objetivo específico, houve o impulso em demonstrar, expressivamente, o caldo étnico presente na prática. Diversos referenciais sobre a temática de benzedura sobrelevam a influência lusitana na mesma, em especial pelo catolicismo popular, no entanto acredito que no movimento de afirmar essa presença por vezes outras presenças acabam por serem invisibilizadas ou têm seus impactos pouco considerados, justamente pela grande valorização das culturas européias em detrimento das negras e indígenas. Ao afirmar o prisma africano da análise não pretendi encobrir outras presenças, mas afirmar enfaticamente de onde se analisa a prática e a importância da análise desta para compreender aspectos da cultura manifestada neste contexto, buscando ressaltar a versão e visão de outras margens e narrativas.

O memorial foi um tanto desafiador, não pelo exercício de atravessar inúmeras vezes a cidade para coletar as entrevistas ou pelo cansaço de transcrevê-las, mas por reorganizar pensamentos, concepções e se deparar com realidades distintas. O primeiro desafio encontrado foi no termo de compromisso que deveria ser assinado pelos entrevistados. Nem todos sabiam escrever seus próprios

nomes ou ler o que estava descrito no documento. Fazer pesquisa sobre temas populares é um exercício de se colocar no lugar do outro, de tentar, mesmo que limitadamente, compreender outra visão de mundo, outra realidade, outra vivência. Mesmo com os percalços apontados, acredito que a escolha da história oral enquanto metodologia de pesquisa se demonstrou positiva por possibilitar documentar histórias que possivelmente não poderiam ser feita de outra forma.

O quinto objetivo específico foi correspondido através da avaliação sobre a espacialização da benzedura e dos saberes em Pelotas/RS. As entrevistas viabilizaram a compreensão de que a prática motiva deslocamentos, preservação de espécies e aprendizagens espaciais. Através dos dados também foi possível visualizar a disposição dos atores, os elementos mais utilizados, em especial os que são consoantes com as características da região em que o município se localiza, e as manifestações espaciais da prática. Este estudo viabilizou a constatação de que a referida localidade se mostra enquanto um campo fértil para práticas populares arraigadas à religiosidade, com traços que apontam trechos da cosmopercepção africana manifestadas espacialmente.

Com a finalização dos processos acadêmicos relacionados a dissertação pretendo levá-la até os sujeitos das narrativas. Esse é um dos pontos trabalhados dentro da metodologia de história oral, visando ressaltar aos atores a forma como suas experiências narradas contribuem para a formação da história.

Dentre as fragilidades encontradas para a composição do presente estudo ressalto que, infelizmente, dentro do campo da Geografia ainda há pouco estudo acerca das apropriações do espaço desencadeadas por processos de diáspora, adaptações do mesmo pela religiosidade, entre outros estudos necessários e basilares para compreender a dinâmica e as demandas sociais. A Geografia se demonstra enquanto um manancial que possibilita compreender e interpretar outras formas de apoderamento, utilização e significação deste, mas que ainda é pouco utilizada para tanto. Lamentavelmente na maior parte das ocasiões que necessitei compreender sobre as formas negras de utilização do espaço precisei recorrer à outras ciências, mesmo fazendo parte de um campo tão próspero para essa análise.

Por fim, ressalto que, apesar de usar muitas referências acadêmicas, evidentemente de inegável importância, minhas mais sábias e belas referências

estavam no contato com o outro, nas experiências que vivi nesses anos de imersão na temática. As palavras oralizadas compuseram obras que talvez jamais caibam nos moldes acadêmicos ocidentais, mas que narravam trajetórias de vida que, se ouvidas, mudariam rumos e viveres.

Durante esse processo aprendi que a benzedura é, mais do que cura, consolo e afeto, é repasse de saberes, é senso de origem, é o afago embaixo de um baobá e uma vivência afroancestral, ela é um dos maiores exemplos do que jamais pode ser tirado do povo negro: o conhecimento, a forma de relação com a natureza, a memória latente.

Escrever essa dissertação é uma forma de gratidão aos meus ancestrais.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. -3ª. Ed.-Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005. 236p.

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 196p.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Cartografia da Diáspora África–Brasil. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 01, p. 261-274, 2011. Disponível em: <<<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6570>>> Acesso em 13 jun. 2019.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias Ancoradas em Corpos Negros** - 2 Ed. São Paulo: EDUC, 2014.

ARAÚJO, F. L. **Representações de doença e cura no contexto da prática popular da medicina**: estudo de caso sobre uma benzedeira. Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 18, p. 81-97, set. 2011. Disponível em:<http://www.cchla.ufpb.br/caos/n18/9_FABIANO_ARAUJO_Representacoes_no_contexto_do_benzimento.pdf> Acesso em: 28 jun. 2018.

ARAÚJO, Leandro Alves de. **As Marcas da Diáspora Negra na Oralidade do Candomblé Baiano**. - Revista de Estudos Linguísticos, Literários, Culturais e da Contemporaneidade. Número Especial 18b – 03/2016, p.259-264. Disponível em <<http://www.revistadialogos.com.br/Coneab/Coneab.htm>> Acesso em 27 jan. 2019.

ARENHALDT, Rafael; MARQUES, Tânia Beatriz Iwaszko. Memórias e afetos na formação de professores. **Série: Cadernos PROEJA–Especialização– Rio Grande do Sul. Pelotas, RS: Editora Universitária/UFPEL**, 2010.

ASSUNÇÃO, Mayara. **Quem Antecede e Quem me Sucede**. 2018. Disponível em: <<<http://blogueirasnegras.org/2018/07/04/quem-antecede-e-quem-me-sucede/>>> Acesso em 21 set. 2018.

AVILA, Carla Silva de. **A princesa batuqueira**: etnografia sobre a interface entre o movimento negro e as religiões de matriz africana em Pelotas/RS / Carla Silva de Avila; Orientador : Rogério Reus Gonçalves da Rosa . – Pelotas, 2011. 190f.

BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. Trad. Antônio de Pádua Danesi; revisão de tradução Rosemary Costhek Abílio. 1993.

BANDURA, Albert; AZZI, Roberta Gurgel; POLYDORO, Soely. **Teoria Social Cognitiva**: Conceitos básicos. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BANDURA, Albert; WALTERS, Richard H. **Aprendizaje Social y Desarrollo de la Personalidad**. Madrid: Alianza Editorial, 1974.

BELCHIOR. **Comentário a Respeito de John**. São Paulo: WEA, 1979. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=f6JOMFnzITw>> Acesso em 02 fev. 2019.

BOYER, M. C. **The City of Collective Memory**: Its Historical Imagery and Architectural Entertainments. Cambridge: MIT Press, 1994.

BRANDÃO, Ana Paula (coord.). **Saberes e Fazeres**, v.3 : modos de interagir . Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006, 152p. : il. color. - (A cor da cultura).

CAETANO, João. **De Boca a Ouvido**: Oralidade e ancestralidade em contos narrados. Disponível em: <<https://medium.com/@jpcaetano/de-boca-a-ouvido-oralidade-e-ancestralidade-em-contos-narrados-1da680343736>> Acesso em: 15 dez. 2018.

CALVELLI, Haudrey Germiniani. O FENÔMENO DA 'BENZEÇÃO MODERNA' À LUZ DA TEORIA DO CONSUMO MODERNO. **INTERAÇÕES**, Belo Horizonte, v. 4, n. 5, p. 49-64, fev. 2014. ISSN 1983-2478. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/6686/6118>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 965-986, set.

2014. ISSN 1806-9584. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36757>>. Acesso em: 09 set. 2018.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade.** São Paulo: FFLCH, 2007, 123p.

CARLOTO, Cássia Maria. O Conceito de Gênero e Sua Importância Para a Análise das Relações Sociais. **Serviço Social em Revista.** Londrina v.3 n.2 p. 119-245 jan./jun. 2001. Disponível em: <<<http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n2v3.pdf>>> Acesso em 03 abr. 2019

CASSIRER, E. **A filosofia das formas simbólicas: primeira parte.** A linguagem. São Paulo: Martins fontes, 2001.

CASTRO, IE de; GOMES, PC da C.; CORREA, Roberto Lobato. **Olhares Geográficos: Modos de ver e viver o espaço.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CAVAS, Cláudio de São Thiago; NETO, Maria Inácia. D'ávila. **A Diáspora negra: Como as mulheres recriaram através da religião a África "imaginada" no Brasil de Todos os Santos.** Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis-SC, 2013. Disponível em: <<<http://www.labimagem.eicos.psicologia.ufrj.br/index.php/artigos>>> Acesso em 21 fev. 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, Um Conceito-Chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-48.

CORRÊA, Roberto Lobato. Diferenciação Sócio-espacial, Escala e Práticas Espaciais. **Revista CIDADES**, v. 4, n. 6, 2007. p. 62-72. Disponível em <<<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/570/601>>> Acesso em 05 Mar. 2019.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões.in FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina (orgs). **Usos e Abusos da História Oral.** -8ª Ed- Rio de Janeiro, FGV, 2006. p. 149-164.

CUNHA C. G. & GONÇALVES, C. R. **A magia das benzeções e suas vozes.** Cadernos do CNLF, vol. XXI, n. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2017.

CUNHA, Celina Gontijo; GONÇALVES, Clézio Roberto. A TRADIÇÃO ORAL DAS PRÁTICAS DE BENZEÇÃO. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, p. 30-42, jan. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/528>>. Acesso em 15 ago. 2018.

CUNHA, Lidiane Alves da. ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho. **Abençoada cura:** poéticas da voz e saberes de benzedeiras. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 09, n. 27, p. 189-227, jan/abr 2017.

DIAS, Letícia Grala. **O poder da e na voz delas:** benzedeiras da ilha de 19 Florianópolis (SC). 2013. Dissertação (mestrado em antropologia social) 20 – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade 21 Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil.** São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000. 211 p.

DOURADO, Auceia Matos. Caminhos e encontros com o território. In: VARGAS, M. A. M.; DOURADO, A. M.; SANTOS, R. H. (Orgs). **Práticas e vivências com a Geografia Cultural.** Aracaju: EDISE, 2015. p. 25-66.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano:** a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EVARISTO, Conceição (2007). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos A. (org.) **Representações performáticas brasileiras:** teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21.

FANON, Frantz. Racismo e Cultura. Tradução de: PASCOAL, Isabel. In: **Em defesa da Revolução Africana.** 1º ed. Português. 1980

FEIST, Jess; FEIST, Gregory J.; ROBERTS, Tomi-Ann. **Teorias da personalidade**. 8. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina (orgs). **Usos e Abusos da História Oral**. -8ª Ed- Rio de Janeiro, FGV, 2006.

GILL, L. A; ROCHA, L. Trajetórias de benzedores negros ao sul do Brasil. In: Lorena Almeida Gill; Micaele Irene Scheer. (Org.). **À beira da extinção**: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer. 1ed. Pelotas: Editora UFPel, 2015, v. 1, p. 101-111.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Ed. 34 / Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes – CEEA, 2001.

GOMES, P. C. C. **Versalhes Não Tem Banheiros**. As Vocações da Geografia Cultural. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, Nº. 19-20, p. 41-49, Jan./Dez. de 2005. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/3490/2418> acesso em: 01 ago. 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano**. Revista Isis Internacional, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

GOVINDIN, Julienne Louise dos Santos; MILLER, Francisca de Souza. **Práticas sociais e simbólicas**: comunidade de pescadores e unidade de conservação em Baía Formosa/RN / Práticas sociais e simbólicas: comunidade de pescadores e unidade de conservação em Baía Formosa/RN. Revista Sociedade & Natureza, [S.l.], v. 27, n. 1, maio 2015. ISSN 1982-4513. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/24054>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte : Editora UFMG; Brasília : Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**, - 2.ed. rev -, p. 167-212, Brasília : UNESCO, 2010.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete T. **Benzeduras, garrafadas e costuras:** considerações sobre a prática da benzeção. Guaju, Matinhos, PR, v. 1, n. 2, p. 110-26, jul./dez. 2015.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete T. **Velhas Benzedoras.** Mediações - Revista de Ciências Sociais. DOI: 10.5433/2176-6665. V. 17, n. 2, p.126-140, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/14025> Acesso em: 07 jun. 2018.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) 2018.**

Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf>. Acesso em: 18 set. 2018.

JACKSON, T., MACKENZIE, J., & HOBFOLL, S. E. Communal aspects of self-regulation. In M. Boekaerts, P. R. Pintrich, & M. Zeidner (Eds.), **Handbook of self-regulation** (pp. 275-300). San Diego, CA, US: Academic Press. 2000.

LA ROSA, Jorge. **Psicologia e educação:** o significado do aprender. Edipucrs, 2001.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. **A Questão Ancestral:** África negra. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2008. 385 p. II

LEITE, Fábio. A Questão da Palavra em Sociedades Negro-africanas. In: **Democracia e Diversidade Humana:** Desafio Contemporâneo. Salvador: Edições Secneb, 1992.

LEITE, Fábio. **Valores Civilizatórios em Sociedades Negro-Africanas.** África: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP, S. Paulo, 18-19 (1).103- 118, 1995/1996.

LODY, Raul. **Candomblé:** Religião e resistência cultural. São Paulo: Editora Ática, 1987.

LOPES, Fernando Cristian Nunes. **Associação entre condições meteorológicas e doenças respiratórias em crianças na cidade de Pelotas-RS**. 2016, 72 p. Dissertação (Mestrado em ciências – Meteorologia) – Programa de pós-graduação em Meteorologia, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; SCHEER, Micaele Irene. **Enfermidade e morte: os escravos na cidade de Pelotas, 1870-1880**. Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 1, p. 133-152, Dec. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702012000500008&lng=en&nrm=iso>. access on 21 Abr. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702012000500008>.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. in FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina (orgs). **Usos e Abusos da História Oral**. -8ª Ed- Rio de Janeiro, FGV, 2006. p. 15-25.

MARIN, R.C.; Scorsolini-Comin, F. Desenvolvimento no Ofício das Benzedeadas. **Psicologia: Ciência e Profissão** Abr/Jun. 2017 v. 37 n°2, 446-460. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703002352016>. Acesso em 15 Mar. 2019

MARTINS, Zilma. **O cotidiano e as práticas de cura de mulheres benzedeadas na cidade de Jaguarão no século XXI**. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura e m História. Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, 2015.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A ilha encantada: Medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores**. Belém: UFPA, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Saúde-doença: uma concepção popular da etiologia. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 363-381, Dec. 1988. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1988000400003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 mai. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1988000400003>.

MONTEIRO, Victor Gomes. **Uma Arqueologia das Paisagens da Escravidão na Cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul (1832-1850)**. 2016. 218f. Dissertação

(Mestrado em Antropologia com ênfase em Arqueologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas.

MIORANDO, Guilherme Sfredo. Memória Cultural, Rituais e Simbolismos Afro-Americanos em Duas Obras em Quadrinhos in: ISAIA, Artur César; et al (Org.). **História, Cultura e Religiosidades Afro-Brasileiras**: volume 2 [recurso eletrônico] -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. Disponível em: <<<https://www.editorafi.org/>>> Acesso em 20 Abr. 2019

MOORE, Carlos. **A África que incomoda**: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro. 2ª Edição - Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

MOREIRA, Adriana de Cássia. **Africanidade**: morte e ancestralidade em Ponciá Vicêncio e Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.8.2010.tde-28092010-095937. Acesso em 20 Fev. 2019

MOURA, C. **Dialética Radical do Brasil Negro**. São Paulo: Anita Ltda, 1994.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem Conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **III Seminário Nacional Relações Raciais e Educação**, 2003. Rio de Janeiro: PENESB, 2003.

NASCIMENTO, Danielle Gomes do. **Tradições Discursivas Orais**: mudanças e permanências nas rezas de cura e benzeduras populares da região de Itabaiana. 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

NOGUEIRA, Léo Carrer; Versonito, Suelen Malheiro; TRISTÃO, Bruno das Dores. **O Dom de Benzer**: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas: o caso do município de Mara Rosa, Goiás, Brasil. *Elisée – Revista de Geografia da UEG*, v. 1, n. 1, p. 2, 2012.

OLIVEIRA, Eida Rizzo. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Eduardo. **Epistemologia da ancestralidade**. Entrelugares: Revista de Sociopoética e Abordagens Afins, v. 1, n. 2, 2009. Disponível em: <<<https://filosofia-africana.weebly.com/textos-diaspoacutericos.html>>> Acesso em 13 Fev. 2019.

OLIVEIRA FREIRE, Ana Lucy. Cultura: produto e prática sócio-espacial urbana. **Geografares**, [S.l.], dez. 2009. ISSN 2175-3709. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/150/76>>. Acesso em: 23 mai. 2019. doi:<https://doi.org/10.7147/GEO7.150>.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. Visualizing the Body: Western Theories And African Subjects. In: OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **The Invention of Women: Making an African sense of western gender discourses**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 1-30. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1987.

PETIT, Sandra Haydée; CRUZ, Norval Batista. Arkhé: Corpo, simbologia e ancestralidade como canais de ensinamento na educação. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação**, 31, Caxambu, Anais. São Paulo: ANPED, 2008. Disponível em <<<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT21-4159--Int.pdf>>> Acesso em: 5 mai. 2019.

PINHEIRO, Zairo Carlos da Silva; SAHR, Cicilian Luiza Löwen. **Imaginário e espacialidade vivida em narrativas quilombolas, Pimenteiras do Oeste – Rondônia, Brasil**. Ateliê Geográfico, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 160-176, maio 2016. ISSN 1982-1956. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/35129>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Da Porteira Para Fora: Mundo de preto em terra de branco / Ruy do Carmo Póvoas**. – Ilhéus : Editus, 2007.

QUINTANA, Alberto Manuel. **A Ciência da Benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

RACIONAIS MC'S. **Fórmula Mágica da Paz**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

RIVIÈRE, Claude. **Os Rituais Profanos**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

ROSENDAHL, Zeny. **Geografia e Religião**. Boletim Gaúcho de Geografia, 20: 96-99, dez., 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38184> Acessado em: 07 Ago. 2018.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e Sua Dimensão Espacial. In: CASTRO, IE de; GOMES, PC da C.; CORREA, Roberto Lobato. **Olhares Geográficos: Modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

ROSENDAHL, Zeny. **Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião**. Geografia: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 191-226, 2005.

ROUSSO, Henry. - 1996 - "A memória não é mais o que era", in: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina (orgs). **Usos e Abusos da História Oral**. -8ª Ed- Rio de Janeiro, FGV, 2006, p. 93-101.

ROUX, Michel. O re-encantamento do território (o território nos rastros da complexidade). In: SILVA, Aldo Aloisio Dantas da; GALENO, Alex. **Geografia: Ciência do Complexus**. Porto Alegre: Editora Sulina, p. 42-66, 2004.

RUSCHEINSKY, Aloísio; FORTUNATO, Elizabeth. A história oral na pesquisa social sobre espaço urbano. **BIBLOS**, [S.l.], v. 16, p. 25-36, dez. 2007. ISSN 2236-7594. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/408/93>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. MENEZES, Maria Paula (orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In SANTOS, Boaventura de Souza. MENEZES, Maria Paula (orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, F.V. **O ofício das rezadeiras**: um estudo antropológico das práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de Cruzeta-RN. Rio Grande do Norte. 2007. 297 p. Dissertação (Mestrado em antropologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Racismo e Antirracismo**: a categoria raça em questão. Psicologia Política. vol. 10. nº 19. pp. 41-55. Jan. – Jun. 2010. Disponível em: <<<http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/seer/ojs/viewarticle.php?id=204>>> Acesso em 17 Fev. 2019.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente: Perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**/ Vandana Shiva; tradução Daniela de Abreu Azevedo - São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, Ana Paula M. **Benedeiras Negras**: na benzedura a ressignificação da solidão e na busca pela cura a manifestação do amor. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2017.

SILVA, Claudia Santos da. **Rezadeiras**: guardiãs da memória. V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação, UFBA, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19161.pdf>

SILVA, Dayana; FRANÇA, Ednara. Plantas que curam: eficácia simbólica na religiosidade popular. **Anais dos Simpósios da ABHR**, v. 13, 2012. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/396> Acessado em 16 ago. de 2018.

SILVA, D.D.C. S & FRANÇA, E.C.O. **Plantas que curam**: eficácia simbólica na religiosidade popular. Anais dos Simpósios da ABHR, 13. 2012

SILVA, José Marmo da. Religiões e saúde: a experiência da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo , v. 16, n. 2, p. 171-177, Ago. 2007 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902007000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 7 jul. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902007000200017>.

SILVA, Márcia A. S. da. **Por Uma Geografia das Emoções**. *GEOgraphia* - Ano. 18 - Nº38 – 2016. ISSN 15177793. Disponível em: <http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/885/665> Acesso em: 19 jul. 2018.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo , v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X201700020002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 nov. 2019.

SODRÉ, Muniz. **A Verdade seduzida**: Por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2005. 3ª ed.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Vozes, 1988.

STRECK, Danilo R.. Encobrimentos e emergências pedagógicas na América Latina. **Rev. Lusófona de Educação**, Lisboa , n. 6, p. 55-66, 2005 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-7250200500020005&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 07 mar. 2019.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Gênero: uma palavra para desconstruir sentido e construir usos políticos. **História Unisinos**, v. 9, n. 2, p. 139-144, 2005.

TELLES, Edward E. **O Significado da Raça na Sociedade Brasileira**. Princeton;Oxford: Princeton University Press, 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRINDADE, C. S.; BERRUEZO, L. B.; SILVA, O. B. N. Ensino e aprendizagem das culturas afro-brasileiras: epistemologias e documentação cultural. **Revista Ciência em Extensão**. v.11, n.1, p.63-84, 2015. Disponível em <<https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/956>> Acesso em 13 jun. 2017.

VANSINA, Jan. A Tradição Oral e Sua Metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**, - 2.ed. rev -, p. 139-166, Brasília : UNESCO, 2010. Disponível em <<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000318.pdf>>> Acesso em 18 set. 2018.

VITORINO, Juliete. **Aprender a Cuidar da Nossa Saúde Olhando o Passado**. 2018. Disponível em: <<<http://blogueirasnegras.org/2018/02/12/aprender-cuidar-da-nossa-saude-olhando-o-passado/>>> Acesso em 20 set. 2018.

WALDMAN, M. **Africanidade, espaço e tradição**: a topologia do imaginário espacial tradicional africano na fala "griot" dobre Sundjata Keita do Mali. África, n. 20-21, p. 219-268, 9 dez. 1998. Disponível em: <<<http://www.revistas.usp.br/africa/article/view/75248>>> Acesso em 20 dez. 2018.

WERNECK, Jurema. Nossos Passos Vêm de Longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo In: **Vents d'Est, vents d'Ouest**: Mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux [en línea]. Genève: Graduate Institute Publications, 2009. ISBN: 9782940503827. Disponível em: <<<http://books.openedition.org/iheid/6316>>>. Acesso em 02 set. 2018.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

APÊNDICE

Quadro de Doenças

Os termos utilizados durante todo o escrito trazem em si grande diversidade, e algumas vezes se encontram distantes do que é utilizado pela medicina erudita. O tratamento, o espaço em que esse se ocorre, a terminologia utilizada para o corpo e para os males, a interpretação da doença e da situação que a desencadeia fazem ecoar as muitas faces da benzedura, influenciadas pela religião, pela forma do aprendizado, pela região, dentre outros fatores.

Na pretensão de compreender melhor as doenças, seus outros possíveis significados bem como conhecer alguns dos inúmeros métodos de cura, apresenta-se um quadro contendo informações relevantes para tanto. Sabe-se que algumas praticantes utilizam de um mesmo método para a cura de inúmeras doenças que fazem parte de seu repertório de atuação, mas também há quem utilize de rituais específicos para cada desequilíbrio, dessa forma, aponta-se a diversidade de rituais coletados.

A construção se deu através da utilização de elementos extraídos das entrevistas com benzidos para a presente dissertação, das narrativas das benzedadeiras, coletadas no TCC e também de referenciais trabalhados ao longo de escrito. Salieta-se que, assim como já apontado ao longo do trabalho, essas práticas não são padronizadas, tampouco os elementos utilizados ou divindades que têm seus poderes invocados nas rezas, jaculatórias e orações, no entanto, todos são banhados pela oralidade, imersos no poder da palavra, sendo um fator comum à todas elas.

Os rituais apresentados são apontados enquanto possibilidades, mas de modo algum limitam ou findam o acervo de cura que as praticantes possuem.

Quadro 12: Principais doenças tratadas por benzedadeiras

Nome Popular	Possíveis Significados ou Sintomas	Benzedura Utilizada
Afolozada	Aumento na abertura vaginal após parto normal (ocorria com mais frequência antigamente devido à dificuldade de acesso ao sistema de saúde) ou complicações pelo não cumprimento do período de quarentena.	Cobrir ramos de arruda com cachaça pura e incinerar, após o fogo se apagar, beber o líquido que ficou durante 03 dias.
Bronquite	Inflamação dos brônquios	<p>1 – Durante três sextas-feiras, sendo preferencialmente uma delas a sexta-feira santa, benzer com lesmas, passando o animal no peito e nas costas do indivíduo adoentado.</p> <p>2 – Medir o indivíduo em uma estaca de madeira e fixar um prego como marca de sua altura. Conforme ultrapassa o prego obtém-se a cura.</p> <p>3 – Nas primeiras horas da manhã ir com a criança doente em um curral, levantar um dos bois deitados e colocar a criança no mesmo lugar, que estará quente. Fazer durante três sextas-feiras santas.</p>
Brotoeja	Vertueja; Erupção na pele de criança recém-nascida	Colocar um caco de telha no fogo até ficar abrasado, depois colocar na água de banho da criança.
Cabeça de prego	Furúnculo	Tomar o chá de casca de chifre de bode (árvore) 03 vezes ao dia durante 07 dias.

<p>Carne triada Carne quebrada Nervo rendido Osso partido Osso ofendido</p>	<p>Torção e/ou luxação</p>	<p>Com agulha, linha e tecidos, todos novos, coloca-se o tecido sobre o local a ser curado. Inicia-se o ritual de costura simbolizando a carne que está sendo unida novamente e o sangue que volta a ser canalizado. Esse ritual é composto também por pergunta e resposta entre benzedeira e enfermo, que recitam “O que eu coso?” O doente responde “carne quebrada, nervo rendido, osso ofendido”. Repete-se por três dias.</p> <p>Os materiais utilizados podem ser colocados em corpos d’água, jogados no telhado, enterrados em um lugar por onde o curado não passe ou enterrado em um cupinzeiro, a escolha é de acordo com as características da praticante.</p>
<p>Cobreiro</p>	<p><i>Herpes Zoster;</i></p> <p>- Irritação de pele causada por animais peçonhentos e insetos;</p>	<p>1 – Benze-se o local com um ramo de arruda e água, depois corta-se o ramo em pequenos pedaços e coloca-os para secar. À medida que se secam os pedaços, cicatriza-se o cobreiro.</p> <p>2 – Risca-se com caneta em volta do cobreiro. Em alguns casos escreve-se no local “Maria, valei-me”;</p> <p>Algumas praticantes acreditam que se não houver o “corte” do cobreiro quando ele termina a volta por aquela parte do corpo e encontra sua outra extremidade o indivíduo morre.</p>

Desconfiada	Ascaridíase (vermes)	<p>1 – Torra-se um chifre de carneiro e raspá-lo após o processo. Utilizar as raspas juntamente com folhas de hortelã para fazer um chá que deve ser consumido por 03 dias.</p> <p>2 – a benzedeira enrola nove vezes um pedaço de linha preta em seu dedo indicador, em seguida, com o auxílio de uma tesoura, corta a linha e coloca os pequenos pedaços em um copo d'água. Se as linhas afundarem as lombrigas estão “calmas”, caso bóiem significa que estão assustadas. A água contendo os pedaços de linha é jogada em água corrente.</p>
Dor de sol Sol na cabeça	Dor de cabeça por ficar muito tempo exposto ao sol	Coloca-se um pano branco sobre a cabeça e emborca-se nele um copo d'água enquanto pronuncia os encantamentos. A água do copo ferverá, o que significa que a doença está saindo.
Encaio Encalho	Sensação de estômago estufado, má digestão e prisão de ventre	<p>1 – Utilizando uma linha preta condizente com o tamanho da cintura do benzido a praticante enrola a linha em volta de um ovo enquanto realiza suas preces e encantações. Quando esta já está completamente enrolada leva-se o ovo até o fogão com a ajuda de um objeto de metal, como uma colher. Se o ovo estourar de forma inesperada significa que o doente estava com encalho forte.</p> <p>2 – Enquanto a benzedeira verbaliza sua prece utiliza óleo ou azeite morno para fazer o sinal da cruz na barriga do benzido.</p>

<p>Erisipela Ezipra Febre de Sto. Antônio Izipa Mal-do-monte Mal-da-praia Zipa</p>	<p>Infecção na pele causada por bactérias.</p>	<p>1 – Para o ritual são utilizadas erva-mate, terra e água, que são misturadas até que se tornem uma pasta. Essa mistura deve ser passada no local afetado e depois jogado na terra.</p> <p>2 – Utilizando azeite, um pires e uma pena de galinha, a pena é molhada no azeite que está no pires e passada em sinal de cruz sobre o benzido. Após o término do ritual os elementos devem ser descartados em um espaço em que o benzido não passe.</p>
<p>Espinhela Caída Arca aberta Arca caída Bucho virado Mal de sete dias</p>	<p>Deslocamento do osso do meio do tórax. Causa vômito, dores fortes nas costas, estômago, tórax e pernas. Pode ocorrer de deixar uma perna e/ou um braço mais longo que o outro. Ocorre em adultos e crianças, geralmente por carregar excesso de peso ou por movimentos bruscos.</p>	<p>1 – Para saber se a espinhela está caída algumas praticantes medem com uma linha a distância do dedão ao cotovelo, e essa medida deve ser a mesma da distância de um ombro ao outro, caso não seja, é constatado o mal e então ocorre a benzedura que pode ser com ramos e água.</p> <p>2 – Outra possível benzedura se dá com o doente se esticando pendurado em um galho de uma árvore enquanto a benzedeira faz as preces.</p> <p>3 – é comum também a utilização de uma toalha que é passada em volta da região do tórax e fica presa bem firme enquanto a praticante dá seguimento ao ritual de benzedura.</p>

<p>Fogo selvagem Fogo morto Fogo de Sto. Antônio</p>	<p>Pênfigo; Bolhas na superfície da pele que se espalham pelo corpo, depois que estouram deixam feridas com crostas, o indivíduo sente muita ardência e dor no local.</p>	<p>A reza é feita por nove vezes, pode ocorrer a utilização de vassourinha/ vassoura-rainha/ vassoura de Nossa Senhora (<i>Scoparia Dulcis</i>) e um copo com água para benzer. Acredita-se que quando uma planta é utilizada para benzer, como nesse caso, por respeito ela não pode ser utilizada para outras coisas, como por exemplo varrer o quintal.</p>
<p>Garganta</p>	<p>Dor de garganta por inflamação</p>	<p>Para o ritual necessita-se de uma fita azul e azeite. Embebeda-se a fita no azeite amornado, em seguida ela é enrolada no pescoço do benzido. Com o final da benzedura a fita deve ser enterrada.</p>
<p>Impinge Impiche</p>	<p>Infecção na pele causada por fungos</p>	<p>1 – A benzedura é feita de manhã, com a praticante ainda de jejum. Durante a benzedura é passado o dedo molhado com saliva da benzedeira em volta da impinge. No final do ritual colocam-se as cinzas sobre a ferida. O ritual é feito durante três dias de manhã.</p> <p>2 – O benzido deve ser colocado de frente a uma laranjeira. A benzedeira entrega uma folha da árvore para que esse mastigue e depois a devolva. Quando termina o processo de orações a folha é passada em forma de cruz em cima da ferida e depois é descartada.</p>

<p>Mau-olhado Olhado Olho-gordo Olho ruim</p>	<p>Sensação de estar energeticamente pesado, oprimido. Geralmente é diagnosticado pelas praticantes quando o indivíduo dorme de olho aberto, está com o suor muito salgado ou boceja várias vezes seguidas. Pode atingir pessoas, animais e objetos.</p>	<p>Com um galho de laranjeira e um copo d'água a benzedeira faz o sinal da cruz da cabeça aos pés do benzido, com o galho embebido na água. O ritual é feito durante três dias.</p>
<p>Quebranto Quebrante</p>	<p>Acredita-se que o quebranto se dá quando o mau-olhado deixa o indivíduo adoentado. São comuns sintomas como abatimento, falta de energia e desinteresse.</p>	<p>Utiliza-se arruda e um copo d'água. Mergulha-se o ramo na água e benze passando-a pelo corpo do doente, por fim, coloca-se o galho no copo, se afundar é constatado que o indivíduo estava repleto de quebranto, então se deve ir até o portão da rua e jogar a água com a arruda por cima do ombro do benzido, que deverá estar de costas para a rua.</p>
<p>Rebate</p>	<p>Leite empedrado no seio da lactante</p>	<p>Já no decorrer das encantações, com o bebê deitado de bruços no colo massageiam-se suas costas com um pouco de banha de porco. Na região correspondente ao umbigo da criança quando de frente deve ser puxada a pele. O ritual deve ser feito três vezes durante três dias.</p>

Sapinho	Feridas na boca que ocorrem principalmente durante a primeira infância.	<p>1 – Macerar dois tomates-cereja verdes. Utilizando um tecido preto embebedá-lo na polpa do tomate e passar no interior e exterior da boca da criança.</p> <p>2 – Para esse ritual utilizar três folhas de espada de São Jorge, faca e tábua. Passa-se a folha na boca da criança fazendo o sinal da cruz enquanto profere encantações, sem seguida, utilizando os demais elementos, corta-se nove vezes as folhas. Repetir durante três dias.</p>
Terçol	Inflamação nas glândulas localizadas nas pálpebras.	Coloca-se uma agulha no terçol com a ponta virada para cima enquanto pronuncia “eu te furo”, em seguida vira-se a ponta da agulha para baixo com os dizeres “eu te cutuco”. Repete-se a sequência por três dias.
Vento caído Vento virado Ventre virado	Quando uma criança pequena é erguida acima da cabeça de um adulto e se assusta.	Utiliza-se de azeite que deve molhar o dedo para fazer o sinal da cruz na testa da criança. Depois o azeite deve ser passado na barriga, por fim junta-se os dois pés da criança enquanto é feito o sinal da cruz sobre eles. Após isso leva-se as pernas da criança em direção ao abdome por três vezes. Todo o ritual é permeado por preces, e deve ser feito por três dias seguidos antes do anoitecer.

Verruga Berruga	Proliferações na pele causadas por Papilomavírus humano (HPV)	Cortam-se três galhos de uma árvore. Logo após os galhos são picados enquanto a praticante faz a oratória dizendo que conforme a secagem dos pedaços de galho será a das verrugas. Em seguida os pedaços são enrolados em um tecido e colocados para secar perto do fogão ou fornalha.
--------------------	---	--

Fonte: Da autora, 2019.

Com a apresentação dessas possibilidades é possível visualizar a amplitude das concepções imersas na prática do benzer, numa linguagem que por vezes aproxima o enfermo da compreensão de seu adoecimento, assim como compreender a aplicação de alguns elementos nos ritos praticados. A benzedura, enquanto saber popular, manifesta, em sua idiossincrasia híbrida, os conhecimentos fundamentais para um povo, adaptados ao contexto no qual estão inseridos e aos dispositivos que dispõem dentro dele.